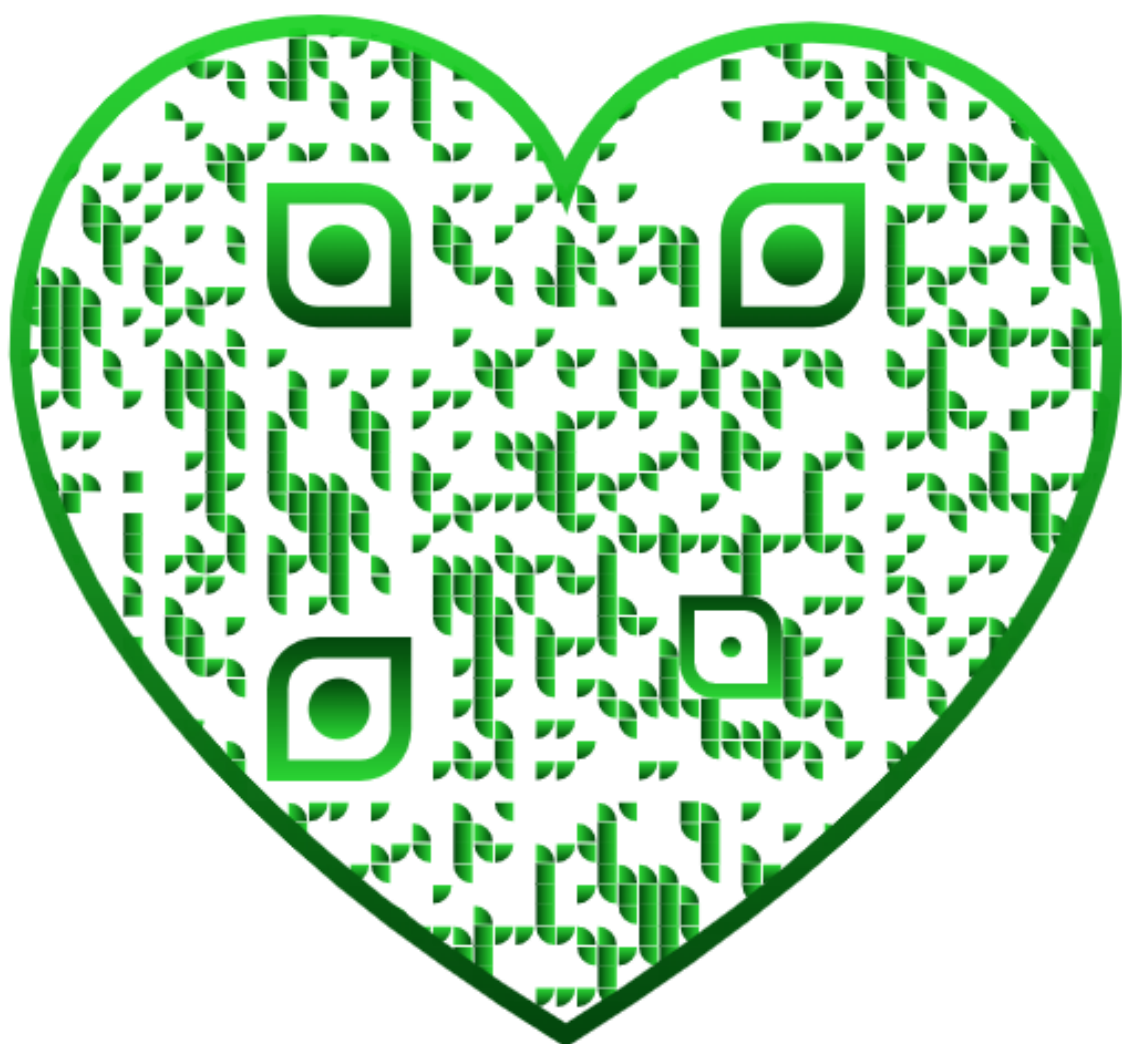


THE V GAMES SERIES

# V L A D

*bestselling authors*

KER DUKEY  
K WEBSTER





**Ker Dukey & K. Webster**

#1 Vlad

Série The V Games



**Tradução Mecânica: Bia Z.**

**Revisão Inicial: Bruna, Joana, Larissa, Fernanda**

**Revisão Final: Malu, Asli**

**Leitura Final: Mika**

**Data: 04/2019**

Vlad Copyright © 2018 Ker Dukey & K Webster

## SINOPSE

O nome Vasiliev é poderoso.

Nós governamos com punho de ferro e fazemos isso bem.

Sendo o mais velho, sou a melhor esperança do Pai para nos manter no topo da cadeia alimentar.

Tudo o que faço tem propósito.

Tudo que faço tem razão.

Até ela.

Eu jogo meus jogos pensando vários movimentos a frente.

Poder. Poder. Poder.

Até ela.

O próximo passo requer que eu me case e logo.

Isso nos fortalecerá e garantirá nossa posição.

Mas não vou casar com ela.

Vou casar com a Volkov mais velha.

O problema é que sua irmã mais nova é aquela que desperta meu coração morto.

É ela que eu quero na minha cama e ao meu lado para sempre.

Ela. Ela. Ela.

Este jogo, porém, não é sobre o que eu quero.

Mas talvez possa ser sobre o que ela quer.

Eu sou Vlad.

Vil. Vicioso. Vilão. Vasiliev.

E eu vencerei eventualmente.

# *A SÉRIE*

## The V Games

Ker Dukey & K. Webster



## **The V Games – Personagens**

*(por ordem de poder e influência)*

### *Famílias Principais:*

**Família Vasiliev** (Anfitriã do The V Games – drogas/tráfico humano/negócio de armas)

Yuri – pai (Pakhan<sup>1</sup>) (52)

Vera – mãe (45) Deixou-os logo depois que os gêmeos nasceram.

Vlad – irmão mais velho (22)

Vika – irmã gêmea (18)

Viktor – irmão gêmeo (18)

**Família Vetrov** (tráfico humano/ramo imobiliário e construtora legítimos)

Yegor – pai (Pakhan) (59) - Anna – mãe (45) Falecida

Veniamin ‘Ven’ – irmão mais velho (28)

Niko – irmão do meio (18) Falecido

Ruslan – irmão mais novo (17)

**Família Volkov** (donos da Volkov Spirits e outros vários negócios)

Leonid – pai (Pakhan) (55)

Olga – mãe (46)

Diana – irmã mais velha (24)

Irina ‘Shadow’<sup>2</sup> – irmã mais nova (18)

Vas – filho da empregada (18)

Anton – guarda-costas de Diana (51)

---

<sup>1</sup> Pakhan é o nome dado aos chefes das organizações mafiosas russas.

<sup>2</sup> Sombra



**Família Vokoboynikov** (óleo e gás)

Iosif – pai (Pakhan) (61)

Veronika – mãe (55)

Ivan – irmão mais velho (30)

Artur – irmão mais novo (28)

Alyona – irmã mais nova (19)

Famílias Secundárias:

**Família Orlov** (importantes traficantes de droga)

Arkady – filho primogênito (28)

**Família Koslov** (traficantes de armas menores)

Stepan – único filho (19) Novo aprendiz de Vlad no The V Games.

**Família Egorov**

Outros personagens:

Oleg – traficante de armas de Vlad

Darya – garota no porão

Rada – criada dos Vasiliev

Danill – compradora de mulheres de Vlad

Vil.

Vilão.

Violento.

**Vasiliev.**



# Prólogo

Vlad

***The V Games<sup>3</sup>...***

Um pai cria seus filhos e os molda à medida que crescem para que eles possam entrar no mundo como alguém com o potencial para ser o máximo. Ele faz isso dando bom conselho, incentivo e orientação.

E acima de tudo: amor.

Ou foi o que me disseram.

Quando você é um Vasiliev, você não entra no mundo com o potencial para ser o máximo, você *é* o máximo. Você é mais do que o máximo. Você é o fodido melhor.

Porque o Pakhan exige isso.

Brilhante. Astuto. Selvagem, porém, refinado.

Sob o reinado do Pakhan, você não aprende apenas como jogar jogos, mas como ganhar todos eles. Mulheres, poder, dinheiro - tudo ao seu alcance se você seguir as rigorosas instruções dele.

Homens Vasiliev não são fracos.

Homens Vasiliev não se curvam para ninguém.

Homens Vasiliev são reis.

Regras do Pakhan, jogos do Pakhan, mundo do Pakhan.

E porque nós compartilhamos seu sangue, tudo é nosso também.

— Boa sorte, irmãozinho. — eu murmuro para o meu irmão enquanto aperto a parte de trás de seu pescoço como um gesto de afeto.

Viktor volta seu olhar para mim. Seus olhos âmbar cintilam com antecipação. Aos dezoito anos, ele está prestes a entrar no The V Games. Forte. Inteligente. Um jogador magistral. Meu irmão ganhará os jogos e solidificará ainda mais o poder da minha família em Kazan.

Homens Vasiliev não perdem.

---

<sup>3</sup> Os Jogos V, este nome dos jogos será deixado em inglês.

— A sorte é para os fracos, — ele diz, um sorriso travesso em seu rosto jovem. — A sorte é para pessoas preguiçosas que não querem trabalhar pelo que querem. — Apesar do tom de brincadeira em sua voz, não posso deixar de notar o quanto ele soa como o Pakhan.

Arrogância é uma característica Vasiliev que só funciona bem em um homem velho que experimentou de tudo.

Arrogância é tola em um garoto que mal virou homem.

Ele pode ser meu irmão mais novo, mas meus instintos são provavelmente mais paternos por natureza do que os do nosso pai. Eu quero agarrar Vik pelos ombros e dar-lhe uma boa chacoalhada. Ele precisa de uma dose de realidade. As víboras em nosso mundo ficam à espera, ansiosas para levar os ovos de ouro que nós temos trabalhado tão duro para criar.

— Fique vivo, — eu digo, balançando a cabeça. — Esvazie sua cabeça um pouco e não ignore o que está bem na sua frente, pensando que pode eliminar tudo que rastejar atrás de você. Seus olhos devem estar em todos os lugares - dentro e fora da arena. — Eu estendo uma adaga dada para mim pelo meu pai. — Aqui. Você precisará disso.

Ele pega a adaga da minha palma e inspeciona o brasão gravado na lâmina. Nosso brasão de família. Uma águia imperial de duas cabeças. Quando Viktor completar o The V Games, outra cabeça será adicionada.

Poderosa.

Inabalável.

Brutal.

Uma trindade de três homens que solidificarão o futuro de nossa família, facilmente regendo um mundo incontrolável, usando sua luxúria e devassidão contra ele. Um reino montado onde não há reis ou camponeses literais. Um mundo criado por meu pai para ser regido por seus filhos.

Os homens Vasiliev acessam seus anseios mais profundos e mais sombrios. Nós encontramos os desejos mais verdadeiros deles, dando-lhes um parque de diversões do diabo dentro do The V Games. Tudo o que fazemos é para encorajar a sua escuridão. Nós apresentamos a eles como uma ampola cheia de heroína esperando para ser injetada. Tudo o que eles têm a fazer é empurrar o êmbolo.

Viktor me dá um aceno de cabeça, seus olhos ardentes brilhando com determinação. Sua arrogância fica em segundo plano enquanto a adrenalina o alimenta adiante. O olhar juvenil em seu rosto endurece como o olhar de nosso pai.

Ele vencerá.

Eu o tenho treinado exatamente como meu pai me treinou.

Feroz. Mortal. Brutal. Astuto.

Único vencedor.

Nós pensamos a muitos, muitos, muitos movimentos à frente.

É o modo Vasiliev.

— Bem-vindo ao The V Games, — o locutor ressoa pelo microfone. Uma arena cheia de espectadores ruge do outro lado das portas e adrenalina bombeia nas minhas veias.

Em mais vinte e quatro horas, a mesma arena gotejará com sangue, fedor de sexo e ficará repleta de cadáveres.

*Fique vivo, irmão.*

Quando as portas se abrem, a multidão se torna ensurdecadora. Eu assisto com dentes cerrados quando meu irmão vagueia para fora da segurança, para a luta. As portas se fecham atrás dele, sugando minha respiração junto com elas.

— Ele gosta de ganhar, Vlad. — Vika, minha irmã e a gêmea de Viktor, ronrona quando ela vem para ficar em pé ao meu lado. Seu perfume de rosas sufoca qualquer pessoa que ela se aproxima, e não estou imune. Eu tenho certeza que é um jogo de poder. Ela é uma mulher, e as mulheres Vasiliev têm um papel muito diferente do que os homens. Elas são peões no nosso jogo - usadas para se casar e fortalecer os laços entre famílias que nós precisamos em nossa corte. Eu tento prender a respiração, mas meus olhos lacrimejam de seu enjoativo fedor floral. Cheira a desespero e fraqueza. Ela esteve trocando ultimamente sua doce inocência a favor deste ato dissimulado. Eu tenho visto ela flertando e atraindo os homens que nos rodeiam para notarem seu florescimento.

O problema com Vika é que ela nunca teve uma figura materna, ou qualquer mulher, para mostrar a ela o jeito correto de se portar, e parece que ela está imitando o comportamento das putas do nosso pai que estiveram indo e vindo ao longo dos anos. É um jogo que ela acha que dominou, mas ela está errada. Doce e inocente serviria muito melhor do que este ato desesperado.

— Os homens Vasiliev sempre gostam. — eu digo a ela calmamente, sem inflexão na minha voz, apesar do meu desejo de oferecer a ela conforto neste momento. Afeição pode ser usada como uma arma quando dada às mulheres, especialmente uma tão astuta como nossa querida irmã.

— Você soa como Otets. — *pai*. Ela semicerra os olhos.

Eu estufo meu peito em um pequeno show de domínio. — Eu aceitarei isso como um elogio.

Ela se enfurece, e eu seguro um sorriso forçado. O que minha irmã não percebe é que ela pode carregar nosso sobrenome, mas ela é outra víbora faminta por um ovo de ouro. Falsa e egoísta. Eu a amo, mas não sou estúpido. Ela se esgueira por aí com meu melhor amigo há tempos, Niko Vetrov, pensando que ela tinha o poder de determinar seu próprio destino. Ela nasceu uma Vasiliev, portanto a necessidade por supremacia está em seu sangue. No entanto, nem sempre será assim. Ela se casará e seu nome mudará. Minha irmã acha que ela não foi apanhada competindo pela atenção de Veniamin, irmão mais velho do seu namorado Niko. Ela quer o próximo na sucessão - e não o segundo. Apesar de quase destruir minha amizade com Niko no processo. Eu estou irritado por ela ter feito esta bagunça tão grande para conseguir o que queria.

— Onde está Niko? — ela pergunta, como se estivesse lendo minha mente, virando seus olhos castanhos para mim. Eles brilham com satisfação. Seu olhar está desesperado para encontrar qualquer sinal de minha fraqueza - uma maneira de entrar.

Ela não encontrará nenhuma.

Pakhan me ensinou bem.

— Talvez você devesse ligar para ele, — eu digo, um sorriso agradável adornando meus lábios. — Ele é seu namorado, não meu.

Suas narinas dilatam e ela cruza os braços sobre o peito. Ela quer que eu abra o bico. Para dar uma cortada nela e acusá-la das coisas que nós dois sabemos que ela tem feito. Minha irmã quer se sentir no controle, mas estes são *meus* jogos.

Eu poderia dizer a ela que talvez ela devesse verificar o quarto de Viktor, já que é onde ele deseja estar - apenas para irritá-la. Mas isso seria infantil. O jeito como eu jogo é muito, muito mais obscuro.

A afeição de Niko pelo meu irmão não é sutil, mesmo que ele tente fazer com que seja. É por isso que a ligação dele e Vika veio como um choque. Os planos dela para usar Niko, para chegar à Ven, são amadores e transparentes para todo mundo - especialmente para mim.

De qualquer forma, ela é ingênua, e só pensou em uma única grande jogada pela frente.

E enquanto ela pode pensar que venceu a curto prazo, eu tenho cada movimento traçado até o dia em que ela morrer. É parte do meu dever. Nosso pai insiste nisso. Ela é uma peça de xadrez para ser

movimentada quando necessário, então nós a deixamos ter seus jogos por agora. Ela vai se casar com Niko. Vika fez sua cama, e agora ela será forçada a deitar nela.

No entanto, ela não vence o jogo final.

Seu futuro já está escrito e estou segurando a caneta.

# Capítulo Um

Irina

***Uma semana depois...***

Essas coisas são tão chatas e irritantes. Um desperdício de tempo. Meus dedos coçam para escrever no meu diário - para rabiscar nele todas as frustrações fervilhando por dentro - apenas esperando que alguém me sacuda como uma lata de refrigerante e assista a explosão do caos. Em vez disso, a tinta exibirá meus pensamentos escritos em rabiscos urgentes assim que eu chegar em casa e jogar este vestido de volta no armário da minha irmã, onde ele pertence. Por que eu devo comparecer a essas coisas me confunde. Normalmente eu sou vista, mas não ouvida – conduzida à distância, na sombra da minha incrível irmã, Diana.

Honestamente, eu fico feliz por estar lá, se não puder estar em nenhum outro lugar.

Meu cérebro está ficando entorpecido, e eu estou prestes a cair em um poderoso cochilo se esse cara continuar falando sobre o quão perfeito Viktor é - foi - e o quão triste e injusta sua morte precoce é... foi.

Viktor foi tão impulsivo e brutal como o resto da família Vasiliev. Sua morte veio a ser uma surpresa, mas sentar aqui fingindo que ele morreu fazendo algo heroico é um exagero.

Eu realmente gostava dele. Não que ele alguma vez me notou, mas tinha esta atmosfera sobre ele. Um encanto hipnótico. E é uma vergonha, que aos dezoito anos, ele achou que tinha que provar seu valor ao entrar neste jogo tão cruel, degradante e sádico. O que é mais vergonhoso é que o seu pai permitiu que ele participasse. Encorajou-o a fazer isso.

The Games é a espinha dorsal de todos os impérios das nossas famílias. É o que nos mantém no topo da cadeia alimentar. Alimenta os ricos, seus desejos e depravações, e eles manterão suas carteiras gordas e sua influência por toda parte.

Meu pai é um patrocinador e, sem o meu conhecimento, antes da morte de Viktor, ele também estava esperando adquirir parceria através do casamento. Não o dele, é claro. É para isso que as filhas são criadas.

Desgraçado.

Tirando um frasco do meu bolso interno do casaco e discretamente abrindo a tampa, eu levo a garrafa para os meus lábios e tomo um grande gole. A queimadura incendeia um caminho quente pela minha garganta e se instala no meu estômago. Uma senhora mais velha sentada ao meu lado esquerdo me olha, aversão enrugando seus lábios.

*Foda-se, senhora.*

Este é o segundo funeral que fui obrigada a assistir esta semana. Viktor eu teria que vir com certeza. Os Vasilievs *são* o fodido Games, pelo amor de Deus. Meu pai demonstrou quanta fé ele tinha em Viktor ao apostar uma grande quantia nele nas competições.

Agora, esse dinheiro se foi. Alguém tinha posto um preço sobre a cabeça de Viktor, é o que se diz, mas quem ordenou pode nunca ser descoberto. Deus os ajude se isso algum dia acontecer. É regra que nenhuma retaliação pode vir de uma morte realizada dentro da arena, mas nosso pai, o astuto Leonid Volkov, não joga pelas regras de ninguém a não ser as suas, e os Vasiliev com a fodida certeza também não.

Ele está mais do que bravo.

E quando o meu querido velho pai está bravo, ele acerta as contas. Dentro de alguns meses a partir de agora, eu aposto que ele terá um plano para ficar quite. Eu me encolho apenas pensando sobre o que isso pode significar.

O álcool se acumula no meu estômago, pedindo-me para comer algo para absorvê-lo. Beber é fora do normal para mim, mas a jovem rebelde dentro de mim está gritando para ter permissão para assumir o controle por um tempo.

Eu gosto dela.

E quando ela está fora, é difícil enfiá-la de volta para dentro.

O suave murmúrio do vento sacudindo as portas da igreja me lembra por que eu nunca uso vestidos. Se não fosse pelo álcool aquecendo meu sangue, eu seria um picolé agora. A igreja está cheia, mas há um vazio estranho na atmosfera, causando um arrepio que corre através de mim.

O meu olhar procura por *ele*. Vlad Vasiliev. Forte. Formidável. Bonito. Seu cabelo escuro está com gel em um estilo que me faz desejar



correr meus dedos por ele e bagunçar tudo. O pensamento de ele tendo cabelo bagunçado alguma vez em sua vida, me faz sufocar uma risadinha altamente imprópria.

Talvez eu devesse me acalmar com um gole do frasco.

Eu deixo meus olhos se fixarem no flexionar do seu maxilar. Todo o humor se dissipa enquanto eu aprecio o músculo em seu pescoço flexionando de vez em quando. Eu imagino qual seria seu gosto exatamente ali. Ele está sentado à direita, bem na minha frente. Se eu me inclinar para a frente, provavelmente poderia cheirar o shampoo que ele usa. Aposto que é algo caro e masculino.

Eu endireito minhas costas e aperto minhas coxas. A senhora ao meu lado se desloca e percebo ela me observando enquanto eu examino Vlad. Ignorando seu lábio franzido nem um pouco disfarçado, eu continuo minha sondagem visual. Não é sempre que eu consigo estar assim tão perto dele e olhar descaradamente.

O terno que ele está usando se ajusta em seus ombros largos como uma segunda pele, sem uma ruga ou fiapo para ser visto. Sua aparência elegante é como sua armadura - ela desencoraja as pessoas de até mesmo se aproximarem dele. Eu certamente nunca me aproximei.

Domínio, dinheiro e supremacia emanam dele aos montes, como um campo de força que ele tem evocado por absoluta força de vontade.

Eu o estive observando nos bastidores desde que eu podia andar. Aprendendo, desmontando e ansiando, apesar do meu cérebro desejar que eu não fizesse. Mas é impossível não fazer. Ele é o meu vício favorito.

Eu o absorvo como o ar nos meus pulmões e respiro.

Ele parece mais bravo do que triste, com base no jeito que está rangendo os dentes e quão tenso ele está. Imagina, esses idiotas estão provavelmente mais putos que o Viktor deles não conseguiu vencer do que estão por perder um ente querido.

Minha irmã me disse um segredo no dia que Viktor morreu - um que virou a minha vida toda de ponta cabeça. Ela seria prometida a Viktor. O Pakhan já estava em negociações para o casamento arranjado deles, e ela ia ser sua esposa - uma viúva se o The Games tivesse acontecido meio ano depois. Outra razão pela qual o Pakhan estava furioso. É quase como se ele culpasse Yuri Vasiliev por sacrificar seu filho mais novo para evitar a união deles.

Toda a minha vida, minha mãe prometeu que nossas vidas não seriam como a dela. Que nossos casamentos seriam *nossa* escolha e não o que beneficiasse a família.

Eu tinha quase acreditado nela também.

No entanto, quando ela não conseguiu produzir um filho para o meu pai, ele começou a treinar minha irmã e eu para o negócio da família. Certificou-se de que nós fôssemos fluentes em cinco idiomas e pagou por escolas particulares e tutores para construir nosso conhecimento sobre o mundo que nos rodeia. Ele foi ainda mais longe, fazendo-nos viajar para sermos educadas nas culturas dos países que ele achou que eram importantes. Ele reforçou que, só porque nós éramos mulheres, não diminuía nosso valor ou poder quando se tratava de negócios, não se nós não quiséssemos.

Nós não seríamos obrigadas a fazer um marido feliz enquanto ele administra um império, porque nós teríamos nosso próprio império e amor. O dever não governaria nossos destinos.

Mentiras. Mentiras. Mentiras.

Minha alma murchou no dia que minha irmã me contou do plano do nosso pai para casá-la com Viktor. Ele tinha apenas dezoito anos, o mesmo que eu. Diana tem vinte e quatro, e para meu espanto e decepção, ela ia com isso até o fim. As palavras, 'isso será bom para a nossa família', caíram de seus lábios como cianeto, envenenando o respeito e a admiração que eu carreguei por ela toda a minha vida. Ela soou exatamente como o Pakhan.

E se ele tem planos para ela se casar, então isso significa que eu serei a próxima, e o negócio que nós estivemos conhecendo para assumir desde que podíamos falar, será fundido com a família Vasiliev. É uma boa estratégia de negócios, mas fortalece os Vasiliev mais do que qualquer outra coisa. Espera-se que nós iremos deitar de costas e produzir herdeiros para nossos maridos como se fosse o século dezoito.

Eu me pergunto se Diana está triste que seu prometido se foi ou se ela está secretamente feliz...

Ponderando estes pensamentos, eu dou outro gole, desesperada por mais da entorpecente queimação, e corro minha mão sobre o vestido preto reunido em camadas grossas sobre as minhas coxas. O material coça e há uma corrente de ar subindo pela parte de trás das minhas pernas.

Uma cotovelada no meu quadril faz com que eu quase derrame o licor do frasco.

Eu silvo e enrugo o nariz para minha irmã sentada à minha direita. Os lábios dela se levantam em um sorriso torto, depois rapidamente voltam para duas linhas carnudas vermelhas, estoicas. Só minha irmã poderia parecer sofisticada com batom vermelho em um funeral.

Sua mão se moveu sobre a minha, pegando a garrafa e fechando a tampa.

Desmancha-prazeres.

Eu a arranco de volta, mas minhas mãos estão congelando, e eu me atrapalho para agarrá-la, deixando-a cair dos meus dedos e fazendo barulho no chão da igreja, escorregando para debaixo do banco na minha frente. Eu me encolho internamente e começo a torcer meu brinco para acalmar meus nervos.

Os olhos da minha irmã se arregalam com horror quando Vlad se vira em seu assento, na nossa frente. Está quase em câmera lenta para o meu coração galopando.

*Tum. Tum. Tum.*

Minha respiração ficou presa na minha traqueia quando suas órbitas âmbar escuras voam na minha direção. Estreitas. Irritadas. Ferozes.

*Tum. Tum. Tum.*

Maldição, minha cabeça gira como se eu estivesse bebendo um licor de teor alcoólico mil e não apenas oitenta.

Minhas pálpebras tremulam sem permissão, e meu estômago dá um nó. É a primeira vez em toda a minha vida que ele já olhou diretamente para mim como se me visse como mais do que uma criança. Dezoito anos, e nenhuma vez alguém me impactou apenas com um olhar.

Minhas entranhas gelam e meus pulmões lutam por ar. Eu estou paralisada. Se os olhares pudessem incinerar, eu seria um sopro de fumaça agora.

A irritação dele me incomoda e me excita tudo de uma vez. Eu encontro meus lábios se mexendo apesar da mão da minha irmã chegando sobre a minha para dar um aperto em aviso.

Eu quero provocá-lo e manter sua raiva, seus olhos, sua atenção, todos em mim. Para mergulhar neles – para deixá-los encharcar minha pele para que eu possa me lembrar qual é a sensação.

‘*Por que não é um caixão aberto?*’ — Eu quero perguntar. A gata curiosa dentro de mim tem se perguntado isso desde o anúncio da

morte. Em vez disso, eu apaziguo minha irmã e meu pai, que estaria com raiva se ele soubesse que eu estive bebendo e interrompendo um funeral de uma das outras Famílias Principais.

— Desculpe, — eu ofereço com uma gagueira e um encolher de ombros, mas sua cabeça já voltou para a frente e ao centro, e minhas palavras atingem o ar, dispersando-se no nada. Meus braços me envolvem na cintura e eu me encolho para o segundo plano, de volta para Irina - de volta para a sombra que eu sempre fui.

Eu não sou assim rebelde - nem uma mulher que poderia estar com um homem como ele.

Eu sou apenas uma garota, uma garota Volkov, que fará o que lhe é dito e viverá como um pássaro com uma asa ferida, querendo muito voar para longe e fazer sua própria vida, mas presa, incapaz de voar.

Eu sou a garota quieta. Minha irmã pega o banco do motorista enquanto eu me sento atrás, despretensiosa e observadora. Um choro chama a atenção da maioria dos convidados, e eu sigo a curiosidade deles até ver Vika, a irmã gêmea de Viktor, soluçando e agarrada a Veniamin Vetrov. Ele está segurando-a com um braço sem sequer olhar para ela desabada, seu corpo mole, moldado contra ele como sorvete derretido. Ela está usando um vestido rosa que é quase inapropriado para um clube, muito menos um funeral na igreja.

Vlad atrai meus olhos. Novamente. Eu quero ver sua emoção, sua empatia por sua irmã. Em vez disso, ele rola a cabeça sobre aqueles ombros impressionantes, e o flexionar em seu maxilar está de volta.

Eu retiro meu bloco de notas do bolso e deixo o lápis rodopiar sobre o papel. Minha mente fica em branco e o lugar se fecha até que não haja nada além da escuridão - exceto Vlad na minha frente.

A calma me inunda enquanto eu estudo suas características, a pele bronzeada escura esticada sobre sua impressionante estrutura óssea. Queixo acentuado. Nariz bonito e reto. Cílios pretos emplumados espalhados sobre olhos escuros penetrantes. Quando ele me prendeu a eles momentos atrás, eram como raios âmbar rodando em torno de um eclipse. Você sabe que você deveria desviar o olhar para evitar danos, mas é uma visão tão rara que você não consegue evitar de olhar diretamente para eles.

Eu estou cega por ele.

Movimento passa rápido à minha volta, expandindo o lugar e trazendo-me de volta ao presente. Todo mundo está indo embora. Eu fico de pé, empurrando o bloco de volta no bolso e sigo o rastro da minha irmã.

Alguém aperta meu braço, parando os meus passos. Eu giro e fico cara a cara com a parede de aço que é Vlad. Ele se eleva sobre mim, mas eu não consigo encontrar seu olhar, por medo do que ele verá no meu. Seu cheiro me envolve, fazendo minha cabeça clarear. Ele tem um cheiro masculino e caro, assim como eu imaginei. Tem cheiro de terra, como jacarandá, e aquece lugares que eu não fui tocada antes. As lapelas do meu casaco são puxadas para fora com a mão que estava envolvida em volta do meu biceps, e ele empurra meu frasco no bolso interno, a parte de trás de sua mão roçando meu mamilo quando ele faz isso. Não é intencional, mas eu o sinto em todos os lugares. Ele faz o ar à minha volta condensar e meus pulmões comprimirem.

*Respire*, eu ordeno a mim mesma.

O cantarolar de barítono de sua voz me atinge como uma arma quando ele diz:

— Nós deveríamos almoçar amanhã.

*Tum. Tum. Tum.*

Minha boca se abre e meu coração troveja como a jaula de um guerreiro romano antes da batalha. Eu não sei o que dizer, mas não tenho que dizer nada porque ouço o tom lírico da minha irmã.

— Claro, Vlad, eu vou marcar e envio um e-mail para você com os detalhes.

Arrastando os olhos para cima, eu vejo que ele me contornou e está olhando e conversando com minha linda irmã.

Claro.

Claro que ele está conversando com Diana. Não comigo.

Eu balanço minha cabeça. Uma risada borbulha no meu peito, mas eu a engulo e os deixo para conseguir um pouco de ar. Minha paixão infantil por Vlad sempre foi um segredo, e permanecerá sendo apenas isso.

# Capítulo Dois

Vlad

## ***Dois meses depois do V Games...***

— Os Vetrovs não cederão. — eu digo ao Pakhan, uma dor de cabeça me atordoa de dentro para fora. Eu me contenho de esfregar minhas têmporas e bebo o resto da vodka no meu copo.

As sobranças do Pakhan se juntam em uma carranca, sua marca registrada. Mesmo aos vinte e dois anos, essa carranca me faz sentir como se eu tivesse nove anos novamente e fosse apanhado chutando uma bola em seu escritório quando eu não tinha permissão para entrar lá.

Irritado.

Aborrecido pra caralho.

Decepcionado.

Yuri Vasiliev, meu pai, tem um jeito de fazer você se sentir como se você nem sequer estivesse tentando, apesar do fato que você pode ter feito de tudo. Ele me ensinou bem, mas uma coisa que eu nunca consigo superar é o jeito como ele me faz sentir quando está franzindo o cenho para mim, em uma mistura de decepção e aborrecimento.

Sabendo que minha resposta não será boa o suficiente, eu continuo:

— Yegor quer a terra perto da fronteira. Ele quer a terra porque nós queremos a terra. Não há como convencê-lo, — eu aperto os dentes. — Eu passei a maior parte dessas três semanas oferecendo-lhe tudo sob o sol.

Mas isso é uma mentira.

Eu não ofereci a coisa que ele mais deseja.

Os olhos do Pakhan se estreitaram - a única indicação de seu humor. Ele sabe o que eu quero. A pergunta é, ele dará para mim? Alguém pensaria que ele me deve depois do que ele fez. Ele enviou meu irmão para longe. Baniu-o de nossa família e falsificou sua morte. Libertou-o quando nós mais precisávamos dele. Nós deveríamos ser três

cabeças, não duas. Ao remover o que ele considerou um elo fraco, ele nos deixou consideravelmente mais frágeis.

Viktor era um bem valioso. E meu maldito irmão.

Ele não só aniquilou durante o The V Games, mas ele estava aprendendo muito bem. Com mais orientação, ele poderia ter sido tão grande quanto ele estava sendo preparado para ser.

Agora ele se foi.

Enviado para a América.

O Pakhan expôs sua própria fraqueza ao fazer isso. Um acidente. Um assassino sem rastro. Algo com o rabisco sujo do meu pai escrito por toda parte. Uma mensagem para o nosso “reino”, que não apenas ele vê e sabe tudo, mas ele não tolera qualquer tipo de fracasso. Ser gay não é apenas uma falha aos olhos do Pakhan, mas uma traição.

Homens Vasiliev devem se casar - o caminho convencional - com famílias que fortaleçam nosso poder. E embora Niko estivesse na fila para ligar duas famílias poderosas, ele ia se casar com Vika, não com Viktor.

Era uma desgraça que não podia ser permitida.

Limpou seu pequeno problema para debaixo do notório tapete e seguiu em frente. Sem o conhecimento de seus inimigos, que foram informados que Viktor teve um ferimento fatal no final do The V Games.

Apesar da minha raiva pelo meu pai, há uma pontada de dor dentro do meu peito.

É a primeira maldita coisa paternal que ele fez em toda sua vida.

Ele poupou seu filho.

— Eu colocarei um aperto sobre eles. Os funcionários do governo estão no nosso bolso. Eu irei além dos Vetrovs. Yegor desistirá desta parcela de terra de um jeito ou de outro. — Eu me inclino para trás na minha cadeira de couro e começo a organizar os papéis na minha mesa, como se tivéssemos acabado de estabelecer um plano.

Mas nós dois sabemos que este não é o plano.

O Pakhan deve estar ficando velho e cansado, porque ele solta um suspiro pesado - um pequeno sinal de que eu venci. Vika pode ser a garotinha do papai, mas ela é muito manipuladora, e nosso pai não suporta desobediência ou mulheres tentando brincar com homens.

— Vika se casará com um Vetrov, — Pakahan grunhe, com a mandíbula cerrada.

Ele odeia ceder. Quase nunca o faz. Mas ele, como eu, vê o bem maior. Sempre pensando muitas jogadas à frente.

— Yegor é velho demais, — eu digo com um sorriso malicioso.

As narinas do Pakhan inflam, uma explosão de raiva borbulhando sob a superfície. Eu quero jogar minha cabeça para trás e rir da grande diversão que é tudo. Parece que meu Pai me ensinou muito bem. Eu posso jogar seus malditos jogos melhor do que ele.

— Yegor é um tolo. Eu não deixarei que minha filha - uma Vasiliev - se case com um homem que tem que usar suas calças abaixo da sua barriga de glutão. Ele não tem orgulho de si mesmo, e eu não o terei no cio com a minha menina como uma fera selvagem durante a temporada de acasalamento, — ele ferve, raiva tomando conta dele por um momento. Dizer que Yegor e o Pakhan têm seus desentendimentos, é um eufemismo. — Ela é melhor que aquele porco.

— Ah, eu sei. — Eu levanto uma sobrancelha para ele. — Bem, ela certamente não pode mais se casar com Niko. — Nossa irmã, apesar das regras, conspirou com seu amante através de um movimento dissimulado para eliminar nosso irmão depois que ele foi o claro vencedor do The V Games. Niko, também um jogador no The Games, se escondeu até o último momento para atacar. Um movimento tão malvado, diretamente do livro didático de Vika. Viktor encontrou uma aliada, no entanto - uma garota magricela e mal-humorada que poderia deixar um homem de joelhos apenas para cortar sua garganta - e ela salvou seu pescoço ao apunhalar Niko, quando ele escolheu meu irmão.

Mas a picada da traição dela me impactou mais do que qualquer coisa na minha vida. Com uma mãe que nos abandonou e fugiu depois que os gêmeos nasceram, e um pai que governava com um punho de ferro, deixando o carinho para as babás e os criados, nós três formamos um vínculo mais forte que o dos irmãos normais. Nós só tínhamos uns aos outros para confiar, e isso explodiu no dia em que Vika decidiu que seu orgulho e seus próprios planos valiam mais do que a vida de seu irmão. Ela selou seu destino naquele dia. Ela agora é minha irmã apenas no nome.

— Niko era fraco, Vlad. — Sibila o Pakhan. — Ela se casará com Veniamin.

Com a menção disso, eu quero rir. Veniamin pode gostar de brincar com os brinquedos de seu irmão, mas ele não os mantém, e ele certamente não brinca com minha irmã. Nunca brincou. Ele sabe que traidora detestável Vika é. Em vez disso, eu jogo suas palavras de volta para ele. — Ele é melhor do que aquela... — *Porca*. Os olhos do Pakhan se estreitaram, implorando-me para dizer a palavra para que ele possa



rugir e se enfurecer comigo. Mas visto que eu gosto de cutucá-lo, simplesmente continuo como se eu não estivesse prestes a chamar nossa irmã de uma cadela nojenta de mulher. — Ele é melhor do que o pai dele.

Os lábios do Pakhan se apertam em uma linha.

— É por isso que você precisa dele, — eu digo, sentado na minha cadeira. Eu estalo meu pescoço para a direita, depois para a esquerda.

— Continue, — ele diz, a intriga atando em seu tom.

— Nós dois sabemos que Vika é vingativa, o que é, na verdade, é um eufemismo. No momento que ele a irritar, Ven, de algum jeito, acabará com uma faca nas costas.

O Pakhan resmunga. — O que você sugere que façamos?

Eu sorrio para ele, meu sorriso predatório. — Ela pode se casar com Ruslan.

— Ele é um menino e dificilmente capaz de prover minha Vika, — ele vocifera, a veia em seu pescoço latejando. Eu não vejo meu pai irritado com frequência, mas quando vejo, é como cocaína correndo pela minha corrente sanguínea. Estou voando alto e anseio mais.

— Que é exatamente o porque ele é perfeito para ela. Você acha que nossa - *manipuladora víbora do mal* - doce Vika consegue persuadir Ven? Ele tem quase o dobro de sua idade e dureza. Rus é jovem, suave e influenciável. Ele é o que precisamos.

A fúria do Pakhan se derrete e sua expressão calculista transforma suas feições. Eu já estou sentindo falta de sua perda de controle, mas eu venço de qualquer jeito. Quando ele decidir sobre o arranjo de Ruslan e Vika se casarem, eu terei a satisfação de saber que ela será forçada a casar com alguém pouco atraente e fraco - duas coisas que ela mais odeia. E como eu a desprezo pelo o que ela fez ao nosso irmão, isto é música para os meus malditos ouvidos.

— Nós teremos que esperar até ele completar dezoito anos em alguns meses, — o Pakhan pondera em voz alta.

Eu tenho todo o tempo do mundo.

— No entanto, o noivado não precisa esperar, — eu encorajo. — Podemos ter isso estabelecido e decidido até o fim da semana. A esta hora na próxima semana, nós estaremos bêbados e satisfeitos com um comemorativo leitão assado enquanto nós desejamos a eles sucesso em seu futuro casamento. — O animal no fogo não será o único porco sendo assado.

*Foda-se, Vika.*

*Você conseguiu mandar para longe a única pessoa que eu verdadeiramente me sentia próximo, e agora você pagará.*

— Muito bem, — o Pakhan concorda com um suspiro. — Eu vou me encontrar com Yegor e vamos resolver isso de uma vez por todas. O casamento de Ruslan e Vika em troca da parcela de terra dele. Assim que nós tivermos a terra, eu quero isso feito. Precisamos dessa abertura com Nizhny Novgorod.

— Claro, senhor.

Ele aperta em cima do nariz. — Você terá que contar a novidade para ela. Eu tenho negócios a tratar. — Ele levanta da cadeira e sai pisando duro do meu escritório sem uma olhada para trás.

Outra fraqueza. Ele não quer lidar com minha irmã malcriada, quando ela tiver o colapso do século. Eu tenho certeza de que ele vê os olhos da nossa mãe olhando de volta para ele, quando Vika se descontrai. Vika é a única pessoa que eu já vi levantar a voz para o nosso pai e viver para contar a história.

Um sorriso transforma os cantos dos meus lábios. — Eu ficarei feliz em contar a Vika a notícia emocionante, Pakhan. — Completo, muito depois que ele se foi. Eu envio uma mensagem para ela me encontrar no meu escritório e conto os segundos até ela chegar.

No momento em que sinto o seu fedor enjoativo, eu olho para cima, para ver Vika de pé na minha porta com um terninho impecável de cor creme. Ela me encara com suspeita dançando nos olhos idênticos aos do nosso irmão. Seu cabelo castanho escuro, cortado em um estilo da moda que combina com suas características marcantes, foi arrumado em cachos sedosos lisos que se iluminam sob a luz no teto. Ela aperta seus lábios vermelho sangue enquanto aguarda o que eu tenho para dizer. Apesar da maquiagem, o cabelo e as fodidas roupas de marca, ela é a réplica exata do nosso irmão. Foi-se a irmãzinha saltitante que uma vez ela fingiu ser; em seu lugar, levanta-se esta cobra obcecada com fome de poder.

Uma pontada de tristeza me atravessa. Pela perda dela, bem como de Viktor.

Eu não vou entrar em contato com ele, buscá-lo ou localizá-lo de modo algum. Isso me mata *pra* caralho, porque eu sei que ele está machucado e confuso. Ele se levantará novamente, mas onde quer que ele esteja, eu sei que ele está sentindo a dor da perda de sua família.

Teria sido melhor para Viktor se o Pakhan tivesse simplesmente o matado.

Ao perceber isso me coloco na defensiva.

Pakhan não o enviou para longe a fim de poupá-lo. Não foi uma fodida fraqueza. Ele o enviou para longe, para prolongar seu sofrimento. Não foi um perdão - foi uma maldita sentença de morte.

Eu endireito minha coluna e arquivo essa epifania para dissecar mais tarde. Por enquanto, eu apreciarei os frutos do meu trabalho.

— Por favor, — eu digo, fazendo um gesto para o assento que o Pakhan recentemente desocupou. — Sente-se.

— Eu ficarei de pé, — ela corta.

Eu empurro o mapa na minha mesa na direção dela. Curiosa, ela entra no meu escritório e o inspeciona.

— O que é isso? — ela pergunta, sua voz firme.

— Nosso. — eu digo a ela com um sorriso voraz.

Ela franze a testa. — Está escrito Vetrov sobre ele.

— Em breve, estará escrito Vasiliev.

— Como...? — Ela se afasta e seus olhos se expandem. — Veniamin? Eu vou me casar com Ven? — Ela me olha radiante, a expressão iluminando seu rosto. Minha irmã é linda quando não está conspirando o mal para sua própria carne e sangue. Ven seria sortudo por tê-la. Isso é... até ela abrir a boca ou descarregar seu ódio.

Eu me levanto e dobro o mapa ordenadamente. Quadrados precisos. Lentamente. Apenas para fazê-la esperar. Quando ela bufa, eu abandono minha tarefa e encontro seus olhos. — Sra. Vetrov, assim como você queria.

Ela não consegue esconder a vertigem de seus olhos com minhas palavras. *Prostituta*. — Seu noivado será longo.

— O quê? — ela exige. — Por quê? Eu quero me casar com Veniamin agora.

Eu olho para ela por um longo momento, bebendo sua vulnerabilidade antes de entrar para a matança. Quando eu tive a espera suficiente, estalo minha língua. — Ah, Vika, — eu digo, como se me doesse entregar a notícia, — não Veniamin. O Pakhan quer que você se case com Ruslan.

Leva um momento para ela registrar o que eu estou dizendo. As palavras realmente atacam como uma chicotada e a atordoam, fazendo-a tropeçar para trás alguns passos. Então, ela grita em completo horror. — O quê? Isso é ridículo! Ele tem dezessete anos! Você viu a cara dele?!

— Não seja tão dramática, — digo num tom seco. — Você mesma tem apenas dezoito. Além disso, em poucos meses ele terá idade legal. Então, vocês dois poderão fazer muitos bebês Vetrov.

— Seu maldito bastardo, — ela assobia. — Você fez isso. Eu vou falar com o Pakhan e ele...

— Ele não fará nada, — eu digo entre dentes, minha própria raiva transbordando para a superfície. — Ele não fará nada porque já foi decidido.

Ela grita enquanto ataca minha mesa e derruba todos os meus papéis no chão. Seus traços arrogantes foram substituídos por uma expressão cheia de raiva. Os olhos âmbar resplandecem como se o próprio diabo estivesse dentro dela e pronto para provocar o caos. — Você não vai se safar dessa, — ela sussurra, seu corpo tremendo de raiva. — Eu vou vencer. Você verá.

Eu simplesmente sorrio para ela. — Vamos ver. — Com um rugido, ela sai enfurecida da sala.

Sentando de volta, eu abro um e-mail para enviar para Ven. Eu explicarei que Vika vai se casar com Ruslan, e que o pai dele concordará com a sugestão do meu pai. Que reforçará o vínculo das nossas famílias se nós enviarmos a *futura Sra. Vetrov* para viver lá durante o noivado deles, então o casal feliz pode ter um namoro adequado antes do casamento.

E entre as linhas, ele perceberá que agora ele me deve um enorme fodido favor.

Eu acabei de salvar seu pescoço ao sacrificar seu irmão para o lobo faminto que é minha irmã.

Veniamin Vetrov honrará esse favor. Ele nunca me decepciona.

Meu pai pode achar que ele projetou esses jogos - não apenas o The V Games, mas cada jogo na vida. Com o que ele nunca contou foi alguém mudando as regras.

*Nova Regra Número Um: Você machuca meu irmão, eu acabo com você.*

# Capítulo Três

## Irina

As paredes no escritório de Diana me deixam maluca. Por que ela insiste em cobrir com *art deco* todos os lugares é estranho para mim. Eu prefiro as pinturas clássicas, arte verdadeira, criadas por horas de coluna arqueada e dormência da mão usando tintas a óleo e os olhos da alma.

— Shadow, — minha irmã fala rispidamente o apelido dado para mim pelo meu pai, desde que eu me lembro. Aparentemente, eu estive vivendo na sombra da minha irmã desde que eu era criancinha.

Olho para ela da poltrona que ela me permitiu arrastar até aqui. Seu cabelo castanho-avermelhado está puxado para trás em um coque apertado. Olhos esfumados e lábios vermelhos escuros decoram suas grandes características. Ela parece uma estrela de cinema até mesmo no escritório. Sua blusa de seda está enfiada cuidadosamente na saia lápis, mostrando sua figura delgada e quadris curvilíneos. Eu olho para baixo em minhas próprias roupas e me encolho. Minha camisa xadrez tem uma mancha de maionese do almoço na frente.

— Shadow?

— Hã? — Eu dou um salto, lembrando que ela chamou meu nome.

Olhos azuis ferozes que combinam com os meus, me imobilizam. — Irvac é o próximo a chegar, então preste atenção.

Preste atenção? Suas palavras são um insulto. Eu sempre presto atenção. Cada detalhe é capturado, registrado e armazenado para uso posterior. Eu notei que ela está usando mais maquiagem do que o normal e os dois botões superiores de sua blusa estão abertos em vez de fechados, como qualquer outro dia. O calor em suas bochechas é visível, e ela continua checando seu celular, cruzando e descruzando as pernas.

— Você tem certeza que os números estão errados? — ela insiste.

— Números não mentem, Diana, — eu digo num tom sucinto. — As pessoas inserindo os números mentem.

Ela suspira e toma um gole de uma xícara sobre sua mesa. Ela bebe muito café.

— Isto é um infortúnio. Irvac tem estado conosco há muito tempo.

Eu movimento rapidamente meus dedos sobre o meu laptop e trago a planilha para mostrar a ela a imprecisão. Nós temos mais produtos saindo de nossos armazéns do que o retorno sendo inserido. É pequeno no grande esquema das coisas, mas está lá, e ladrões ficam gananciosos se deixados impunes.

A Volkov Spirits é uma das empresas que crescem mais rápido na Rússia, com planos para expandir nossos escritórios para Paris, Nova York e Londres, dentro de sete anos. Nosso produto é exportado em mais de trinta e cinco países até agora, e nós empregamos mais de cinco mil pessoas, então nossa administração precisa ser leal e competente.

Nossos negócios legítimos são a base para o outro lado do nosso negócio, e eles precisam ser administrados com as mesmas reprimendas para evitar que esses acontecimentos infelizes se repitam.

Uma batida na porta nos alerta para a presença de Irvac. O escritório de Diana está situado na mansão do nosso pai. Isso mostra a supremacia dela - nos torna menos vulneráveis aos homens neste negócio que veem as mulheres como inferiores a eles. É um jogo de poder, um show de domínio do tipo *o meu pau é maior do que o seu*. Olhe para onde vivemos e veja o dinheiro e a influência atrás de nós.

— Entre, Irvac. — Diana o recebe com um movimento de mão para a cadeira em frente à enorme mesa de mogno esculpida à mão com o nosso brasão de família, e enviada do Japão. As solitárias asas gigantes do falcão peregrino, dentro do brasão entalhado, cobrem todo o comprimento da mesa. Longo e com as pontas em preto. Em vez de um bico curvo, ele tem a boca de um lobo. Rosnando e cruel. Eu amo que é uma fêmea. Meu Pai não sabe disso, mas eu tenho estudado os padrões dos pássaros gigantes. O escolhido para o nosso brasão é definitivamente fêmea. O tamanho dela indica isso, e também o fato de que ela tem as garras enroladas em torno de dois ovos de uma maneira protetora e maternal. Ela é feroz e não aceita merda de ninguém.

— Senhora, — ele cumprimenta. Ele é grande e alto, e entra com passos rápidos, arrancando o casaco antes de sentar.

Sua barba grossa esconde a metade do rosto, mas se ele é aquele que está nos roubando, seus olhos me contarão tudo o que eu preciso saber.

— Irvac, você está nos roubando? — ela pergunta abertamente, igualzinho como nós praticamos. É um velho truque usado por meu pai

ao testar membros de sua equipe. Alguns fugiriam, apesar do fato de meu pai não ter apresentado provas ou motivo para perguntar. É apenas aleatório e um sinal do poder e do medo que ele mantém sobre as pessoas.

Irvac fica sentado mais reto e olha de viés, seu olhar de um lado para outro entre Diana e eu. — Claro que não.

Ficando em pé, eu ando até Diana e inclino-me para sussurrar em seu ouvido:

— Eu gostaria de mors<sup>4</sup> para o jantar, — eu murmuro e ela acena com a cabeça. Com algumas palavras que são confusas para os outros, eu indiquei que Irvac é um mentiroso ladrão.

Ele range os dentes e estreita os olhos, imaginando o que eu estou falando para ela. Eu volto para o meu assento no canto e ela cruza os braços.

— Eu vou te dar a oportunidade de confessar esta única vez.

Ele se levanta e passa uma mão pelo longo cabelo preto que termina logo acima dos ombros. — Senhorita Volkov, — ele diz com exasperação. — Sobre o que é isso?

Eu me dirijo para ela novamente e digito as teclas no laptop como se mostrasse alguma coisa para ela.

Os olhos dele me seguem, suas bochechas vermelhas e seus ombros tensos. — O que é? — ele exige, e eu sorrio educadamente em sua direção.

Diana gesticula para o assento que ele estava ocupando, mas ele a ignora e começa a caminhar de um lado ao outro.

— Você tem esta única chance, — Diana o lembra.

Ele balança a cabeça.

— Eu ia pagar de volta.

Mentiroso.

— Eu não pensei que seria notado e eu poderia colocar de volta antes...

Ela levanta a mão para detê-lo. Gotas de suor brotam em sua testa e ele olha de volta para a porta.

---

<sup>4</sup> Mors: é uma bebida russa de fruta não cabornatada feita a partir de frutos, principalmente de mirtilos (embora às vezes por mirtilos, morangos ou framboesas)

Eu pressiono minha mão no ombro dela - outro de nossos muitos sinais - avisando-a que eu estou saindo para buscar Anton, o sujeito mais leal ao nosso pai, um tipo de guarda-costas.

Quando eu passo por Irvac, ele agarra meu braço e me puxa em direção a ele.

— O que você está dizendo a ela? Isto é culpa sua, sempre no canto com seu maldito laptop? — ele zomba, apertando meu braço insuportavelmente. Eu choramingo a contragosto e tento me libertar, mas ele tem altura e força sobre mim.

— Deixe-a ir. Agora, — minha irmã exige e engatilha a Glock debaixo de sua mesa, quebrando a atmosfera tensa com o eco do metal.

Ele me solta com um empurrão forte, e eu tropeço para trás contra uma estante alta de cristal, atravessando o vidro que chove em torno de mim como confetes mortais, os fragmentos salpicando meus ombros e o impacto roubando minha respiração.

Um som de uma explosão soa nos meus ouvidos quando Diana puxa o gatilho, e o baque quando a estrutura pesada de Irvac atinge o chão, faz meu coração pular.

— Roubar é uma coisa, tocar uma de nós é outra totalmente diferente, — ela inspira, fúria escorrendo de cada palavra sua.

A porta abre de uma vez e Vlad fica em pé na entrada, para nossa grande surpresa. Diana não o tem visto desde que ele a levou para almoçar após o funeral de seu irmão. Eu gostaria de interrogá-la sobre o encontro, mas mordi minha língua. Ela não contou muito também.

Ele olha para o corpo ainda quente e depois para minha irmã. Finalmente, seus intensos olhos castanhos dourados estão em mim. Eu me foco em seus lábios cheios quando ele pergunta casualmente:

— Estou interrompendo algo? — Ele levanta a sobrancelha, sua única demonstração de uma breve diversão.

Eu coloco minhas ideias em ordem e retiro alguns vidros da minha roupa. Diana corre até mim, inspecionando meu rosto e meu pescoço como uma mãe galinha. Seus olhos azuis gélidos cintilam com preocupação. Minha irmã pode ser uma fodona na maior parte do tempo, mas às vezes, apenas para mim, ela mostra um vislumbre da garota com quem eu costumava correr através do bosque atrás de nossa casa, quando nós fingíamos sermos rainhas malvadas caçando nossos camponeses humildes. Eu quase posso ouvir sua gargalhada de infância...

— Você está ferida? — ela pergunta, preocupação puxando suas sobrancelhas para baixo em uma carranca enquanto ela me ajuda a



levantar. Todos os traços da irmã sorridente e brincalhona com quem eu cresci desapareceram. A mulher poderosa, séria e sagaz, está de volta no lugar.

— Eu vou ficar bem, — eu asseguro a ela, minha voz concisa. Eu passo por ela, mas tenho que parar quando Vlad não se move da porta, impedindo-me de fugir. Eu olho para ele, esperando que ele esteja estudando Diana ou a cena diante dele, porque eu sou invisível para ele - para todo mundo - mas nossos olhos se chocam e o mundo para de mover.

Meu coração fica lento, e o sangue corre pelas minhas veias como vinho dentro de uma taça durante o jantar. Olhar para ele de perto é como ver todas as Sete Maravilhas do Mundo ao mesmo tempo. Como ouvir minha canção favorita cantada ao vivo e só para mim. Segundos passam, mas eles são como horas. Seus olhos percorrem dos meus olhos para o meu nariz. Minhas bochechas aquecem sob sua inspeção cuidadosa. No momento em que coro, um canto de seus lábios se contorce como se ele pudesse sorrir. Mas ele não sorri. Em vez disso, ele continua olhando para mim, desta vez pousando em meus lábios. Eu os separo um pouco como se para absorvê-lo.

Eu posso saborear sua respiração.

Eu posso sentir a batida do seu coração.

Eu quase posso ouvir seus pensamentos.

Meu próprio coração está sussurrando: — *Reconheça-me.* —

E de repente, ele se move do meu caminho para pegar o assento que Irvac desocupou, e o momento se foi. Todo o ar me deixa rapidamente, e eu tropeço do escritório para os braços de Anton, que me segura na minha queda.

— O que aconteceu? — ele exige, movendo-me para um assento ao longo da parede do corredor.

— Está tudo bem, — eu murmuro. — Já está resolvido.

Ele me deixa para checar Diana, e eu reúno minha força para ficar de pé e ir para o meu quarto. Enquanto eu corro pelo labirinto de corredores intrincados, eu tento não pensar sobre *ele*, mas como o balançar de uma cenoura que nunca poderei ter, os olhos perfeitos de Vlad estão em primeiro plano na minha mente. Vendo a mim. Notando cada pequena sarda que tento desesperadamente esconder atrás da minha base.

Eu tiro as roupas do meu corpo pegajoso e gemo através da dor de alguns cortes no meu peito. Indo ao banheiro, eu ligo o chuveiro no frio e piso sob a chuva punitiva.

O sangue desaparece para mostrar pequenas fendas na minha pele. Eu afrouxo a trança no meu cabelo e puxo os fios separadamente, deixando a água encharcar as longas mechas loiras. Ao contrário da minha irmã, eu tenho cabelo, pele e corpo virgens. Os garotos nunca estiveram no meu radar, tirando o fascínio estranho que Vlad exerce sobre mim. Eu não sou feia, apenas indiferente à beleza. Não tento enfatizar meus ativos. Maquiagem é para garotas femininas. Eu sempre tenho o meu nariz em livros e textos de estudo. Minha irmã diz que eu sou mais bonita do que ela - mais como nossa mãe. Eu sei que ela só faz isso para aumentar minha autoestima. Nossa mãe é linda, mas sempre lhe faltou ousadia, então ela não me encorajou a ter qualquer autoestima. Os olhos distraídos do meu pai eliminaram a confiança da nossa mãe.

Desligando o chuveiro, eu saio do box, enrolo uma toalha em torno de mim e aguardo por Diana vir e fazer curativos nos meus ferimentos. Ela é previsível, e dentro de cinco minutos, ela está entrando pela porta do meu banheiro com um kit de primeiros socorros.

— Anton está cuidando da bagunça, — ela corre para me dizer, colocando algodão sobre meus cortes e pressionando levemente. A picada não é tão forte como antecipei, e eu fico brincando com a ponta da toalha.

— E Vlad?

Ela sorri para mim, seu sorriso iluminando seu rosto inteiro. — Ele quer me levar para jantar. — Sua alegria é palpável. Eu preciso estar animada por ela, mas é difícil. A culpa me atravessa.

— Ao menos você gosta dele? — Eu deixo as palavras saírem dos meus lábios com um tom mais severo do que o pretendido.

Ela estreita os olhos e encolhe os ombros. — Você tem olhos, Irina. — *ahhh se eu te contasse*. E esses olhos não parecem ser capazes de parar de olhar para ele sempre que ele está perto. Ela pisca para mim e meu estômago torce.

*Ele é lindo. Assim como você, Diana.*

Deus, os bebês deles serão deslumbrantes.

— Não é apenas sobre aparência, — eu replico, a amargura pingando no meu tom. — Ele é mal-humorado.

Seu sorriso atinge seus olhos e aquece meu coração. — Ele seria uma ótima combinação. — Ela coloca um Band-Aid no último corte e se levanta. — O Pakhan aprovaria.

— Você soa como Vika, — eu falo rispidamente, irritada com sua resposta. — Isso é tudo o que ela fala quando somos forçadas a

participar de alguns eventos dos Vasiliev. — A irmã de Vlad é uma puta, puro e simples assim. Claro, ela desfila por aí com um lindo sorriso, mas eu a tenho observado indo de pessoa em pessoa, sussurrando mentiras para quem quiser ouvir.

— Já chega, Shadow, — ela avisa, marchando pelo meu quarto.

Eu sigo, a fúria se estabelecendo nas minhas entranhas. — Você deveria escolher seu próprio companheiro. Quem se importa com o que o Pakhan aprova?

Ela se vira abruptamente, seus olhos em chamas de raiva. — Basta, Irina! A vida não é tão simples, e você sabe disso. Agora, vista-se. O Pakhan quer ver que você está bem.

Nós nos encaramos por um longo momento.

Com um sorriso frio que, infelizmente, combina com o de nosso pai, eu cuspo:

— Aproveite o jantar com seu *partido*. Avise-me quando é o casamento.

Ela me fuzila com os olhos, balança a cabeça e sai pisando duro do quarto, sem mais uma palavra. No momento em que ela se foi, eu bato a porta e pisco para afastar as lágrimas estúpidas se formando nos meus olhos.

# Capítulo Quatro

Vlad

## **O passado...**

— Onde você acha que eles guardam a vodca? — Niko pergunta, com um sorriso no rosto. Ele está deixando crescer o bigode, e fica tão ridículo. Aparentemente, seu pai não é rigoroso como o nosso. O Pakhan diz que nós sempre devemos estar limpos e apresentáveis, porque você nunca saberá com quem poderá cruzar a qualquer momento.

— Tudo o que você tem a fazer é perguntar, — eu resmungo, arrastando o olhar do meu melhor amigo para o solário ao lado da sala de estar da casa dos Volkov. O Pakhan precisava se encontrar com o Sr. Volkov. Ele insistiu que Niko e eu o acompanhássemos. Niko tem uma coisa por Diana, então ele não se importou nem um pouco. Ela tem dezessete anos, e Niko está sempre com o pau duro quando ela está perto. Por mais que ele odeie, ela não vai querer ter nada a ver com sua bunda de quinze anos de idade. E ela pode estar interessada em mim, com base no jeito como ela sorri para mim o tempo todo, mas eu sou mais esperto.

*Um Vasiliev tem uma reputação a defender.*

*Se o Pakhan pediu que eu a veja, então eu vou.*

*Ele manterá suas opções abertas o máximo de tempo possível, no caso de algo melhor aparecer. Sempre calculando três movimentos à frente, assim como ele ensinou Viktor e eu no xadrez.*

— Eu vou explorar. Você vem? — Niko pergunta.

*Eu aceno para ele. — Estou bem aqui.*

*Seu olhar segue o meu, para a pequena artista - a menina sentada de pernas cruzadas no chão. Seu cabelo é uma confusão loira selvagem, e ela pinta uma imagem na tela muito mais detalhada e bem-feita do que qualquer outra que eu já vi pendurada nas paredes da nossa casa. Ela é jovem, talvez a idade de Viktor, dez ou onze, mas ela pinta como se estivesse fazendo isso por séculos. É uma das razões*

*pelas quais eu gosto de vir com o Pakhan para suas reuniões com os Volkovs.*

*— É difícil acreditar que elas são irmãs, — diz Niko. — Diana é tão quente, e essa menina parece que tem um pai diferente. Aposto que sua mãe transou com o mordomo. De jeito nenhum elas vieram do...*

*— Eu acho que ouvi o velho Volkov dizer que Diana está na biblioteca, — eu falo ríspidamente, cortando-o.*

*Ele se vai sem outra palavra, deixando-me para assistir das sombras enquanto a menina pinta um nascer do sol atrás de uma montanha coberta de neve. Os raios são brilhantes e quase uma réplica exata do caminho que o sol atravessa pela janela e reflete sobre seu cabelo.*

*O que você faz com suas pinturas, pequena Irina?*

*Como se estivesse me sentindo, ela se vira e me observa com uma expressão solene. Há portas de vidro nos separando, e eu sei que ela não consegue ver meu rosto neste ângulo, com o sol refletindo de volta para ela do vidro. Enquanto Diana é toda sorrisos e grandes olhos azuis brilhantes, sua irmã mais nova é séria. Ela olha fixamente na minha direção, como se tivesse com vontade de me ver. Eu tenho observado seu olhar vagando por mim toda vez que entro em uma sala, me estudando. Por um breve momento, eu me pergunto se ela já me pintou. Eu estreito meu olhar, mas não pisco. Se ela pode ver através do vidro, eu quero que ela tenha um vislumbre do verdadeiro eu - o eu que me permito ser quando não estou sob o escrutínio vigilante do Pakhan.*

*Seus lábios se apertam e suas sobrancelhas douradas franzem. Eu estou a segundos de caminhar para o solário e perguntar se ela gostaria de me pintar. Por algum motivo, a ideia de ter meu rosto - e não aquele que eu encaro no espelho todos os dias - em uma tela é convidativa.*

*— Garota boba, sempre está pintando, — diz Diana atrás de mim, um sorriso na voz dela. Aquece-me que ela se importe com sua irmã. Apesar de suas palavras, seu tom fala de amor e aceitação. Eu me sinto da mesma forma sobre Viktor. De certa forma, isso nos conecta. Talvez Diana e eu possamos nos dar bem juntos em nosso futuro.*

*Se o Pakhan permitir, é claro.*

*As bochechas de Irina ficam rosadas e ela volta para a sua arte. Com um suspiro sufocado, eu observo Diana. Hoje, seu cabelo está liso, e o castanho-avermelhado capta a luz do teto. Eu noto que seu cabelo não tem o mesmo brilho que o da sua irmã mais nova.*

— *Eu juro, — ela diz, seus lábios carnudos cor-de-rosa se torcendo em um sorriso, — você fica mais alto toda vez que eu te vejo. — Seus dedos apertam com firmeza meu bíceps através do paletó do terno que o Pakhan sempre exige que eu use. — Você esteve malhando?*

*Ao contrário da minha irmã, Diana realmente quer saber. Ela não tem segundas intenções. Eu gosto da Diana. Eu gosto muito dela.*

— *Sim, eu acho. Estou me preparando para o The Games. Não vai demorar.*

*Seu nariz enrugando com desgosto, mas ela força um sorriso. — Ahhh. O segundo anual. E você estará entrando?*

*Eu estufei meu peito com orgulho. — O Pakhan deseja que seja assim.*

*Compreensão brilha em seu gelido olhar azul. Se alguém entende o que é crescer sob um homem poderoso, é Diana Volkov. — Seja cuidadoso. Alguns de nós gostaríamos de vê-lo chegar ao outro lado.*

— *Porque você gosta dos meus bíceps? — Eu brinco com um sorriso dissimulado.*

— *Não, o terno. Um homem bem vestido é um acessório maravilhoso para uma dama. — Ela pisca, e com um aceno de cabeça se vira e desaparece na casa. Um lampejo de cabelo marrom dourado passa por mim, uma capa vermelha brilhante balançando atrás dele. O filho da governanta favorita dos Volkovs sempre viveu aqui, mas ele geralmente não é permitido na casa principal quando os Volkovs têm companhia. Vas corre para o solário gritando sobre ser um super-vilão. Ele tem apenas dez ou onze anos, a mesma idade que Irina, e é uma ameaça. Super-vilão combina. E como esperado, ele começa a aterrorizar a pequena Irina quase que imediatamente. Ela grita com ele quando ele puxa a parte de trás do seu cabelo.*

— *Vas! Vá embora ou eu vou contar para o meu pai! — Ela não vai, no entanto. Se ela for, o sapinho<sup>5</sup> e sua mãe não ficariam mais aqui. E Irina é gentil demais para delatar, sabendo que isso afetaria o meio de subsistência deles.*

*Ele sorri com maldade para ela e dá um soco direto na tela com um - Ih rááá! - destruindo a obra de arte. Eu já estou invadindo o solário antes que eu consiga me parar. Eu o pego pelo colarinho de sua camisa e o puxo para mim, para ficarmos cara a cara.*

— *Se você a incomodar novamente ou destruir suas pinturas, eu vou pintar a maldita parede com seu sangue, — digo furioso com um*

---

<sup>5</sup> No original, ele o chama de little toad, que pode significar sapo ou uma pessoa detestável

*sussurro violento. Provavelmente é demais, mas eu quero assustá-lo pra cacete, para que ele deixe Irina em paz de agora em diante.*

*Os olhos azuis do menino se arregalam, mas não temem. Algo não está certo na cabeça do pequeno tirano. Eu o liberto, e ele foge.*

*— Desculpe... — eu falo quando percebo que Irina já não está na sala. — Desculpe, — digo novamente a mim mesmo.*

\*\*\*

### ***Presente...***

Eu paro sob o toldo do Myasnoy Dom, um famoso restaurante russo cinco estrelas. Diana não diz uma palavra, mas eu posso sentir a decepção dela. Quando eu a chamei para jantar, acho que ela esperava por algo um pouco mais do que “apenas negócios”, mas aqui nós estamos em um terreno neutro para as famílias jantarem e negociarem. Os guarda-costas permanecem lá fora, e você deixa seu ego na porta. Armas são permitidas lá dentro, mas, em nenhuma circunstância, elas são usadas. Nunca. Diana solta um pequeno suspiro antes de mostrar para mim seu sorriso perfeito - um que não alcança seus olhos.

— Eu ouvi dizer que o caranguejo que eles têm ultimamente é fenomenal, — eu digo antes de sair do veículo e entregar ao manobrista minhas chaves.

Quando dou a volta no carro, Diana já está saindo. As mulheres Volkov não perdem tempo com coisas como deixar os homens segurarem as portas para elas. Eu respeito isso em Diana. Apesar de serem tão bonitas como são, ainda têm seu fogo interior. Ela é uma excelente mulher de negócios, e muitas vezes eu tenho me perguntado como ela faz isso. Vendo-a segurando uma arma e um de seus homens no chão com uma bala em sua testa foi surpreendente, mas não um choque total. As mulheres Volkov são conhecidas por terem espinhas de aço - elas fazem o que precisa ser feito quando chega o momento. Seu pai as criou dessa maneira, para prepará-las para assumir o negócio da família. No entanto, ele não precisava ter se incomodado. Assim que ela carregar meu nome, eu assumirei tudo e preencherrei sua barriga com nosso próprio herdeiro.

O Pakhan finalmente deu a ordem.

Eu vou começar a namorar Diana. Como se não soubéssemos que isso aconteceria desde que ela tinha doze anos e eu tinha dez. Nós

sempre soubemos que era nosso destino, e é por isso que eu fiquei surpreso que meu pai estivesse em negociações para casá-la com Viktor. Eu não acredito que ele tenha sido tão ignorante com a atração de Viktor pelo sexo oposto como ele aparentou. Sua lógica teria sido mais para casá-lo o mais rápido possível para evitar fofocas, se isso alguma vez se tornasse conhecido.

A obediência de Diana era um contraste total com a jovem Diana. Quando éramos crianças, ela falaria sem pensar o tempo todo sobre se casar com quem ela se apaixonasse. Mas na época que ela atingiu a puberdade e se tornou uma dama, seus pontos de vista mudaram. Amor não é algo que nós temos o luxo de encontrar por nós mesmos. Nós somos criados na velha guarda. Nós temos regras e tradições. Diana se centrou nos seus deveres. Ela já não corria pelo bosque com sua irmã mais nova e meus irmãos. Não, Diana começou a se sentar com seu pai durante suas reuniões. Com as costas retas e o queixo levantado, ela escutou cuidadosamente e absorveu tudo. Eu sei disso porque eu a observei em cada movimento. Se eu fosse casar com ela um dia, eu precisava estar planejando, e o maior plano era conhecer a pessoa que estaria ao meu lado – cada simples detalhe.

Apesar de seu fogo, ela me ofereceu o cotovelo - uma demonstração de respeito à minha própria família. Nós podemos ser iguais em certo sentido, ambos sendo das poderosas Famílias Principais, mas ela não me enfraquece por se exhibir à frente, e isso me agrada. Este seria mais o estilo de Vika. Diana levanta a cabeça e mostra sorrisos calorosos para todos que ela passa. Ela é boa. Realmente muito boa. A maioria das pessoas - homens e mulheres - comem na palma de sua mão. É provavelmente por isso que seu pai tem mudado o negócio mais para as mãos dela. Ele sempre foi uma pequena cobra, e isso geralmente causa problemas para ele depois. Com Diana, ela ganha respeito em vez de exigí-lo.

— Este vestido está lindo em você, — eu sussurro em seu ouvido quando passamos pelas portas do elegante restaurante.

Ela pisca e me dá um sorriso que eu reconheço como um verdadeiro.

— Obrigada, Vlad. Você está muito bem.

Eu contenho o riso que quer escapar dos meus lábios. Ela nunca me viu de nenhum outro jeito, a não ser com terno sob medida. Nós nos aproximamos da área da recepção, onde um homem vestido de preto me dá um simples sinal com cabeça antes de nos acompanhar para o canto perto das janelas. É a mesa sempre reservada para mim. Diana fica rígida ao meu lado, mas não diz uma palavra. Nós passamos por sua própria mesa que permanecerá vazia esta noite. Isto é sobre a junção de



duas famílias ricas e poderosas. Ela sabe tão bem quanto eu, e apesar de ser criada para assumir o legado de sua família, ela será uma Vasiliev. Com esse título, vem o respeito que eu exigirei que ela mostre para mim como seu homem e marido.

O nome Vasiliev é superior ao Volkov, agora e sempre.

Eu puxo a sua cadeira e me certifico que ela esteja sentada antes de me sentar. Um atendente silenciosamente chega com um vinho e abre a rolha na nossa frente. Assim que as nossas taças estão cheias, ele desaparece. Este restaurante não é comum. Você é servido com o que o chef preparou no dia. Isto muda diariamente. Hoje à noite, de acordo com o quadro-negro quando entramos, nós estamos realmente tendo o famoso caranguejo.

Diana checa por alto o restaurante. Ela faz isso de um jeito inocente e curioso, mas eu sei muito bem. Ela está avaliando quais famílias estão jantando hoje à noite - uma rápida olhada para ver quem está negociando com quem. Eu fiz a minha própria checagem quando chegamos. Cinco famílias jantam esta noite, três das quais estavam rígidas e infelizes ao ver Diana no meu braço.

Uma boa combinação, inegavelmente, se nós já conseguimos irritar todo mundo.

Eu estico o braço sobre a mesa e pego sua mão, dando um pequeno aperto. É um aperto encorajador de um amigo de longa data para outro, mas para todos aqueles em volta de nós, pode parecer como um toque de amante. Este ato irá solidificar o fato de que este não é apenas um jogo estabelecido por nossos pais, mas um que nós dois estamos envolvidos também. Uma parceria concreta. Inflexível e inquebrável. Definitivamente, uma declaração.

— Obrigada, lyublyu. — *Meu amor*. Ela exala uma respiração nervosa.

Eu levo sua mão nos meus lábios e a beijo.

— Claro, moy prekrasnyy. — *Minha linda*. Eu me afasto e tomo um gole do meu vinho tinto. Eu prefiro vodca, mas não em um encontro de pré-noivado. O vinho definitivamente define o tom. — Seu pai falou com você, não?

Ela acena a cabeça enquanto endireita os ombros. Seus olhos azuis tornam-se astutos e intensos. Modo de negócios. Admiro isso sobre a doce Diana.

— Ahhh, ele falou. No entanto, é uma nova revelação. Podemos contar com um cronograma?

— Meu pai quer que seja feito antes do V Games anual.

— Claro, — diz ela educadamente. — Eu começarei a planejar o casamento. Algum pedido?

— Nenhum. — Porque eu não tenho. Eu estou me casando com Diana para fortalecer a posição de nossa família. Nada mais. Há escolhas muito piores do que a Volkov mais velha. Ruslan, por exemplo, foi destinado para minha irmã, porque eu queria que fosse assim. Escolhas muito piores, de fato. Ele está aqui esta noite com seu pai e seu irmão, Ven.

— Entendo. Um homem simples, — ela diz firmemente, chamando minha atenção de volta para ela. Seu tom é abrupto apesar do sorriso caloroso em seus lábios. — Eu farei com que o casamento seja lindo e inesquecível. Uma mulher sonha com esse momento toda sua vida. — Um anseio triste cintila em seus olhos por um momento antes de ser apagado. Seus lábios se pressionam enquanto ela me estuda. — Eu tenho pedidos, Vlad.

Eu levanto uma sobrancelha. Uma revelação interessante.

— Sim?

— Eu mantereí um dos meus próprios homens como meu guarda-costas principal, se você quiser que eu fique com sua família antes das núpcias. Você deve entender onde eu quero chegar. — Não há malícia ou acusação em seu tom. Simplesmente negócios. Ela quer proteção por alguém que atenderá seu melhor interesse sobre o meu e de nossa família, e ela pode ter isso - até eu colocar o anel de casamento em seu dedo. Neste momento, ela aprenderá a se curvar à minha vontade e a obedecer a seu marido.

Eu sorrio para ela.

— Claro. Algo mais?

— Minha irmã, — ela sussurra, sua voz se quebrando ligeiramente. — Você me ajuda a garantir que ela não seja usada como um peão. Eu quero que ela encontre felicidade e amor. O tipo verdadeiro e natural.

Estou chocado com as palavras dela.

— Irina deveria se casar com um Voskoboynikov. — E ela deveria. Eles estão em ascensão e vêm depois dos Vetrov. É também por isso que eu fiz o que fiz, para garantir que Vika continuasse com o plano de se casar com um dos irmãos de Niko Vetrov em vez de Ivan Voskoboynikov. Eu a queria sob meu polegar. Meu casamento arranjado fortaleceria o nome Vasiliev. Tudo o que veio junto com Vika não foi nada além de vingança da minha parte.

Imagens de Irina vêm em minha mente ao pensar nela em um vestido de noiva e sendo casada com um homem que ela mal conhece. Ele a levando para sua cama e chegando a ser o primeiro homem a tocar a pele delicada entre suas coxas.

— Vlad. — Diana balança a cabeça.

— Sim?

— Você está bem? Você rosnou. — Ela levanta uma sobrancelha escura.

Eu tomo um gole do meu vinho e sorrio. — Desculpe, não, eu estou bem. Eu estava pensando qual seria um bom partido para sua irmã.

Os olhos azuis de Diana brilham com fogo enquanto ela me prende com um olhar feroz. Estar sob seu olhar furioso me faz querer puxar meu colarinho para que eu possa respirar melhor, e forçá-la a se ajoelhar para ela aprender qual é o seu lugar quando ela está comigo. Posso ver por que ela administra os negócios tão bem. Ela faz isso com ferocidade. Novamente, bastante admirável. Eu tenho sorte de tê-la do meu lado.

— Ela se casará com quem a fizer feliz, Vlad. Não há negociação. Eu quero sua palavra sobre isso. Você vai deixá-la vir morar conosco e ela terá livre arbítrio.

Nesta única conversa, Diana rolou e me mostrou sua barriga<sup>6</sup>. Sua irmã Irina. Interessante. Sua pequena sombra pura e angelical, tem muitas vezes sido um ponto fraco para mim também, especialmente agora que ela floresceu em uma mulher. Se Diana está para ser minha esposa, eu precisarei me certificar que tenho Irina sob controle também. Eu terei um dos meus homens confiáveis para segui-la e obter todas as informações que ele puder. Diana nunca tinha me mostrado que sua irmã significa mais para ela do que simplesmente ser do seu sangue. A intensidade em seu olhar afirma que elas são mais do que irmãs. Melhores amigas, talvez. Parceiras de negócios, com certeza. E se eu estou me casando com uma parceira, eu preciso ter certeza que posso escolher afastar a outra. Nenhuma pedra fica no caminho. Nunca.

Irina é a sua maior fraqueza.

E eu posso ver o porquê.

Ela tem esse jeito especial dela.

Eu estive ciente desta atração por Irina desde que eu era jovem. Claro, simplesmente fascinação no começo. Curiosidade. E então, com a

---

<sup>6</sup> Mostrou um ponto fraco.

idade dela, veio uma atração tão intensa que eu encontrava minha mente vagando de volta para ela por horas, depois de vê-la casualmente por apenas alguns segundos. Eu sempre assumi que meu lugar seria com Diana, mesmo desde garoto, então eu nunca tinha mostrado a Irina o impacto que sua simples presença tinha em mim. Não está em minha natureza revelar minhas fraquezas.

Desejo não governa minhas ações, e controle é uma segunda natureza para mim.

Irina não é minha.

Eu não posso tê-la, então terei a próxima melhor opção.

Eu pego o anel de noivado de diamante amarelo de oito quilates de dentro do bolso do paletó e, mais uma vez, pego a mão de Diana. Ela me permite deslizar a pedra impressionante em seu esbelto dedo anelar. Não há necessidade de um pedido típico de joelhos.

— Senhorita Volkov, — eu murmuro. — Eu sempre a protegerei de agora em diante enquanto você for minha. E se isso significa estender essa proteção e seus desejos para Irina, então assim será. Você tem minha palavra.

Seu rosto se transforma em um sorriso de tirar o fôlego, que ganha alguns olhares de homens próximos. Ciúme não tem espaço no meu coração calculista, mas orgulho sim. Eu adoro que eles estão vendo duas famílias poderosas se juntarem com um forte vínculo. Muitas vezes, quando as famílias se juntam, é por pura necessidade. Elas às vezes odeiam suas uniões.

Eu não odeio Diana de jeito nenhum.

— Você pode ter filhos, né? — eu pergunto antes de colocar outro beijo em sua mão e soltá-la.

Suas narinas dilatam, seu único sinal de irritação.

— Eu valho mais do que um útero funcionando, senhor.

Uma risada explode de mim e eu aceno a cabeça.

— Ah, eu não tenho dúvidas sobre isso, minha noiva. Apenas fazendo as perguntas para as quais meu pai quer repostas. — Mentiras. Nós já sabemos as respostas porque eu falei mais com seu pai Leonid, sobre esse noivado do que eu a cortejei. Ela está em perfeita saúde e tem sido proibida de namorar. Garotos são uma distração, ele disse a ela, quando na verdade ele estava apenas mantendo-a pura. É difícil acreditar que uma mulher como Diana, não teria tido seus desejos atendidos. Nosso trabalho é estressante. Pensamentos dela se tocando

para aliviar a tensão corre na minha mente e eu lambo meus lábios. Eu estudo seus dedos esbeltos quando ela levanta a mão para a luz.

Ela sorri e inspeciona o anel.

— É lindo. — Seu olhar se eleva para encontrar o meu. — Tanto quanto eu sei, estou perfeitamente saudável. — Uma sobrancelha se levanta. — Eu estarei me guardando para a noite de núpcias, então não tenha ideias divertidas. — Ah. Ela lê mentes.

Apesar da sua tentativa de deixar a situação leve, a apreensão dança em seus olhos. Eu abaixo minha guarda e falo para ela, de amigo para amigo, mais uma vez.

— Eu serei bom para você, — eu prometo. — Eu nunca levantarei uma mão ou a machucarei. Eu serei um bom marido, se você for uma boa esposa. — Eu mostro para ela um sorriso raro e travesso. — E já me disseram que eu sou um excelente amante. Se você decidir que precisa testar a mercadoria, você sabe onde eu estou.

Ela solta uma risada lírica que mais uma vez atrai a atenção de muitos homens. — Pelo menos eu não serei infeliz me casando com o grande Vlad. Ele tem bastante senso de humor.

Nós interrompemos nossa conversa quando nossa refeição chega. O atendente nos fala sobre cada item em nosso prato e os ingredientes. Eu ouço metade enquanto examino o restaurante. Meus olhos captam um familiar par de olhos âmbar.

Vika.

Fogo e fúria flamejam em seu olhar. Ela está sentada entre Ruslan e Ven Vetrov. Ven está em uma discussão acalorada com o pai, enquanto Ruslan tem o braço sobre as costas da cadeira de Vika. Ela não estava com eles antes. Talvez ela estivesse no banheiro. Seus seios estão pulando para fora de seu vestido vermelho brilhante. Ela é o oposto de Diana. Diana é classe, graça e beleza atemporal. Uma adversária digna. Uma parceira ainda melhor. Vika não passa de uma prostituta. E vendo-a debaixo do braço do jovem bobo me faz sorrir.

Se olhares pudessem matar, Vika me mataria violentamente com seu olhar fixo. Ruslan deve sentir sua mudança repentina porque a abraça. Sua acne está fora de controle. Pelo tanto dinheiro que o nome Vetrov tem, você pensaria que eles tratariam o rosto desse garoto. Quando eu olho de relance para Ven, por um momento fico impressionado, como ele é semelhante ao seu irmão mais novo, Niko. Niko e eu éramos próximos até ele começar a ver Vika. Ela o alimentou com qualquer merda que ela alimenta aqueles que a rodeiam, e ele se apaixonou por isso. Pobre bastardo se apaixonou ainda mais forte pelo charme do gêmeo dela.

Pensamentos sobre meu irmão fazem o caranguejo e o vinho reagirem amargamente no meu estômago. Eu sinto falta dele. Porra, como eu sinto.

— Está tudo bem? — pergunta Diana. A amiga, não a mulher de negócios.

— No devido tempo, — eu prometo. — No devido tempo. — Quando ela for minha esposa e eu puder confiar nela, eu a deixarei a par de Vika e da família Vetrov. Até que ela use meu sobrenome orgulhosamente, como ela usa meu anel, eu a manterei no escuro, onde ela pertence.

Ela abre a boca para falar quando uma comoção ressoa da cozinha.

*Pop! Pop! Pop!*

Tiros.

Eu levanto da minha cadeira, alcançando minha arma dentro do meu paletó quando Diana fica em pé também. Ela levanta o elegante vestido preto até a coxa, onde ela tem uma pequena Beretta<sup>7</sup> amarrada no lado de dentro. Suas esbeltas coxas douradas estão me distraindo por um momento, mas depois eu estou invadindo a cozinha com ela logo atrás de mim. Ven tromba os ombros comigo enquanto tentamos atravessar a porta ao mesmo tempo, nossas armas destravadas e prontas para disparar.

Um drogado doidão mantém o chef na mira da arma e troca de pé em pé enquanto ele observa todos nós. Ele está insano - sujo e coberto de suor. Ele pertence à sarjeta - não ao mais fino estabelecimento na Rússia.

— Eu estou aqui por uma maldita Volkov. Eu sei que ela está aqui! — ele grita. — Onde está Irvac, sua puta de merda!

Antes que eu possa formular uma resposta, Diana se empurra para passar por mim e por Ven, com sua arma em punho. Suas palavras são gélidas e cruéis à medida que ela as transmite, sem medo:

— Seu irmão era uma cobra que estava me roubando. Não se preocupe, babaca, você vai vê-lo no inferno.

*Pop!*

Com impressionante pontaria, ela coloca uma bala entre seus olhos. Ele cai no chão e sangue borbulha de sua órbita estourada. Ela o

---

<sup>7</sup> Pequena arma de fogo.

matou. Dois assassinatos em um dia. Diana Volkov é cruel, exatamente como um Vasiliev.

— Sem armas! — Um homem de terno resmunga enquanto ele a empurra por trás. No momento em que ele coloca as mãos sobre ela, meus instintos entram em ação. Eu fiz uma promessa para esta mulher, e eu tenho a intenção de mantê-la.

Eu o agarro pelo colarinho e puxo-o para longe dela. Meu punho se conecta com o seu nariz com um ruído repugnante. Quebrado. Ele tropeça por um momento antes de me atacar. Eu dou outro golpe, mas ele me bloqueia e me derruba no chão da cozinha. Ele é maior, mas eu sou mais esperto. Eu levanto minha mão entre nós e agarro sua garganta em um aperto violento. Ele sibila e eu facilmente o viro. Com ele preso debaixo de mim, ofegando por ar enquanto seu rosto se torna roxo, eu procuro Diana. Ven tem um braço em torno dela. Ela me olha boquiaberta como se estivesse surpresa por eu ter acabado de defendê-la.

Claro que eu vou. É meu dever agora.

Ela vai ser uma Vasiliev, e ninguém fode com um Vasiliev.

— Vlad, — uma voz profunda e calma diz atrás de mim. — Solte-o.

Pakhan.

Eu aperto a garganta do idiota por mais um segundo antes de deixá-lo ir e me levanto. Eu endireito meu paletó e passo uma mão sobre meu cabelo para garantir que esteja no lugar antes de me aproximar de Diana e colocar um dedo sob o queixo dela para levantar sua cabeça. Olhos azuis brilhantes piscam para mim. Confiança. Um lampejo, mas está lá. Eu dou-lhe um ligeiro aceno de cabeça antes de me virar para encarar meu pai.

— Ele veio pelo sangue da minha noiva, — eu afirmo, minha voz agora calma, como a do meu pai.

Seus olhos viajam para o cadáver e ele estala sua língua.

— Qualquer um faria o mesmo.

Ninguém oferece a informação de que Diana foi a única responsável pelo tiro mortal. Não é da maldita conta deles.

— Eu não sabia que você estaria jantando esta noite, — eu digo, minha voz à beira do suave. Os guarda-costas se acumulam e começam a limpar a bagunça.

O Pakhan dá a coisa mais próxima de um sorriso que ele consegue reunir.

— Alguns potenciais patrocinadores para o The Games. Nós estávamos na sede do clube no andar de cima quando fomos alertados por uma discussão.

— Já foi resolvido, — eu digo friamente enquanto endireito minha gravata. Ofereço minha mão para Diana. Ela sai do abraço de Ven e a pego. — Agora, se vocês me derem licença, preciso escoltar Diana para casa.

O Pakhan acena em aprovação e partimos sem outra palavra.



# Capítulo Cinco

## Irina

Vozes vindas do andar de baixo me acordam do meu cochilo. Visto meu robe de seda sobre minha camisola e esfrego os meus olhos sonolentos, verificando meu relógio. É cedo ainda. Diana não deveria estar em casa tão cedo, mas eu ouço sua voz entre as outras. Eu me apresso para ver sobre o que é a comoção. Assim que eu chego ao escritório de Diana, entro em uma cena da qual eu desejaria caminhar de volta direto para fora. Anton, meu pai, vários dos homens de Vlad, minha irmã e o próprio Vlad estão falando rapidamente e todos de uma vez. Mas o que faz meu coração afundar é Diana e Vlad, a proximidade deles. Ela está maravilhosa como sempre em um vestido de noite preto, mas por cima do vestido, ela usa o paletó do terno de Vlad como se ela pertencesse a ele. Meu estômago se contorce. O mundo se expande em volta de mim, e quase sinto como se estivesse flutuando.

Eu quero perguntar o que aconteceu, mas ninguém me vê ou me nota de qualquer maneira. Aparentemente, eles foram atacados no restaurante. Diana atirou em alguém e Vlad a protegeu.

Está acontecendo.

*Respire.*

Eu capturo a luz da pedra amarela brilhante em seu dedo e uma dor como nunca senti, rasga no meu peito e a amargura entra.

*Respire.*

Eles estão noivos.

Isso está realmente acontecendo.

Minhas emoções são irracionais, e a traição corta profundamente como uma faca quente na manteiga. Eu sabia que estava chegando. Diana me avisou. Mas tão cedo? E ver isso ao vivo é algo completamente diferente. Meu peito aperta e eu pisco de volta as lágrimas de irritação e dor. Ele nunca foi meu. Eu preciso me lembrar disso.

Eu entro na sala e caminho ao longo da parede, permanecendo nas sombras. Meus olhos estão sobre *ele* - aquele que vai casar com minha irmã, esmagando minha alma com cada juramento falado. Em

breve ele será meu cunhado. Em pouco tempo, Diana trocará suas armas e reuniões de negócios por uma barriga arredondada e fazer planos para um bebê.

*Respire.*

Por mais que eu adoraria ter uma sobrinha ou um sobrinho, eu não esperava que fosse assim. *Assim* machuca tanto. Eu quero que isso pare - acordar na minha cama, e perceber que isto é tudo um sonho.

Vlad se afasta do lado da minha irmã para ir até ao bar no canto do escritório. Ele derrama dois dedos de vodca em um copo e bebe. Assim que acaba, ele coloca mais. Desesperada por ver o rosto dele, eu me esquivo em sua direção. Meus passos não são ouvidos devido a toda a conversa alta sobre os eventos que ocorreram hoje à noite.

Ao me aproximar dele, seu perfume se funde com o meu, e eu me permito por um segundo, que me inunde. Para me deliciar nele. Seu corpo endurece, como se estivesse sentindo a companhia ao seu lado.

— Noite interessante, — eu murmuro enquanto corajosamente passo ao seu lado e pego garrafa de vodca.

Ele não mostra nenhum sinal de me ouvir. Na verdade, eu acho que ele pode estar me ignorando. Isso machuca. No entanto, eu preciso disso - para ser invisível. Algum dia, talvez eu desapareça do nada. Eu derramo mais do que deveria em um copo. Antes que eu possa enchê-lo até a borda, dedos fortes e quentes se agarram em torno dos meus e a garrafa é arrancada à força da minha mão.

— Basta, pequena Irina.

*Pequena.* Ele disse meu nome.

Eu levanto minha cabeça para olhar seu rosto brutalmente bonito. O normalmente feroz e composto Vlad Vasiliev está abalado. Seus olhos âmbar são a principal informação, quando eles brilham com uma emoção que ele é incapaz de manter escondida atrás de seu exterior normalmente frio. Geralmente, nem um fio de cabelo está fora do lugar, mas esta noite, uma mecha de cabelo castanho escuro paira sobre sua testa. Isso lhe dá uma qualidade selvagem e juvenil, que faz meu núcleo apertar em apreciação. Meus dedos coçam para afastar esta mecha de seu rosto. Em vez disso, eu bebo todo meu copo sem vacilar ou desviar meu olhar dele.

Um pouco de vodca escorre do meu lábio e corre pelo meu queixo. Ela está prestes a pingar do meu maxilar, quando ele estende a mão para com um dedo curvado e a coleta. O seu toque me eletrifica. Ele leva o dedo úmido para seus lábios e com sua língua rosa lambe a vodca de sua pele. A sala gira e calor me inunda. Minha calcinha está

encharcada e eu estou horrorizada, imaginando se ele pode sentir o cheiro da minha excitação descarada por ele.

O noivo da minha irmã.

Seu olhar escurece enquanto ele desliza seus olhos da minha boca para minha garganta, para meus seios. Eles mal estão escondidos pelo robe de seda e a camisola. Meus mamilos endurecem em resposta.

— Vá para o seu quarto, — ele ferve, sua voz no limite de estar furiosa. — Vá para o seu quarto, pequena Irina. Isso é inaceitável de se usar em torno dos homens.

Encorajada pela vodca, eu olho furiosamente para ele.

— Você não é meu protetor.

Ele dá um passo para mais perto de mim, o calor de seu corpo ameaçando deixar minha camisola em chamas. — Sua irmã usa meu anel. Tudo com que ela se importa, eu me importo também. Diana será uma Vasiliev, e eu serei amaldiçoado se deixar a irmã dela ser apanhada desfilando por aí de camisola transparente com uma sala cheia de homens famintos. — Ele range os dentes e estreita seus olhos castanhos em mim. — Agora, corra de volta para cima antes que você seja comida ao seduzir o homem errado.

Minha raiva se derrete quando eu analiso suas palavras.

O homem errado?

Como ele?

Esperança, um sentimento estúpido, me agarra pela garganta. Eu não consigo formar palavras. Em vez disso, eu me deleito em sua aparência elegante. Sua gravata está imperceptivelmente afrouxada, e as mangas de sua camisa branca impecável, salpicadas com sangue, foram enroladas até os cotovelos. Ele esfrega o maxilar com a palma da mão e seu antebraço cheio de veias se flexiona. Eu sou apanhada olhando para as intrincadas tatuagens que eu nunca soube que existiam ao longo de seus braços.

— Irina, — ele rosna.

Sua voz reverbera para o meu núcleo, e eu solto um gemido aflito. — Mmm?

Ele aperta meus quadris, seus dedos afundando na minha carne e me vira.

— As pessoas estão olhando para você. Vá para o seu quarto.

Um riso borbulha dos meus lábios.

— Ninguém olha para mim Vlad. Eu sou uma sombra.

Ele resmunga, e é tão diferente dele que eu me viro para ter certeza de que é, de fato, Vlad ainda atrás de mim.

A intensidade em seus olhos faz minhas pernas fraquejarem.

— Quando você está olhando para o sol, você não pode ver uma sombra. — Sua voz é baixa e rouca.

Inclino minha cabeça para estudar os movimentos de seus lábios. O que isso quer dizer?

— Agora corra, solntce moyo. Vá. — *Meu sol*. Eu não consigo respirar. Ele encoraja que eu me movimente com um aceno de cabeça. Eu giro e tropeço. Quando eu dou uma olhada de volta para ele, ele já está seguindo com a conversa. Diana dá a ele um sorriso suave antes de falar com nosso pai novamente.

Ele é dela agora.

O que eu senti há pouco foi real. Não foi um jogo, ou uma jogada ou qualquer coisa que esses homens em nosso mundo são conhecidos por fazer. Vlad me *nota*. Uma pena que seu dever sempre prevalecerá, e é por isso que ele está de volta onde quer estar, com o braço em volta da minha irmã e uma expressão estoica em seu rosto.

Um rei nunca fraqueja.

E Vlad Vasiliev é o homem mais régio que eu conheço.

Eu sou apenas uma distração.

Solntce moyo.

Meu sol.

Não uma sombra.

Sentindo como se pudesse ser minha última chance para me expressar, eu sorrio para ele. Nossos olhos se travam, mas ele não mostra nenhum sinal de seu pequeno deslize há alguns segundos. Duro. Provocativo. Feroz. Todas as paredes estão de volta ao lugar.

Meu sorriso cai, e eu deslizo de volta para as sombras onde eu pertenço.

Eu não sou o sol.

Mas foi bom brilhar como um, mesmo que por um momento.

\*\*\*

As vozes finalmente atenuam e a casa fica em silêncio. Eu sempre mantenho a porta do meu quarto aberta - um velho medo de infância, de ficar presa sozinha com o homem de um sonho antigo que não parece ter desaparecido quando cheguei a idade adulta. Foi como eu ouvi o tumulto mais cedo, mas esta noite, ela está fechada. Eu não queria que Diana ou nossos pais me ouvissem chorando minhas mágoas no travesseiro.

Como alguém sofre por algo que nunca teve?

Eu não tenho certeza, mas sem dúvida estou de luto. Meu coração dói fisicamente. Nossa mãe se casou com nosso pai, mas nunca houve amor. Não como os livros de histórias que nós líamos às escondidas. Diana deixava eu me enrolar ao lado dela em sua cama enquanto iria ler histórias de aventuras sobre princesas que eram corajosas e ainda conseguiam o príncipe bonito no final. No fundo, eu sempre pensei que Diana e eu podíamos ser fortes e encontrar o amor. Por que nós não podemos ter os dois?

Nosso mundo não é um livro de histórias.

Os vilões rondam a noite - é certamente mais um pesadelo do que um conto de fadas.

Nós somos seduzidas por alguém que poderíamos amar, e depois é levado embora. Nós somos obrigadas a seguir regras que sugam a felicidade diretamente de nossa medula.

Devo aceitar que não há finais felizes para as garotas Volkov.

Há uma ligeira batida na porta, tirando-me dos meus pensamentos íntimos, e minha irmã chama através da madeira nos separando. — Irina, você está acordada?

Eu permaneço quieta e calada, esperando que ela vá embora.

Não tive essa sorte.

A maçaneta da porta gira e ela a abre, dando um passo para dentro do meu quarto.

— Shadow?

Eu prendo minha respiração e ouço seu suspiro antes dela sair, fechando a porta. Eu inalo para encher meus pulmões famintos, então inclino-me para acender a lâmpada. Eu solto um grito assustado quando vejo Diana sentada na cadeira no canto do quarto olhando para mim. É estranho vê-la no canto, mas ela não parece uma sombra. Ela comanda o espaço. Minha irmã o possui.

Assim como ela possui meu futuro.

Eu engulo a dor e encontro seu olhar triste.

— Eu conheço você a vida inteira, Irina, — ela diz seriamente, suas sobrancelhas escuras franzidas. Isso me lembra de quando nós éramos crianças e ela se preocupava comigo. Tão maternal e amorosa. — Eu sei quando você está dormindo e quando você não está.

O nervosismo dança em minhas entranhas como se houvesse um desfile acontecendo dentro de mim.

— Estou cansada, Diana, — eu resmungo, sentimentos de traição chacoalhando minha voz. — O que você quer?

Ela se levanta, e eu me apresso em sentar, abaixando meus olhos para que eu não tenha que olhar diretamente para ela.

— Eu sei que você não aprova minhas escolhas.

Eu bufo uma risada desanimada.

— Não é sua escolha. Esse é o ponto.

— O Pakhan não me obrigaria a entrar nisso, Irina, então *é* uma escolha, e eu tenho feito o certo por nós duas. — Sua voz é firme e inflexível. Enfurece-me que ela esteja se comportando como *eles*. Como a nossa mãe. Cedendo e deixando os homens em nosso mundo controlar nosso futuro.

Levanto minha cabeça para encontrar seus olhos azuis.

— O que isso quer dizer?

Sentando na cama na minha frente, ela pega minhas mãos e sorri. — Você vai se mudar comigo para a propriedade dos Vasiliev. Nenhum arranjo conjugal para você será feito. Você fará suas próprias escolhas quando estiver pronta para essas coisas. — Ela está sorrindo para mim como se eu fosse uma prisioneira e ela acaba de oferecer minha liberdade. Mas ela está errada. Eu não tenho planos para me dobrar à vontade do nosso pai, ou qualquer homem que acha que minha herança e sobrenome sejam bons negócios para ele. Não posso me mudar para a casa dos Vasiliev com ela. Estar em torno de Vlad constantemente, estar em torno de suas coisas, seu cheiro. Observá-los como se conectam e se apaixonam? Vê-lo tocá-la de maneiras que eu quero que ele me toque? Sim, claro. Isso é tortura. Tortura *cruel*. Eu gostaria de ter tido a coragem de contar a ela como eu me sentia sobre Vlad quando éramos mais jovens, então isso não estaria acontecendo agora. Ela não me machucaria assim se soubesse que estava fazendo isso.

— Você o ama? — eu me encontro perguntando, mesmo sabendo que ela não o ama. Ainda não, pelo menos.

O canto de seus lábios sobe e ela levanta um ombro e faz um movimento de indiferença.

— Eu vou aprender. — Ela avança e começa a me fazer cócegas, fazendo eu me debater e gritar em rendição. Ela não tem sido brincalhona assim desde que nós éramos pequenas, e é refrescante. Isso me lembra que nossa irmandade é tudo.

Talvez, se ela puder aprender, eu posso aprender também.

Eu vou aprender como *não* o amar.

— Se ele continuar me beijando como ele beijou esta noite, isso pode acontecer mais cedo do que penso, — ela admite com uma risadinha, puxando-me para trás na cama e desmoronando ao meu lado no travesseiro. Ambas olhamos para o teto, respirando um pouco pesado com o esforço. Suas palavras brincam em minha mente.

Ele a beijou.

Eles se beijaram.

Meu ritmo cardíaco acelera apenas imaginando como os lábios dele seriam pressionados contra os meus. Macios. Molhados. Dominantes.

— Como foi? — eu pergunto. Não querendo saber, mas desesperada para saber.

A diversão se evapora e o silêncio cai. Eu juro que posso ouvir meus próprios batimentos cardíacos trovejando no meu peito.

— Suave, mas forte, — ela murmura, colocando as almofadas da pontas dos seus dedos sobre os lábios. — Ardente e intenso. — Ela se senta e se inclina sobre mim. — Assim. — Ela se inclina e coloca seus lábios nos meus, empurrando forte, e tudo o que posso pensar é que eles têm o gosto de Vlad.

Ela se afasta e sorri. — Mas com língua, — ela brinca, sacudindo a língua para fora, para lambar a ponta do meu nariz. Eu grito, e ela começa a atacar meu rosto, lambendo minha bochecha e minha testa.

Esta é a irmã que eu tenho amado e sentido saudade.

Ultimamente, ela tem sido um deles, mas neste momento... neste momento, ela é apenas Diana.

— Pare com isso! Pare com isso! — Eu grito, rindo.

Ela prende meus braços para que eu não possa detê-la, e quando ela finalmente cessa seu ataque, olha para mim, com as sobrancelhas franzidas e olhos concentrados e sérios. — Eu sempre serei sua irmã mais velha, — ela promete. — Eu sempre farei o certo por você. Eu prometo, esse casamento não nos muda.

Eu quero que suas palavras sejam verdadeiras, profundamente, mas meu próprio coração está murchando, e ela não vê que estou morrendo por dentro. Estar ao redor dele será brutal.

Mas estar ao redor da minha irmã?

Definitivamente, vale a pena a dor.

— Tudo bem, eu irei com você, — eu sussurro.

Ela irradia seu sorriso megawatt para mim e pula para fora da cama.

— Durma um pouco, pequena Shadow. Nós temos uma grande tarefa à nossa frente.

Sim, nós temos.



# Capítulo Seis

## Vlad

Esta noite foi um desastre. Primeiro, o idiota no restaurante que fez com que todos os tipos de códigos de honra fossem quebrados, depois eu tive que levar Diana para casa, apenas para me encontrar em uma situação com Irina que testou meus limites.

Sua camisola mal a cobria, e ela estava totalmente inconsciente de sua própria beleza em exibição para todos verem. Era irritante e tentador. Muito tentador. Eu nunca tive que lutar para manter minha guarda alta antes - para manter minha indiferença forçada em minhas feições.

Ela não pode saber que me afeta de jeito nenhum.

Ninguém pode.

Diana, especialmente, não pode saber que desejo sua irmã de maneiras que eu talvez nunca a deseje. Só causaria conflitos. Ela não pode saber disso, para mim, *ela* é a sombra. E embora ela seja meu par, sua irmãzinha sempre segurará algo que eu nunca darei a ela ou a qualquer outra.

*Solntce moyo... como você brilha intensamente.*

Quando ela finalmente saiu para voltar para o seu quarto, eu discretamente me ajustei e voltei ao meu devido lugar ao lado de Diana. Depois, quando a oportunidade surgiu, eu a arrastei para longe de seu pai e dei minhas desculpas para sair.

Agora, estou de pé aqui com imagens de Irina me atormentando enquanto eu olho para os lábios cheios de Diana. Eles são muito parecidos com os da sua irmã, só que eles se curvam ligeiramente para baixo, onde os de Irina se curvam para cima. Isto... isto aqui, não pode acontecer. Comparando-os e pensando em Irina quando olho para Diana. Pensando no modo como a ondulação dos seus peitos subiam e desciam com batimentos rítmicos acelerados, combinando com os meus próprios batimentos cardíacos quando estávamos tão perto.

Porra.

Levantando minhas mãos para envolver o rosto de Diana, eu esmago meus lábios contra os dela. Duro, profundo, brutal. Eu separo seus lábios com um deslize da minha língua. Ela tem o sabor do vinho tinto que esteve bebendo e é bom. Seus lábios se movem contra os meus com facilidade. Eu, certamente, não sou seu primeiro beijo.

Ela, definitivamente, não é o meu.

Quando eu me afasto, seus olhos estão vidrados, e pela primeira vez, ela não está tão composta. Seus lábios estão inchados, e seu batom vermelho está ligeiramente manchado em volta de sua boca.

— Boa noite, noiva, — eu pronuncio, testando a palavra.

— Boa noite, — ela murmura, então empalidece quando seu pai e o número dois dele, Anton, estão caminhando em nossa direção. Eles podem ter visto nosso pequeno show, mas ela, por direito, é minha agora. Eu não a estava apalpando como dois adolescentes no baile. Eu pego sua mão e dou um aperto reconfortante.

Então, eu me retiro.

\*\*\*

Quando chego em casa, tudo está em silêncio. Uma pontada aperta meu estômago quando passo pela sala de jogos e a risada de Viktor não surge através das portas. Agora já faz dois meses, mas perdê-lo não tem sido mais fácil. Meus pés vacilam quando chego à cozinha e encontro a criada colocando um sanduiche na frente de Veniamin Vetrov.

Por que diabos ele está aqui?

Meu interesse foi despertado enquanto abro a geladeira e tiro duas garrafas de cerveja. Eu não sou geralmente um bebedor de cerveja, mas com Ven, eu não sinto a necessidade de pretextos. Ele e eu nos conhecemos há muito tempo. Eu posso relaxar um pouco e ser eu mesmo - o eu sob o terno do poder.

— Com fome? — eu levanto uma sobancelha e entrego-lhe uma garrafa.

Ven pode intimidar a maioria. Ele tem a loucura dos Vetrov sobre ele. Barbudo e aparentemente despenteado. Apenas contido sob um caro terno Armani e sapatos de couro italianos de mil e duzentos dólares. Eu relembro o adolescente Ven, quando éramos mais jovens, correndo pelo bosque na neve. Mais velho e mais feroz do que qualquer outro garoto, inclusive eu. Ven foi o único estúpido que correu pela neve

sem camisa. Como se isso o tornasse mais fodão. Naquela época, ele era praticamente sem pelos como o resto de nós. Agora, sua barba e cabelo rebeldes combinam com aquele garoto selvagem que eu me lembro. Seu pai pode forçá-lo a usar um terno e incutir boas maneiras nele, mas Ven ainda é o abutre implacável, como afirma o brasão de sua família.

Ele a pega com um sorriso travesso, seus dedos tatuados se curvando em torno do gargalo da garrafa. Isso me faz querer saber o que o velho Vetrov pensa sobre as tatuagens do seu filho mais velho. Meu próprio pai odeia as minhas, razão pela qual eu tento mantê-las escondidas sob meu terno. Ven usa as suas em exibição para todos verem.

— Não consegui terminar meu jantar.

Ahhh, claro que não.

O pequeno assassinato de Diana arruinou mais do que apenas a minha noite, parece.

— Como ela está? — Ele está se referindo a Diana. Como eu, ele a conhece desde que nós éramos crianças, e se eu me lembro bem, ele costumava provocar Niko sobre sua paixão por ela.

— Ela está bem. Resiliente e mortal como você sabe.

Há uma afeição em seus olhos quando eu falo de Diana, e eu sei que é refletida de volta para os meus.

— Ty khochesh' yest<sup>8</sup>, Sr. Vasiliev? — pergunta a criada, olhando para mim com olhos de corça. Ela está em muito melhor forma do que a garota que ela substituiu, que aparentemente teve um acidente neste mesmo lugar.

— Não, eu não quero comer. Você está dispensada.

Nós a observamos se apressar em sair antes de Ven acenar sua cabeça em aprovação.

— Você acha que eles são reais? — Eu sei que ele está falando sobre os peitos da garota sem nem explicar. Eles são excepcionalmente grandes para uma estrutura pequena daquela.

— Eu duvido que ela possa pagar por um silicone, — eu ofereço.

Ele parece ponderar este pensamento. — Talvez você os comprou para ela, — ele medita em voz alta. — Eu vi o jeito que Rada olhou para você. — Ele sorri maliciosamente enquanto toma um gole da garrafa de cerveja. Claro que ele sabe o nome dela. Ven parece conhecer o nome de

---

<sup>8</sup> “Você quer comer, Sr. Vasiliev?” em russo.

todo mundo. É certo que nesta coisa ele é muito melhor do que eu.  
*Pessoas.*

— Pagar *as criadas* pelos prazeres sempre foi o estilo de Niko, não o meu, — eu espeto, recusando-me a dizer o nome dela, mostrando a ele que eu não acho que seus nomes valem à pena saber.

Ele ri, alto e sincero. — Ele era famoso por ir atrás de ajuda. Uma vez, eu o peguei com seu pau entre o colchão e o estrado de sua cama, grunhindo. Ele até pagou a Ursula, nossa cozinheira de cinquenta anos, para enfiar uma cenoura no seu traseiro.

Eu quase engasgo com essa imagem.

Ele apenas balança a cabeça. — É a verdade. Ele tinha dezessete anos. Nossa mãe, que Deus a tenha, teria matado aquela mulher, se ela tivesse vivido tempo suficiente para descobrir isso, e eu tenho medo de pensar o que o nosso pai teria feito se essa informação chegasse até ele.

— Uma cenoura? — Eu bufo.

— Perdi a vontade de comer em casa, posso te dizer, — ele acrescenta, terminando o sanduíche. — Eu sinto falta dele.

Eu aceno minha cabeça. — Eu também, moy drug. — *Meu amigo.*

— Como Vika está se adaptando? — Eu digo com um sorriso, ganhando um olhar assassino.

— Eu pensei que com a infeliz morte de Niko, nós estaríamos livres dessa mulher, — ele grunhiu.

— Pelo menos não é nas suas costas que a faca será colocada.

Ele engole o resto de sua garrafa antes de colocá-la com um tilintar contra a bancada de granito. — Isso é verdade. Devo admitir, eu pensei que isso poderia ser apresentado como uma opção. Eu casando com sua irmãzinha. E sem querer desrespeitar você, Vlad, mas de homem para homem, de amigo para amigo, eu prefiro me casar com uma camponesa do que com essa mulher.

— Não ofendeu. — Eu levanto uma sobrancelha para ele. — Mas você me deve uma.

Suas sobrancelhas marrons escuras se juntam e ele acena com a cabeça. Eu adoro o sentimento de ter poder sobre alguém. E favores a serem pagos são meus favoritos.

— Você ainda deveria manter um olhar atento sobre ela, — eu digo a ele. — Ela é astuta e geralmente consegue o que quer. Ela teve planos para você por um tempo.

— Eu estou bem ciente do que ela é capaz, — ele resmunga. — Não se preocupe com isso.

Seu tom implica que há mais do que ele quer dizer.

Ele sabe o que Vika fez?

Eu o estudo enquanto ele se levanta.

— Vou andando.

— Tão cedo? — eu provoco e saio da cozinha, sabendo que ele vai me seguir.

Ele sempre segue.

Quando você conhece um homem há tanto tempo como eu, você os tem decifrado completamente. E Veniamin Vetrov não é diferente. Eu o estive estudando desde que eu era um pentelho, e sabia que queria crescer para ser um fodão como ele... mas melhor.

Subindo a escada de dois em dois degraus, eu sorrio quando ouço seus passos atrás de mim. Juntos, caminhamos pelo corredor da ala norte para um dos nossos muitos quartos de hóspedes, e eu giro a maçaneta. Eu verifico rapidamente meu relógio e meu sangue corre diretamente para o meu pau quando eu ouço o barulho do chuveiro na suíte. A criada, ou Rada, como Ven tão gentilmente me lembrou, usa esse chuveiro todas as noites à mesma hora, logo depois de seu turno. Os aposentos dos empregados não estão bons para os padrões dela, tudo indica. Ela não sabe que eu sei seus truques, mas esse lugar tem câmeras em cada canto.

Não há um canto que eu não consiga ver.

Meus olhos estão em toda parte.

Ven conhece esse jogo. É um que nós já jogamos antes. Ele dá uma tapinha no meu ombro e sussurra:

— Uma pelos velhos tempos.

Eu atravesso o quarto e sento no sofá de dois lugares de veludo ao lado da cama. Ven mergulha nas sombras e nós esperamos. Pacientemente, com os predadores que somos.

Por fim, a porta se abre, e lá está ela, seus enormes peitos e seu corpo magro confinado em uma toalha pequena. Seu cabelo escuro está molhado e se apegando à sua pele. Ela me localiza quase instantaneamente, exatamente como eu planejei.

— Sr. Vasiliev, — ela ofega, apertando o tecido.

— Chegue mais perto, — eu ordeno, e ela não questiona a instrução. Suas pernas obedecem e ela se move em minha direção, parando aos meus pés.

— Você quer jogar um jogo, malyshka? — *Pequena garota*. Eu arqueio uma sobrancelha para ela.

A respiração dela aumenta, e aqueles peitos verdadeiros começam a se mover em rápida velocidade. Ela abre a toalha e a deixa cair no chão.

Eu vou tomar isso como um sim.

Eu aceno a cabeça e fico de pé. Ven sai da escuridão, como se ele fosse gerado dela, e serpenteia silenciosamente na direção dela. Ela não o vê, seus olhos fixos em mim.

— Você gosta de jogos, malyshka? — eu murmuro, inclinando-me para o seu espaço, para que minha respiração possa se dispersar sobre sua carne febril. A sua pele floresce com pequenos arrepios e seu lábio inferior treme de desejo.

— Da, — ela confirma. *Sim*. Bom, eu também.

As mãos de Ven vêm em volta de seu pescoço por trás, puxando o seu corpo direto para o dele. Ela entra em pânico e tenta alcançar as mãos dele, mas eu a paro, pegando a mão dela em minhas.

— Não lute, Rada.

— É melhor quando elas lutam, — Ven rosna.

Ela começa a bater suas pernas para trás, tentando chutá-lo em vão. Seus olhos piscam e sua pele cora um belo vermelho escuro. Eu aceno a cabeça para Ven, e ele libera seu pescoço, mas envolve um braço em torno de sua cintura para mantê-la na posição vertical. Ela inala o ar, sedenta por ele.

— Ublyudok! — *Bastardo*. Sua voz é rouca por ser esganada.

Ven gargalha.

— Eu já fui chamado de coisa pior.

— Sente isso? — eu pergunto, colocando uma palma no coração dela. Os olhos dela lacrimejam e ela olha para mim, magoada. — O ar invadindo seus pulmões? O sangue correndo pelas suas veias, alimentando seu coração? Permanecer no limiar é o êxtase. Um presente. Persiga o prazer, maylshka.

As mãos de Ven, mais uma vez, envolvem seu pescoço, e desta vez ela não luta. Seus mamilos estão duros e desesperados por alívio, e sem mergulhar meus dedos dentro dela, eu sei que sua boceta estará

pingando. Seus lábios, inchados e latejantes, imploram para serem preenchidos e fodidos com força. As veias em seus olhos quase ondulam enquanto ela luta para mantê-los abertos, olhando dentro dos meus.

Ele a leva um pouco mais longe, fazendo seu corpo se contrair e sua pele florescer com tons de púrpura. Quando ele a solta, ela engasga, tossindo e cuspidando.

Ela está pronta.

Eu a agarro sob suas axilas, levantando-a e jogando-a na cama. Seu corpo aterrissa com um baque suave. Os travesseiros caem no chão e ela desliza sobre os lençóis de cetim. Eu rondo em volta da beira da cama enquanto Ven tira a camisa de seu torso. A tinta em sua pele toma vida com seus movimentos. Ela está ofegando, e seu corpo está tremendo antes mesmo dele estar perto dela. Abrindo as pernas, ela o convida entre elas, mas seus olhos estão colados em meus movimentos. Ela ofega quando ele libera seu pau do zíper de sua calça. Veniamin, como eu, não decepciona nesse departamento.

— Vire-se, — ele exige com um rosnado.

Obedecendo, ela se mexe para ficar de quatro. Sua bunda está no ar e o peso dos seus peitos puxam seu tórax em direção ao colchão. Ele entra nela duro e selvagem, dando um tapa na sua bunda enquanto entra. Ela grita, depois geme. Agarrando um punhado de seu cabelo molhado, ele dá um puxão na cabeça dela para trás, fazendo-a ofegar. Soltando minha gravata, eu a retiro do colarinho e me aproximo da cama. Seus olhos me rastreiam e se abaixam para a minha calça. Ela quer estar cheia de pau. Ajoelhando na cama em frente a ela, eu aperto seu maxilar e aceno para Ven diminuir seus golpes para que eu possa enfiar minha gravata em sua boca.

Dentro, dentro, e assim vai até que ela engasgar.

Seus olhos lacrimejam e pânico brilha brevemente neles.

Ela geme algo ao redor do tecido, mas suas palavras não importam. Eu aperto o seu nariz entre o meu indicador e o polegar, cortando seu suprimento de oxigênio. Os quadris de Ven batem forte dentro dela enquanto a mão dele serpenteia embaixo, para beliscar e bater em seu clitóris. Quando as lágrimas aparecem e depois caem pelas suas bochechas, eu fico mais perto do rosto dela para vê-las vazarem livremente. Suas pálpebras vibram e os lábios começam a mudar de cor. Levemente azuis no início, e depois mais escuros a cada segundo que passa. Seu corpo está dando lugar ao ardor em seus pulmões. Seu cérebro faminto está fazendo seus olhos caírem com a exaustão. Os impulsos do Ven ganham força e eu puxo um pedaço do tecido da gravata e lentamente o retiro para combinar com cada

sacudida para frente dos quadris dele. Ela inspira e gagueja com cada centímetro que eu puxo. Quando a gravata está completamente fora, ela grita seu orgasmo enquanto ainda tenta reabastecer seu corpo com ar.

Meu pau se contorce em minha calça, ansioso por atenção, mas eu o ignoro por agora.

Eu amo a cor dos seus lábios.

Azul. Azul. Tão azul.

Eu suspiro porque, ao contrário de Ven, não estarei buscando minha satisfação com uma mulher bonita.

Ela desmorona na cama enquanto seu corpo treme com prazer. Seus gemidos ecoam pelo quarto, transformando-se em soluços de êxtases. O orgasmo foi tão intenso, que ela está como pudim quando Ven a vira de costas e cavalga em sua pequena estrutura. Ele empurra seu pau entre seus peitos balançando e os fode, espremendo-os para envolver seu pau. Ele ruge algumas vezes, depois pinta seu rosto com fitas brancas de sêmen.

Eu deixo o quarto, fechando a porta atrás de mim, mas ainda a sinto procurando por mim muito depois de eu ter saído. — Eu não fodo a criadagem, maylshka, — eu digo para ninguém.

Já no meu próprio quarto, eu me livro da minha armadura e tomo banho. As gotas estão frias e punitivas. Pensamentos de Irina me invadem endurecendo o meu pau. Ela ainda olharia para mim com tanta devoção e necessidade se ela soubesse que eu gosto de ver as lágrimas de uma mulher antes de ver seu prazer?

Eu duvido, e ela *nunca* descobrirá.

Em vez de pensar em doçura e perfeição e pequenos mamilos através de um vestido de seda, eu fecho a mão no meu pau com imagens de lábios azuis e peitos gigantes e balançando. Não é o que eu quero, mas servirá.

Eu domino toda a distração da minha mente e gozo, pensando sobre controle. Seja o que for que eu tenha considerado brevemente na minha cabeça com Irina, não passou de um pequeno lapso.

Eu sou um Vasiliev.

Nós não perdemos nosso controle.

Na verdade, nós não perdemos nada.

É hora de parar de pensar como um otário e começar a jogar como um mestre.



# Capítulo Sete

## Irina

Diana está em uma conversa acalorada com Anton quando eu chego ao seu escritório depois de um café da manhã atrasado. Eu estou exausta das revelações da noite passada. Não é típico para mim, mas pela primeira vez, eu dormi demais.

A conversa parece tensa, se a frustração gravada nas feições de Anton for um indicativo. Entro e sento. Ambos me ignoram, mas minha presença é conhecida. Diana fica atrás de sua grande mesa e gesticula para Anton sair com uma inclinação do queixo.

Ele não se move por uns bons quatro segundos. Eu sei porque os contei. Finalmente, com um suspiro quase imperceptível, ele se levanta e se afasta. Os passos dele são pesados com a intenção de mostrar seu descontentamento com o que quer que eles estavam discutindo. Ela provavelmente planeja fazê-lo nos acompanhar para a propriedade de Vasiliev. Não é o trabalho para o qual ele está acostumado, ou sequer preparado, mas é o único que ele fará se ela ordenar. Anton é o braço direito do meu pai. Ele faz todo o trabalho sujo do nosso pai, e faz com um sorriso e um aceno de cabeça. Portanto, não há dúvida de que ele obedecerá e nos acompanhará. Diana se certificará que o Pakhan pense que é uma boa ideia também. Diana sempre tem um jeito com homens, e nosso pai não é imune a seu encanto.

— Você está tensa, — eu comento, observando-a por sinais de que ela esteja perdendo a coragem e se arrependendo.

— Há muito para preparar. — Seu suspiro é pesado e resignado. Ela não é mais a mulher inebriada e excitada da noite passada.

Eu me levanto e caminho até ela, sentando no canto da mesa. — Anton não quer fazer a segurança para nós? — eu pergunto com um tom brincalhão, mas não quebra seu humor irritado.

— Anton fará o que lhe for dito, — ela diz entredentes, sua voz fria e inabalável.

Levantando minhas mãos em rendição simulada eu volto para a minha cadeira. — Como todos nós, — eu a corto.

Ela bate sua caneta com força na mesa.

— Agora não, Irina. Se você vai ser uma pirralha, você pode trabalhar no seu próprio escritório.

Eu fico boquiaberta com sua explosão. Meus olhos vagueiam para a porta adjacente separando nossos escritórios. Eu nunca usei o meu. Nunca. Eu nunca nem estive naquele escritório desde que ele foi designado a mim, pelo Pakhan, há mais de um ano. Ela e eu trabalhamos juntas. É o que nós fazemos.

Meu peito dói, mas eu aceito seu blefe. Eu me levanto e me movimento em direção à porta. Eu ensinarei a Diana que ela falando ríspidamente para mim como se eu fosse a criada, não será tolerado. Antes da minha mão tocar a maçaneta, ela corre para mim.

— Pare, — ela grita, sua voz se quebrando. — Eu não quis dizer isso. — Ela fica entre mim e a porta, suas sobrancelhas franzidas com preocupação.

— Eu sei que você não queria, — eu respondo. — Então não diga coisas que você não quer dizer.

Ela estende a mão e afasta meu cabelo, enfiando-o atrás da minha orelha.

— Ok. Eu sinto muito. Não é você. — Ela suspira e toca seus lábios com a ponta do dedo, seu anel de noivado de diamante amarelo canário refletindo lindamente. — Eu estou um pouco estressada.

Eu dobro meus braços e dou alguns passos em direção à minha cadeira. Ela volta para a sua mesa. Eu me viro abruptamente e abro a porta para o meu escritório. Seu suspiro é audível, e ela corre para fechar a porta. Seus olhos estão tão redondos e brilhantes que eles parecem luas cheias.

— Eu... Eu... Eu durmo aí dentro às vezes, — ela gagueja, sua voz oscilando com nervosismo. — Quando estou trabalhando até tarde da noite.

Embora ela seja rápida para fechar a porta, eu já tinha escaneado mentalmente e armazenado o que estava dentro.

Há uma cama de abrir na parede oposta onde minha mesa uma vez foi colocada. Os cobertores estão em desordem, e se eu não estou enganada - o que eu nunca estou - há uma calcinha em dois pedaços ao pé da cama.

— Shadow, — ela diz meu apelido desesperadamente, e então eu percebo que não tinha falado. Quando olho dentro de seu olhar penetrante, eu vejo medo. Não é algo que eu já tenha visto nos olhos de

Diana. Ela sempre é tão segura de si mesma. Tão calma e equilibrada. — Eu só durmo lá às vezes, quando eu trabalho até tarde, — ela repete, como se dizendo isso novamente, de alguma forma, me fará acreditar nestas palavras.

Seu quarto fica a poucas portas de distância. Não há necessidade de dormir lá. Não estou comprando sua história.

— Irina, por favor, — ela implora, sua voz um sussurro nervoso. Eu entendo as palavras não ditas em seu tom.

*Por favor não faça perguntas.*

*Não conte a ninguém.*

*Nunca mencione isso, nunca mais.*

Antes que eu possa engendrar um pensamento, gritos ecoam pelos corredores. Eu reconheço a voz da minha mãe e me eviro para seguir a interrupção. O tom profundo do meu pai berra de seu escritório, e quando chegamos à porta, ela está entreaberta. Os soluços da nossa mãe saltam pelo espaço aberto ali.

— Como você pode não saber? Ele se parece exatamente como você, — ela chora.

— Eu não tenho o hábito de olhar para as crianças das criadas, Olga. Você está me dizendo que você sabia? — ele rosna.

— Você acha que não posso ver os olhos do meu próprio marido olhando para mim? Por que você acha que eu os mandei embora?

— Vy kunt! — *Sua puta*. O rugido dele ecoa para fora das paredes e o estalo de sua mão conectando-se com a carne dela é alto. Eu forço minha entrada pela porta para ver nossa mãe dobrada sobre a mesa dele, segurando sua bochecha.

Os olhos do nosso pai se viram rapidamente para mim, depois para Diana, que me seguiu para dentro.

— O que está acontecendo? — eu sussurro. Eu examino a cena diante de mim, absorvendo tudo. Quando meus olhos caem sobre o homem de pé ao lado do nosso pai, meu estômago gela.

Ele é tão familiar, eu o reconheço instantaneamente.

Vas.

Ele estava sempre perto de nós quando crianças. Um pequeno pirralho miserável. Sua mãe era nossa empregada mais estimada e nós a amávamos. Eu chorei por semanas quando minha mãe nos contou que ela tinha ido embora para trabalhar em outro lugar. Agora, olhando

para ele, vejo nosso pai em cada centímetro de seu rosto, sua estrutura... maldição, até mesmo sua postura é uma réplica exata.

— Meninas, este não é o jeito que eu queria que vocês ouvissem isso... — Antes que ele pudesse terminar, nossa mãe se endireita, passa as mãos pela frente de seu vestido elegante e se vira para nos encarar.

— O bastardo do seu pai voltou para o rebanho, moi docheri. — *Minhas filhas*. — Para tirar o reino de vocês.

— Basta, — O Pakhan grita como aviso.

Ela sempre foi fraca, mas neste momento, ela é fogo e beleza. Ela é Diana. Feroz e formidável.

— Olhe para vocês duas, — Vas sussurra, estendendo as mãos na frente dele. — Tão crescidas. Tão bonitas.

— Otets<sup>9</sup>, — Diana ofega. Nosso pai reage ao seu chamado aflito e se move em direção a ela, pegando suas mãos.

— Eu descobri recentemente que Vas é, na verdade, um resultado da minha imprudência, — O Pakhan admite.

— Ela sabe que você fode as criadas, — minha mãe fala rispidamente. — Elas não são cegas ou estúpidas. — Ela vacila, todo o fogo apagado, quando nosso pai larga as mãos de Diana e anda em direção a ela.

— Ostorojno, jenshina. — *Cuidado, mulher*.

— Há quanto tempo você sabe? — Encontro as palavras brotando de mim enquanto os últimos meses passam várias vezes na minha cabeça.

— Quase um ano, — Vas responde pelo nosso pai.

*Quase um ano?* Desgraçado.

É por isso que ele repentinamente quer nos empurrar como peças de xadrez. Ele não precisa de filhas. Ele tem o filho que ele sempre quis. Vômito ameaça sair dos meus lábios. Eu não darei a Vas ou ao nosso pai o prazer de me ver fragmentando, toda minha infância se espalhando e se distanciando como fumaça de um incêndio.

\*\*\*

---

<sup>9</sup> Pai em russo

Já se passou uma semana inteira desde que o Pakhan deixou cair a bomba. E uma semana foi tudo o que demorou para arrumar nossas malas para mudarmos para a propriedade dos Vasiliev. O Pakhan estava certamente inebriado enquanto nos escoltava para nossa nova casa. Ele está tendo o melhor dos dois mundos. Duas filhas, que ele pode tentar usar como espiãs para ganhar vantagem, e agora um filho para administrar o império dele no seu rastro.

Eu o odeio.

Eu odeio tanto o Pakhan, que eu poderia gritar.

E toda a fúria da nossa mãe morreu assim que ele a colocou em seu lugar. Ela se retirou para o quarto e afogou suas dores na vodka mais cara do Pakhan, tomando analgésicos como se fosse sua missão. Esta é a boa e velha mamãe. Escondendo-se por trás de uma névoa de dormência enquanto suas filhas são enviadas para a batalha, para fazer o trabalho sujo.

Ao entrarmos no hall de entrada ornamentado na casa dos Vasiliev, eu percebo que esta casa é tudo, menos uma espelunca. Tudo é caro e muito bem cuidado. Os criados espiam dos cantos, tentando ter um vislumbre dos novos prêmios que Vlad adquiriu.

É o que nós somos, afinal.

Prêmios.

Depois de ver Vas com meu pai e o jeito que minha mãe se comportou na semana passada, meu coração está amargo e com raiva. Diana se fechou, mas eu estou borbulhando de raiva. Esta vida que o Pakhan criou para nós é besteira. Sim, nós somos mimadas com qualquer coisa que o dinheiro possa comprar, mas ele não pode comprar a felicidade. Inferno, ele nem sequer pode comprar satisfação. Estamos nos mudando para a mansão do inimigo e é esperado de nós que joguemos limpo.

Estou tão cansada de jogar limpo.

— Por aqui, — uma mulher com seios grandes e um sorriso forçado diz. Nós a seguimos por uma série de corredores até que se abre para uma nova ala da casa. — Esta é a ala norte. Cinco quartos, cinco banheiros, uma pequena cozinha, uma biblioteca, um escritório e uma área de estar. Espero que estas acomodações sejam adequadas a vocês. — Outro sorriso falso. — Os banheiros, especialmente, são bastante agradáveis.

Diana assente com a cabeça e sorri de volta para ela. O sorriso da minha irmã é maravilhoso. Falso também, mas lindo. — Obrigada, querida. Isso é mais do que adorável.

— Eu sou Rada, — diz a mulher. — Se vocês precisarem de alguma coisa, por favor, pressione o botão em qualquer um dos painéis em cada cômodo e eu estarei ao seu serviço.

Quando a mulher começa a sair, Diana a detém.

— Rada, quando o jantar será servido? Eu suponho que estaremos jantando com meu noivo, Sr. Vasiliev?

As bochechas de Rada ficam carmesim e ela franze os lábios.

— Eu não tenho certeza, senhora. Alguém virá para informá-la. — Rada faz uma reverência e depois se apressa para fora.

— Eu não gosto dela, — eu resmungo.

— Você não gosta de ninguém, — minha irmã provoca. Apesar de sua brincadeira forçada, posso sentir sua apreensão. Nós estamos no covil do leão. Vlad pode ser um cavalheiro e um amigo de longa data, mas ele ainda é um Vasiliev. Astuto e implacável. Violento quando a situação exige.

— Eu deveria ocupar um quarto entre vocês no caso de qualquer problema surgir, — Anton range os dentes. — Preciso conseguir chegar até vocês duas rapidamente.

Diana dá a ele um aceno de cabeça. Ele sai para checar os quartos. Eu ando até uma cadeira de couro na sala de estar e sento. Meus olhos passeiam sobre todos os detalhes da sala. Cortina escura e grossa cobre as janelas, permitindo que pouca ou nenhuma luminosidade entre. Uma lareira estala com um fogo em uma extremidade da sala. Nem uma mancha de pó cobre qualquer coisa no espaço. A casa é limpa e imaculada, mas não muito calorosa e acolhedora. Poderia definitivamente usar algumas mantas e um par de almofadas felpudas.

Minha irmã sorri para mim.

— Não, — ela avisa, seus lábios se transformando em um grande sorriso.

— Eu estou só pensando, — eu digo com um beicinho.

— E de que cor é esse pensamento?

Eu solto uma pequena risada.

— Azul-petróleo. Isto é, azul-petróleo e chocolate vão tão bem juntos.

— Oh, querido Deus, — ela diz, balançando a cabeça. — Você pode imaginar o olhar no rosto de Vlad se ele entrar neste quarto apenas para ver que você o redecorou para suas características?

Eu mostro a língua para ela, ganhando outra risada.

— Eu só acho que essas casas grandes são sombrias. Tudo o que precisaria seria algumas mantas de chenille, um par de almofadas de imitação de pele e um toque de cor. Voilà. A masmorra assustadora transformou-se um refúgio de leitura mágico.

Ela balança a cabeça e me dá um sorriso agradecido. Minha irmã quer que eu tente fazer isso funcionar. Por ela, eu irei. Eu nunca abaixarei minha guarda, mas se ela tem esperanças de encontrar a felicidade, eu não vou pará-la.

— Eu vou falar com Vlad, — ela promete. — Peça o que você quiser e eu vou convencê-lo a nos deixar enfeitar a ala norte.

Eu levanto as duas sobrancelhas para ela.

— E o que faz você pensar que o grande e malvado Vlad vai concordar com chenille e azul-petróleo?

Minha irmã pisca para mim. Uma piscadela muito ardilosa.

— Eu posso ser convincente quando eu quero ser.

# Capítulo Oito

## Vlad

Armas.

O The V Games não está completo, a menos que sejamos orgulhosos proprietários das melhores armas do planeta. O Pakhan me enviou atrás das mulheres - brinquedinhos sujos para serem usados como peões e distrações para os próximos jogos de inverno, - mas eu estou cuidando da minha própria agenda também. Enquanto ele está treinando putas usadas para serem predadoras sexuais fingidas, eu estarei treinando alguém sobre como estripar um homem em três segundos cravados. Os jogos que eu jogo são muito mais cruéis.

Eu estou treinando um novo alguém.

Meu último alguém foi arrancado do meu controle desde a semana passada.

Raiva, furiosa e explosiva, borbulha da minha pele.

No devido tempo, eu lidarei com esse erro.

Vas foi sempre um idiota depravado, e embora eu quisesse estrangular o pequeno terror quando ele atormentava Irina, eu vi a escuridão dentro dele. Eu queria engarrafar essa escuridão e soltá-la quando fosse a hora certa. Ele foi excelente aprendiz quando o localizei há quase um ano, já lutando em circuitos subterrâneos e dirigindo sua própria equipe de rua. Ele não era nada além de um brutamontes, mas um astuto, e disposto a aprender e treinar. Perfeito.

Eu ensinei a ele tudo o que eu sabia...

E então Leonid o levou para longe, agora que seu sangue realmente vale alguma coisa. Leonid sabia que ele era seu, o tempo todo que Vas treinou comigo - os dois sabiam – ainda assim eles deixaram de me oferecer essa informação, em vez disso, aprenderam o que eles podiam enquanto podiam.

No devido tempo, eles entenderão seu erro.



— Eu gosto desta — eu digo a Oleg, o negociante de armas que viajou por quase mil quilômetros de distância para me oferecer seu estoque.

— Apenas uma? — ele pergunta, sua voz rouca de fumar a muitos anos.

— Para começar, — eu digo enquanto levanto a faca. Ela brilha sob a luz do teto. Ela é curva como uma garra enrolada com uma lâmina afiada de ambos os lados. A ponta é em formato de um anzol de pesca. Quem encontrar a ponta desta, não viverá para contar. — O que mais você tem?

Meu novo aprendiz, Stepan Koslov, das Famílias Secundárias, que são consideradas inferiores às Famílias Principais, não mexe um músculo ao meu lado. Ele é tão alto e grande quanto Vas. Enquanto eu achava que Vas era apenas um filho de governanta, eu conheço a linhagem de Stepan. Seu pai, Nestor, é um pequeno negociante de armas. Nada do calibre de Oleg, mas eles são locais e bons de comprar numa emergência. Stepan fala muito menos do que Vas, o que funciona a seu favor. Mas onde Vas se movia sem hesitação, Stepan ainda está aprendendo e pensa muito antes de cada movimento. Stepan pode ser o mais velho de dois, aos dezenove, mas ele só não chegou lá ainda.

Ainda.

Eu vou domá-lo como eu domei Vas.

Uma cruel máquina de matar na luta.

Um vencedor.

Leonid pode ir se foder quando perder. Você não pode ir cara-a-cara com alguém como eu e sair ileso. Eu *sempre* venço.

Eu entrego a lâmina para Stepan e ele segura o cabo. Ela se encaixa perfeitamente em sua enorme mão. Meu coração aperta no meu peito quando eu me lembro entregando ao meu irmão um punhal antes de ele entrar no The Games, há pouco mais de dois meses. Pelo menos com Stepan, eu não sinto nada por ele. Ele poderia entrar neste Games daqui a dez meses e ser estripado como um peixe nos primeiros momentos, e o único arrependimento que eu teria seria que eu não tinha treinado ninguém melhor.

Contudo, ele *será* o melhor.

— Esta, — Stepan grunhe ao meu lado, quando me devolve a faca. — Eu gosto desta.

Eu dou-lhe um aceno com cabeça e a guardo dentro do meu paletó, e depois seguimos Oleg para outro baú cheio de armas. Ele me

mostra lançadores de granadas e armas. Estas me interessam para vender aos vizinhos do sul. Negócios não relacionados ao V Games. Eu estalo meus dedos sobre a caixa e gesticulo para a coisa completa.

Oleg solta um assovio apreciativo e nós continuamos 'fazendo compras'. Eu escolho itens únicos que um dia resultarão úteis para Stepan ao longo do caminho. Depois de eu ter acumulado baús suficientes para satisfazer a máfia do Cazaquistão, eu gesticulo para Oleg me acompanhar. Stepan fica para trás, guardando nossa carga sem eu ter falado nada. Ele se transformará em um formidável jogador no The Games. Ao contrário de Vas e Viktor, ele obedece aos meus malditos comandos.

Eu saio da garagem e entro em nossa casa. Oleg conhece o procedimento. Ele traz armas o tempo todo. Meu pai e ele se conhecem desde antes de eu nascer. Agora que estou mais ou menos no comando, eu *negocio* com Oleg. Quem diabos sabe o que o Pakhan realmente faz hoje em dia, além de interferir no meu negócio. Oleg rouba uma maçã de um cesto e eu tenho que ouvir ele mastigar e sorver, todo o caminho para o meu escritório. Se eu fosse um homem inferior, eu empurraria a fruta meio comida pela sua goela e o deixaria sufocar. Não há nada pior do que alguém que come fazendo barulho. Lealdades ou não, um dia essa porcaria o deixará morto.

Uma vez dentro do meu escritório, Oleg acomoda sua estrutura robusta em uma das cadeiras. Eu ando até um retrato gigante do meu pai, Vika e eu. Aquele que costumava incluir também meu irmão foi removido da propriedade. Eu permiti como um sinal de respeito pelo meu pai, mas o resto das minhas fotos no meu escritório, do meu irmão e eu, permanecem. Eu seguro o canto inferior esquerdo da moldura gigante e a puxo da parede. Atrás da pintura detestável está o meu enorme cofre. Enquanto Oleg faz amor com sua maçã, eu insiro meu código e abro o cofre. Dentro está uma mochila cheia de dinheiro - dinheiro que já tinha sido negociado com Oleg. Ele conhece o procedimento. Eu posso fingir que estou decidindo sobre as armas, mas acabo comprando todas.

Nenhum homem, nem uma vez, teve tanto em um arsenal.

Eu desejo olhar para a pilha de fotos no fundo do cofre, mas agora não é hora. Fotos de meus irmãos e eu quando éramos crianças, são mantidas carinhosamente ao lado das joias da minha mãe e da velha carteira de Viktor. Não existem fotos da minha mãe. Tudo o que me restou dela é o que está dentro deste cofre e lembranças superficiais de seu sorriso. Mas com a carteira do meu irmão, eu posso às vezes levar o couro ao meu nariz e inalar, a colônia persiste nela. As

lembranças dele são mais nítidas e ainda gravadas na minha mente. Porra, como sinto falta do meu irmão.

Eu percebo que me interrompi para tocar a carteira. Eu abafa um gemido e rapidamente fecho o cofre. Quando volto para ver Oleg, os caldos correm pelo seu maxilar sem barbear e gotejam na camisa. Isso faz eu me contorcer para segurar sua garganta grossa e arrastá-lo de meu escritório impecável. Em vez disso, eu sigo o exemplo do Pakhan e ignoro o que me enoja. Eu coloco a mochila de dinheiro aos pés dele e então desabotoo meu paletó. Com um puxão rápido, eu o tiro do meu corpo e o penduro em um cabide no canto.

Eu estou no limite depois de ver a carteira de Viktor.

Ela é um lembrete constante de que ele se foi.

Fúria da minha irmã incendeia a minha alma. Eu gostaria de dar um puxão na minha gravata e afrouxá-la, mas eu me recuso a mostrar fraqueza, mesmo na frente de um homem que não perceberia se a fraqueza o esbofeteasse no rosto. Coloco minhas mãos nos quadris e fico em pé atrás da minha mesa, minhas pernas ligeiramente separadas. O colete que eu estou usando fica apertado sobre a minha camisa social branca impecável. Eu estou desconfortável e percebo que devo estar passando muito tempo na academia treinando com Stepan. Estou ficando muito grande para as minhas malditas roupas.

— As mulheres? — eu pergunto.

Oleg enfia um de seus dedos sujos na boca e lambe os restos do caldo. Com os olhos dele em sua mão, eu me permito um momento para mostrar meu nojo. Eu enrugo meu lábio e balanço a cabeça. Merda, nojento. Como o Pakhan aguentou isso por décadas está além da minha compreensão.

— Bem, — ele diz, quando está satisfeito de se limpar. — Eu tenho quinze lá no caminhão. Safadas como a porra do inferno, mas Yuri gosta delas assim. Quanto mais safadas, melhor. Algumas daquelas cadelas gostam até mesmo com humilhação. — Ele agarra sua virilha e sorri lascivamente para mim.

— Nós não precisamos que elas gostem de nada, — digo mordaz.  
— Nós precisamos delas convincentes e dóceis.

— O dinheiro?

— Você sabe que já está na mochila.

Ele grunhe e levanta a mão como se ele fosse lançar o caroço do seu lugar até minha lixeira. Sobre o meu cadáver.

Antes que eu possa abrir minha boca para ameaçá-lo, eu fixo os olhos com um par de azuis gélidos me observando de um canto escuro do meu escritório.

Pequena Irina.

Eu estou tão atordoado pela sua repentina aparição que eu permito que o idiota atire - e erre, aliás - o caroço na minha lixeira. Ele grunhe e fica em pé para ir buscá-lo. Eu não consigo desviar a atenção da pequena garota se escondendo no meu escritório, observando meu negócio como se fosse seu direito outorgado por Deus.

Ela está sentada graciosamente, usando um vestido preto justo simples. Seu cabelo sedoso loiro foi alisado e cai na frente do volume de seus seios. Uma faixa preta mantém o cabelo longe de seus olhos. Para um estranho, eles pensariam nela como uma garota comum, quase uma mulher.

Mas garotas comuns não espiam mafiosos russos sem medo nos seus olhos.

Não, um desafio dança em seus de olhos azuis. Um desafio que, por um momento, fala direito ao meu pau. Ele tem um espasmo, e eu forço meu olhar de seus suaves lábios inchados. Lábios que eu mordiscaria *pra* caralho. Eu pegaria aquele cabelo sedoso e o envolveria firmemente em torno de sua garganta esbelta. Observaria seus olhos brilharem com lágrimas. Eu a levaria até a beira da morte, só para reavivá-la e mostrar-lhe quão viva ela realmente está.

— Precisa verificar a mercadoria? — Oleg pergunta, arrastando-me das belas visões nas quais eu preferia muito mais estar pensando. Seu olhar gira para o canto e ele assobia. — Bem, raios me partam, garoto. É com essa aí que você vai se casar? — Ele acena, amigável demais para um negociante de armas, apontando para ela vir até ele. — Venha aqui, coisinha linda. Apresente-se ao Tio Oleg.

Eu cerro meus dentes e olho furiosamente para Irina. Eu sabia que as mulheres Volkov chegariam hoje, mas certamente eu não esperava ver nenhuma delas até o jantar. Tê-la aqui se revelará mais difícil do que eu tinha pensado. Talvez ver as putas lá no caminhão vai ajudar o estado do meu pau. Além disso, faria bem colocar minha pequena sombra em seu lugar. Agora que elas estão aqui, elas não comandam as coisas como elas faziam antes.

Elas são meros peões.

Peões lindos sem dúvida, mas ainda peões.

— Venha, — eu digo abruptamente e estalo meus dedos, apontando para o tapete na minha frente.

As bochechas de Irina coram, mas ela obedece. Isso realmente deixa meu pau duro. Imagens dela de joelhos na minha frente brilham. Suas tranças loiras enrolados no meu punho enquanto eu fodo sua bonita boca. Lentamente, como se sua própria caminhada se destinasse a me seduzir, ela caminha até mim. Eu percebo cada detalhe enquanto ela se move. O jeito como ela morde seu lábio inferior que eu adoraria chupar. A forma como seu pescoço fica levemente rosa na minha presença. O jeito como seus peitos pequenos saltam sob seu vestido, com cada passo que ela dá.

*Doce Irina, você mostrou seus trunfos cedo demais.*

*Você me quer, mas você não pode me ter, meu amor.*

Ela para na minha frente e olha para cima. Suas narinas dilatam quando ela inala meu aroma. Isso mexe com as minhas entranhas. Básico e masculino. Eu tenho o desejo de agarrar sua esbelta garganta sem marcas e espremer até que ela se lembre de mim durante dias.

Seus lábios rosa carnudos ficariam azuis?

Ela arfaria para respirar? Arranharia meu colete e estouraria os botões?

Ou ela iria gemer e se contorcer e abrir mais as pernas para mim?

A doce Irina gozaria, meu nome saindo de seus lábios que já não estariam provando o ar?

Meu pau está incrivelmente duro, e eu não percebo que estou impressionado por simplesmente olhar fixamente para ela, até Oleg soltar uma risada. Ele pode ser próximo do meu pai e, portanto, um aliado meu, mas o que ele acabou de ver é motivo suficiente de rescisão. O tipo permanente. Eu viro rapidamente meu olhar para o lado dele, e ele levanta as mãos em rendição.

— Eu não vi nada, garoto, — diz ele. — Encontro você no caminhão. — Ele corre do meu escritório e da minha vista. Homem sábio.

— O que você está fazendo aqui? — eu exijo, minha voz baixa e mortal. Meus olhos ainda estão na porta porque eu não posso olhar para ela. Ela me enfraquece com seus olhares. Tão doce e curiosa. Eu não posso lidar com isso agora.

— Eu vim falar com você. Eu queria te perguntar uma coisa.

— Hã? — Eu me viro e encaro seu rosto jovem.

Não foi senão alguns meses atrás que ela não passava de uma criança. Uma criança intocável e fora de alcance. Ainda assim, eu

fantasiei coisas que nenhum homem alguma vez deveria fazer. Sonhos de prendê-la, abrir suas coxas suaves e empurrar dentro do seu apertado calor virgem. Às vezes, eu queria que meu mundo não fosse tão complicado. Eu desistiria de tanta coisa, apenas para saborear o que os outros subestimam. Algo tão simples quanto foder uma mulher na qual você é viciado, e eu sou viciado. Ela tem poder sobre mim e a atração está ficando insuportável.

Seu olhar viaja para minha boca, depois para meu pomo de Adão. Ela continua descendo até que seus olhos se fixam no bolso do meu colete. Sua mão levanta e seus dedos finos roçam sobre o meu bolso enquanto ela puxa um fio perdido. Quando ela vai soltar o fio, eu aperto seu pulso delicado. Está nu. Se ela fosse minha, eu decoraria seus pulsos delicados com pedras preciosas brilhantes.

— Não deixe isso cair no meu chão, — eu murmuro, minha voz rouca.

Um sorriso puxa os cantos de seus lábios. — Você vai deixar o *Tio Oleg* jogar maçãs meio comidas em seu escritório e pingar caldo por toda sua cadeira, mas não posso deixar cair um fio solto?

Eu adoraria nada mais do que continuar essa brincadeira e flertar com a linda garota. Infelizmente, eu tenho um dever e ele me chama, maldição. Ela é a irmã da minha noiva. Eu não posso ir por aí. Mesmo que eu, egoistamente, quisesse fodê-la e pegar essa virgindade perfeita, que eu sei que ela tem, toda para mim, eu não posso. O Pakhan pediria minha cabeça se eu arruinasse este acordo matrimonial.

— Já é hora dos Volkov verem como os Vasiliev fazem negócios, — eu respondo, minha voz ficando fria. Eu não tenho coragem de soltar a mão dela. — Diga-me o que é que você quer, então eu farei você pagar por isso, fazendo algo para mim.

Suas sobrancelhas se juntam quando ela percebe que nosso momento se dissipou. Eu gostaria de poder colocar o sorriso de volta em seu rosto, mas agora não é a hora. Possivelmente nunca. Ela tenta puxar o pulso das minhas mãos, mas eu aperto. Se eu não posso adornar seu pulso com joias, em vez disso ela pode usar meus hematomas.

— Eu preciso de um estúdio.

Eu pisco para ela.

— Há um escritório, e me disseram que Diana e você compartilhavam um antes...

— Não um escritório, um estúdio. - Suas bochechas ficam vermelhas quando ela deixa cair seu olhar para o meu. — Como o solário na minha casa.

Para pintar.

Toda a determinação feroz para permanecer focado cai aos meus pés e quebra-se em um milhão de pedaços, enquanto minha mente fica zumbindo com possíveis espaços de estúdio na minha casa. Eu quero mantê-la longe da ala sul, onde o Pakhan reside. Talvez a ala oeste, em vez disso. Eu conheço o lugar ideal.

— Eu encontrarei um lugar para você, — eu prometo, minha voz rouca mais uma vez.

Seus olhos azuis levantam e brilham com excitação. Meu coração chocalha em sua gaiola. Essa mulher – doce pequena Irina - é um problema tão grande para mim. Ela me distrai quando eu preciso ficar afiado e focado.

— Obrigada, Vlad.

Eu olho para ela um pouco mais, imaginando o quão linda ela ficará com o sol da manhã cobrindo-a enquanto ela pinta na estufa bem próximo da sala de estar, ao lado do meu quarto. Eu poderia observá-la sem ela saber. Como nos velhos tempos. Meu pau bate na minha coxa, ansioso por essa ideia.

— Está resolvido, — eu digo com firmeza, afastando todos os pensamentos de Irina pintando em *minha* casa.

— Venha comigo.

\*\*\*

Oleg abre a parte de trás do caminhão e muitos olhos espiam da escuridão. Mulheres de aparências cansadas, esgotadas e exaustas olham de volta para nós. Muitas são lindas, apesar de suas aparências sujas. O Pakhan ficará satisfeito.

Eu faço sinal para elas me seguirem. Elas sussurram silenciosamente entre si enquanto saem do caminhão. Irina continua me dando olhares mortais, que serve apenas para endurecer minha decisão. Ela fará isso porque é pedido a ela. Se ela espera proteção da minha parte, e um maldito estúdio, então ela pode fazer isso por mim. Faz mais sentido para uma mulher lidar com isso, de qualquer maneira. Pelo menos, eu não tenho que me preocupar sobre qualquer uma delas acabando grávida, estuprada ou misteriosamente morta.

Irina bufa, resmungando furiosos palavrões russos em voz baixa.

Ok, talvez mortas... só o tempo dirá.

Eu as conduzo em volta da casa até os fundos, onde fica um pequeno galpão. Dentro há uma escadaria que leva para baixo da casa. No porão da nossa casa é onde treinamos nossos lutadores e prostitutas. Aquelas que são inúteis em manipular serão vendidas para os tipos como Ven Vetrov e sua família. Eles são sempre bons para traficar um punhado de mulheres inúteis.

Eu pego um conjunto de chaves do meu bolso. O motor do caminhão ecoa na paisagem coberta de neve quando Oleg vai embora. Stepan vigia a retaguarda, certificando-se de que nenhuma das mulheres escape. Eu não tenho certeza se Oleg pegou essas mulheres ou as atraiu para cá sob o pretexto de melhores condições de trabalho, mas de qualquer forma, eu paguei por elas e elas são minhas.

— Eu não posso acreditar que você comprou essas mulheres, — murmura Irina.

Ignorando-a, eu destranco o galpão e empurro para atravessar a porta. Eu dou um passo para o lado e conduzo Irina para dentro. Seu ombro, agora coberto por um casaco de inverno grosso, roça contra meu peito. Se não houvesse dezesseis pessoas atrás de nós, eu a empurraria contra a parede escura e encardida do galpão, e mostraria a ela de quantas outras ações nefastas eu sou capaz.

Eu agarro seu cotovelo e guio-a pela escadaria mal iluminada. — Por aqui.

Ela tenta sacudir seu braço do meu, mas eu o aperto. A pequena Irina vai usar muitas das minhas contusões. Nós vamos até o fundo que se abre para uma área gigante coberta com tatames. As paredes são forradas, com salas usadas para várias coisas. No caso das mulheres, elas dormirão e treinarão aqui. Através da preparação, elas aprenderão a foder como se suas vidas dependessem disso.

Porque suas vidas irão.

Assim que Stepan, Irina e eu sairmos, trancaremos as quinze mulheres lá dentro. Elas serão alimentadas e cuidadas. Elas só não terão permissão para sair.

Eu me viro e olho para cada uma, avaliando-as rapidamente. Eu separo as boas das ruins em um rápido olhar. E aquela se encolhendo atrás de uma mulher de cintura grossa no fundo... bem, ela vai ser a favorita do Pakhan. Ele gosta das pequenas de cabelos escuros. Aquelas que mais se assemelham a meninas. Aquelas que são incapazes de



oferecer muita resistência. Com um suspiro quase sufocado, eu aponto para ela.

— Nome?

Ela olha curiosamente para mim como se eu pudesse ser seu salvador. Grandes olhos castanhos. Cabelo desarrumado escondendo-a do mundo à sua volta. — Darya.

— Leve Darya para o estábulo um, — eu digo a Stepan. — O resto de vocês pode escolher o seu próprio estábulo.

Irina está rígida ao meu lado, mas sabiamente não diz uma palavra. Quando eu estou comandando, as pessoas se curvam à minha vontade. Elas se ajoelham aos meus pés e obedecem às minhas ordens. Mesmo a doce garota que eu adoraria passar todos os dias fodendo até apagar esse fogo.

— Estábulos? O que nós somos? Gado? — uma loira desbocada com um casaco de pele surrado me desafia.

— Denomine-se do que você quiser, — eu zombo. — Mas você me pertence agora. Se você for sábia, você treinará e terá sucesso. Se você se comportar, será recompensada. Simples.

— Não soa muito simples nem um pouco, babaca, — ela grita de volta.

Cadela agressiva.

— Venha aqui, — eu ferveo de raiva, minha voz baixa e perigosa.

A mulher olha uma cadeira perto. Com o veneno em seu olhar furioso, ela a pega e a arremessa em direção a Irina.

Fúria.

Quente, instantânea, violenta.

Eu não penso quando empurro a cadeira antes dela atingir Irina.

Arrancando minha nova faca em forma de gancho favorita do meu bolso interno, eu me lanço sobre a mulher. Cortar. Puxar. Esguichar. Tão rápido. Tão eficiente. Eu olho para baixo admirado com a bagunça sangrenta derramando de seu estômago. Seus intestinos saem pelos cortes que eu infligi e caem no chão com ruído. Várias mulheres suspiram e choramingam, mas é um soluço suave que eu reconheço, que me afasta da minha neblina furiosa.

Eu empurro a mulher que foi usada como exemplo ainda de pé, mas rapidamente e ela cai no chão. Agora são quatorze mulheres. O Pakhan não ficará satisfeito. No entanto, os gritos agudos enquanto

Stepan prende a jovem mulher no estábulo, me dizem que logo serei perdoado.

O Pakhan ama as que gritam.

Com o sangue pingando da minha faca, eu me viro e a aponto para cada mulher. Todas elas se encolhem e fogem para os estábulos, deixando Irina boquiaberta comigo, horrorizada.

*Doce Irina, esse jogo é mortal e eu sempre venço.*

*Seu estúpido pai te jogou para os lobos.*

— V-Você é um m-monstro, — ela diz, seus dentes batendo.

Eu vou até ela e passo o polegar cheio de sangue ao longo de sua bochecha pálida. — Como se você não soubesse disso, pequena Irina.

— Ela era apenas uma mulher...

Eu a interrompo pressionando meu polegar com sangue em seus lábios carnudos. — Eu só direi isso uma vez, então ouça com clareza. Eu. Faço. O. Que. Eu. Quero. Ela era uma prostituta, comprada e paga, e agora ela é um exemplo para as outras mulheres.

Seus olhos azuis se arregalam, e ela pisca rapidamente para mim. Ela começa a se afastar de mim e o monstro que ela afirma viver dentro de mim ataca. Eu aperto sua garganta delicada e a puxo para mim.

Diana.

The Games.

Pakhan.

Eu tento me concentrar em tudo isso, mas não consigo. Tudo o que eu vejo é *ela*. Os lábios rosados de Irina manchados com o sangue da prostituta. Lábios que se abrem para que ela consiga ofegar por ar. Eu me inclino para frente, liberando levemente meu aperto para que ela possa me absorver. Ela precisa aprender que eu sou seu mestre agora. No momento em que eu coloquei a pedra no dedo de sua irmã mais velha e Diana me implorou para cuidar de Irina também, *elas* se tornaram minhas. Irina é minha de uma certa forma, e eu posso sentir meu controle em sua vida apertando como um torno<sup>10</sup>. Isso faz meu pau ficar dolorosamente duro, ao saber que ela não só não se casará com alguém dos desejos de seu pai, mas ela não estará se casando com ninguém, de jeito nenhum. Pequena Irina morrerá uma virgem pura e delicada porque sou eu que ordeno.

---

<sup>10</sup> Ferramenta de metal com mandíbulas móveis que são usadas para segurar um objeto firmemente no lugar enquanto o trabalho é feito nele, normalmente preso a uma bancada de trabalho.

Se eu não posso ter sua boceta perfeita, ninguém mais pode.

— Senhor, — Stepan grita, sua voz aguda. Ela atravessa minha névoa e eu viro minha atenção em sua direção. Ele não se esconde atrás da indiferença calma como Vas ou Viktor. Stepan mostra suas malditas emoções. Outra lição que eu terei que ensinar a ele.

— Sim? — Eu desafio. Ele está desconfortável comigo sufocando a irmã da minha noiva. Eu posso ver isso em seus olhos. Mas ele, de todas as pessoas, conhece cada nível do jogo.

— A mulher está segura.

— Bem. Certifique-se que o Pakhan saiba onde ela está sendo mantida, — eu instruo.

Seu olhar é duro, como se ele estivesse me implorando para deixar Irina ir. Eu a deixarei ir quando eu quiser, porra.

— Você está dispensado, — eu digo friamente.

Ele permanece por um segundo a mais de tempo antes de sair pisando duro do porão. Eu vou acorrentar seu traseiro mais tarde e fazer como o Pakhan costumava fazer quando os cães de caça se comportavam mal. Espanque-os com um chicote até eles chorarem e permanecerem para sempre submissos.

Parte da ira já está quase desvanecendo da minha mente, e é quando eu percebo que ambas as mãos de Irina apertam o pulso da mão que está ao redor de sua garganta. Eu estou apertando apenas o suficiente para mantê-la no lugar. Talvez seja forte o bastante para deixar um lembrete roxo de quem diabos está no comando por aqui.

Em vez de encontrar lágrimas, eu a pego me encarando. Uma das mãos dela deixa meu pulso e ela afasta uma mecha de cabelo que caiu do gel, na frente do meu olho. O calor do seu toque fala diretamente para o meu pau. Eu fecho meus olhos por um momento, saboreando seu toque, antes de soltar um suspiro pesado e liberá-la.

— Seu dever é treinar essas mulheres. Diana estará ocupada fazendo coisas que eu vou pedir a ela, mas isso é algo que você pode fazer. Ensine a elas a agir como uma dama. Mostre a elas como se vestir e se comportar. Faça com que elas tomem a porra de um banho. — Eu endireito meu casaco e deixo meu olhar percorrer sobre sua estrutura trêmula. O sangue manchado em seu rosto deixa sua aparência ainda mais sexy. Imagens de perfurar sua pele com minha faca e manchar seu sangue por todos seus perfeitos peitos jovens, me deixam quase gozando na minha calça.

— Se eu não fizer, — ela desafia, sua voz rouca e áspera.

Eu levanto uma sobrancelha.

— Seja uma boa garota. Seu estúdio espera por você.

Ela franze os lábios, mas não discute. E quando eu jogo as chaves, ela as pega e guarda dentro do bolso.

— Eu espero que você esteja apresentável até o jantar? — Eu pergunto, sem inflexão na minha voz. — Nós teremos muitos convidados presentes esta noite.

Seu olhar salta para o cadáver atrás de mim e ela engole seco. — Sim.

— Não use nada obsceno. Eu sei que sua irmã se preocupa com a sua virtude.

Um flamejar em seus olhos azuis é a única reação que ela me recompensa.

Com um inclinar da minha cabeça, eu deixo a doce pequena Irina encarregada de quatorze prostitutas e um cadáver.

# Capítulo Nove

## Irina

Eu encaro meu reflexo no espelho acima da cômoda no meu novo quarto. Tudo sobre este lugar parece frio. Eu sou simplesmente uma visitante estranha.

Mais como uma prisioneira.

Meus lábios estão pintados com o batom mais vermelho que eu possuo porque eu juro, não importa o quanto eu esfrego minha boca, o sangue da mulher permanece nos meus lábios. Um estremecimento me atravessa. Eu tinha visto vislumbres do poder de Vlad, mas nunca tinha visto *aquilo*. O que eu vi anteriormente foi violento e aterrorizante. Eu tinha visto pessoas matarem antes - inferno, Diana matou um homem por me machucar - mas nunca tinha sido tão brutal.

Ele. A. Matou.

A sangue frio.

Sem emoção.

As lágrimas ameaçam, mas eu pisco de volta rapidamente. Eu não contei a Diana sobre mais cedo no porão. A porta do seu quarto estava fechada e a música estava alta. Fiquei grata que a porta de Anton também estava fechada. Nenhum deles me viu passar correndo, soluçando meu desespero em uma bagunça desgrenhada e sangrenta. Assim que Vlad saiu, eu tranquei o porão e fugi. Culpa me percorria ao deixar aquelas mulheres, mas eu não sou idiota. Em nosso mundo, movimentos falsos te matam em um instante. Não importa quem sua irmã ou seu pai sejam.

Pessoas morrem. 'Acidentes' acontecem.

Eu faço uma careta quando percebo um hematoma roxo se formando na minha garganta. Eu tinha escolhido um vestido preto recatado onde o decote não ia abaixo da minha clavícula. Ele foi claro em seu aviso. Não use nada obsceno. Cinco minutos atrás eu acatei este aviso porque o medo ameaçou me engolir inteira.

Mas agora?

Corajosamente, eu levanto o queixo e abro o zíper lateral do meu vestido de noite. Ele cai no chão em um monte, deixando-me em nada além do meu sutiã preto tomara que caia, tanga rendada e meias 7/8 com cinta-liga. A parte de trás do meu sutiã é unida por duas correntes finas de prata, tornando-o perfeito para vestidos abertos nas costas. Ele não deveria estar escondido atrás de algo tão simples. Eu ando até o armário e vasculho até encontrar um vestido que Diana comprou para ela, mas não se ajustou bem em seus seios maiores. É um pouco chamativo para o meu gosto, então eu nunca o usei.

Eu puxo o material cinza-prateado elegante do cabide e o visto, subindo pelas minhas coxas. É comprido e ajustado, ficando apenas um pouquinho acima do chão, mas tem uma fenda lateral que corta o tecido até o meu quadril. Eu fecho o zíper lateral e caminho até o espelho de corpo inteiro. O vestido tem um decote perigosamente profundo, revelando meus seios tremulando que só parecem assim flexíveis e perfeitos por causa do sutiã matador. O tecido cai ligeiramente dos meus ombros e desce muito baixo nas minhas costas, mostrando a pele logo acima da minha bunda.

Uau.

Eu pareço...

Como uma sombra ganhando vida.

A luz captura as pequenas lantejoulas costuradas e brilha.

Eu sou uma sombra bloqueando o sol.

Meu longo cabelo loiro tinha sido puxado para cima em um coque elegante, mas eu decido que quero os cachos sedosos soltos no último minuto. Eu puxo os grampos e liberto minhas ondas.

Eu estou bonita.

O pensamento faz meu coração dar um salto.

Vlad pode ser um monstro, o monstro de Diana, mas pela primeira vez na minha vida, eu me sinto bonita e livre – livre para me casar com quem eu quiser.

Talvez enquanto Vlad dá uns beijos na minha irmã - sua noiva - eu começarei a estabelecer minhas miras em outro lugar. Stepan, um homem atraente para quem eu fui apresentada mais cedo, não seria ruim para se beijar. Eu vi o jeito que seus olhos me seguiram ao redor da sala.

Diana me chama do corredor. Eu pego as luvas pretas de seda e as deslizo pelos meus braços. Então, saio do meu quarto em direção ao da minha irmã. De costas para mim enquanto conversa com um Anton

bem vestido, eu admiro minha linda irmã. Ela é um anjo - uma visão - em seu vestido branco justo que é adequado a uma princesa. Brilhante e inocente. Qualquer homem na vizinhança estará tendo pensamentos sacanas. Você não pode olhar para uma mulher como Diana em um vestido como esse e não ser afetado. Anton olha furiosamente para ela e balança a cabeça antes de olhar de relance para mim. Quando ele me vê, sua boca se abre.

— Pronta? — eu pergunto enquanto me aproximo.

— Senhorita Irina, — Anton pronuncia. — Talvez você gostaria de pegar um xale?

Diana se vira e fica boquiaberta. — Oh, meu Deus! Você está maravilhosa! É aquele vestido que eu dei? — Ela solta um grito de excitação e corre ao meu redor para inspecionar todos os ângulos.

— Está tudo bem?

— Não, — Anton responde ao mesmo tempo que Diana diz:

— Sim.

Ela se vira e olha feio para ele.

— Ela está linda e usará o vestido.

Seu maxilar se cerra, mas ele não discute. Isso faz meu peito apertar, ao ver tamanho olhar paternal de preocupação no rosto de Anton. Ele é quase tão velho quanto o Pakhan, mas ele é muito mais paternal do que o nosso pai jamais poderia ser. Isto é, ele passou toda a nossa vida cuidando de nós para o Pakhan. Anton é um bom homem e eu confio nele inquestionavelmente. Eu sei que Diana também.

— Alguma das outras famílias estará aqui esta noite? — eu pergunto, minha voz tremendo um pouco.

Diana assente com a cabeça. — Os Vetrovs estarão aqui. Veniamin, Ruslan e a irmã de Vlad, Vika.

Ambas compartilhamos um olhar que nos faz rir. Nenhuma de nós gosta de Vika. Especialmente Diana. Ela não vai me dizer o que aconteceu entre elas quando eram mais jovens, mas o que quer que tenha acontecido, Vika carrega muita raiva pela minha irmã.

Diana entrelaça seu braço no meu e Anton segue atrás enquanto atravessamos os corredores até o salão principal. Quando chegamos à escadaria, eu sinto os olhos em nós. Muitos olhos. A sala abaixo está movimentada com convidados e garçons. Quando descemos as escadas, eles parecem estar segurando coletivamente a respiração. Eu procuro na multidão por Stepan, esperando chamar sua atenção e encontrá-lo

logo de cara. Diana irá para Vlad, e eu serei deixada sozinha. Eu já estou planejando minha rota de fuga.

Minha carne se aquece, e eu sei que os olhos de Vlad nos encontraram. Eu tento não olhar para ele, mas meus olhos me traem. Ele fica em pé no final da escada usando uma máscara de indiferença. Mas eu vejo o fogo ardendo em seu olhar âmbar. O mesmo fogo que brilhou quando ele estripou aquela mulher por responder. Exceto que, ele representa na frente de todas essas pessoas. Até mesmo com minha irmã. Nossos olhos se encontram e eu quase tropeço. O riso de Diana é como sinos tilintando quando ela se agarra em mim para evitar que eu caia.

Os ombros de Vlad estão tensos e a veia em seu pescoço pulsa loucamente. Mais cedo, em seu escritório, eu tinha admirado seu físico sem o paletó, escondida nas sombras. O colete se esticava sobre seu peito impressionante e os botões estavam ligeiramente esticados, como se eles pudessem sair voando a qualquer momento. E quando ele se virou para inserir o código em seu cofre, eu tinha observado admirada o jeito que sua calça abraçava sua bunda firme, que geralmente está escondida por seu paletó. Uma bunda que fez minha boca salivar - que ainda faz salivar.

No entanto, ele arruinou tudo quando me mostrou suas verdadeiras cores. Eu deveria ter sabido que a promessa de um estúdio não era nada além de um movimento neste grande jogo que ele parece sempre jogar. Ele me dá o que eu quero, e eu dou o que ele quer em troca.

Treiná-las. Tais coisas estão abaixo das minhas capacidades. Os números são onde eu brilho. Eu poderia ser um trunfo para seu império se ele não fosse tão cego e cabeça dura. Talvez eu ensine matemática para suas putas em vez disso. Ele vai ver só.

Um calafrio me recorre e Diana fica tensa ao meu lado.

Os olhos dele se estreitam e se tornam mais severos, como se ele pudesse ver os pensamentos rolando da minha mente. Conhecendo Vlad, ele provavelmente pode. Ele é bom assim.

— Você está com frio? Eu posso mandar Anton buscar o seu xale,  
— diz ela com preocupação.

— Estou bem, — eu garanto, quando alcançamos o fim da escada.

— Diana. Irina. — A saudação cortada de Vlad me faz desviar o olhar para outro lugar. Eu olho nos olhos de um homem bonito no canto. Deus, qualquer coisa para evitar o olhar de Vlad neste momento.



Vlad tira Diana de mim e ela coloca sua mão em volta do que eu sei, é o seu enorme bíceps. Ele trocou de roupa e nem um fio de cabelo está fora do lugar. Você nunca teria sabido que ele abateu uma mulher a sangue frio há apenas algumas horas. Vlad me pega encarando-o e sorri. É breve e apenas para os meus olhos. Eu olho para outro lado rapidamente e sorrio para o cara fofo que não para de me olhar. O cara me dá um aceno de cabeça e um passo na minha direção.

— Parece que alguém chamou a atenção dela, — Diana diz a Vlad em voz baixa, orgulho em sua voz.

Vlad sacode a cabeça em direção ao cara. — Artur Voskoboynikov, — ele rosna.

— De fato, — Diana concorda, como se um plano desconhecido deles fosse finalmente colocado em ação.

Eu travo, e Artur anda a passos largos o resto do caminho até mim. Alto, magro, musculoso. Ele é bonito, sem dúvida. O melhor de tudo, ele parece gentil. Eu certamente poderia me perder com um homem que eu não tenha medo que irá me destripar se eu sair da linha.

— Meu pai não mentiu sobre a beleza das Volkov, — diz Artur com um sorriso voraz.

Vlad sorri desdenhosamente. — Talvez essa seja a única coisa sobre a qual seu pai nunca mentiu.

Artur leva o golpe de Vlad como uma piada e ri. Profundo, sonoro, masculino. Eu me encontro entusiasmada por ele quase imediatamente. Eu tinha ouvido falar de Artur - dez anos mais velho que eu - só nunca o conheci em carne e osso. Porém, seu irmão, Ivan, que tem trinta anos, vem frequentemente para reuniões com meu pai.

— Irina Volkov, — eu digo, ignorando o calor furioso irradiando de Vlad. Ele não iria sacar sua faca em forma de gancho assustador e abater um Voskoboynikov na frente de todo mundo. Certamente não. — Prazer em conhecê-lo.

O sorriso de Artur se amplia e calor formiga por de mim ao ter sua atenção exclusiva. É assim como Diana sempre se sente? Como se a atenção de todo mundo fosse apenas para ela? Ele pega minha mão e beija os nós dos meus dedos sobre a luva. O calor de sua respiração através do tecido envia tremores de excitação balbuciando através de mim.

— Vamos comer, — Vlad rosna.

\*\*\*

O jantar continua por horas. Está chato e eu me encontro virando o vinho para passar o tempo. Eu pensei que me mudando para o covil do leão os jantares seriam mais emocionantes. Em vez disso, eu tenho escutado dramas familiares semelhantes aos meus, e outras bobagens por muito tempo. Vlad finalmente ficou me ignorando completamente enquanto flerta com a minha irmã.

Eles são um par agora.

É o que se espera deles.

Diana faz bem sua parte. Cora com os seus elogios. Inclina-se para os beijos gentis em sua bochecha. Oferece seu ouvido quando ele tem um segredo apenas para ela ficar a par. Apesar de seu deslize monstruoso hoje mais cedo, ele está de volta ao seu eu habitual. Equilibrado e elegante. Dominante e poderoso. As mulheres olham para ele com corações em seus olhos. Os homens desejam ser ele.

Eu estou praticamente caindo da cadeira de bêbada quando vejo Artur me observando com um olhar predatório. Ele está faminto por mim. Talvez eu queira ser comida. Uma risadinha desliza pelos meus lábios, e Artur sorri de volta, em seguida, gesticula para eu segui-lo. Eu jogo o guardanapo no meu prato e fico em pé. A sala gira e eu agarro o encosto da cadeira para não cair. Anton, que senta em frente a Diana, estreita os olhos para mim, mas não faz nenhum movimento para me acompanhar. Ela sempre foi sua favorita. Ele é uma espécie de pai substituto. Eu reviro os olhos para ele e tento não sair cambaleando da sala cheia, onde quase cinquenta pessoas estão jantando. Eu fujo para o corredor e vejo Artur encostado em um pilar.

Ele solta uma risada quando eu me jogo em seus braços. Braços fortes e capazes me impedem de cair no chão.

— Você é a mulher mais requintada que já vi, — ele elogia, sua respiração quente fazendo cócegas no topo da minha cabeça.

Eu olho para ele e inalo seu aroma masculino. É caro e viril. Não é irresistivelmente viciante como o de Vlad, mas certamente será. Talvez Artur possa me distrair dos meus pensamentos confusos.

Vlad é um monstro. *Então, por que eu ainda o quero?*

Eu tento beijar a boca de Artur, mas bato meus dentes contra sua mandíbula quando falho. Ele ri, o som rouco e adorável.

— Vamos encontrar um lugar para curtir tranquilamente. Mostre-me o seu quarto, — ele instrui.

Eu aponto para a escada. Quando ele percebe que mal consigo andar, ele me levanta. Eu me agarro a ele enquanto me carrega rapidamente pelos degraus e pelo corredor como se ele não quisesse que ninguém nos visse. Ninguém como Vlad. Imagens aterrorizantes voam através da minha névoa bêbada enquanto eu imagino que tipo de coisas alguém como Vlad, faria se ele soubesse o que estava prestes a acontecer sob seu teto. Ele ficaria com raiva de mim? Seria esse o prego no caixão para ele extinguir qualquer atração aparente por mim e se focar exclusivamente na minha irmã? Eu decido que é o que precisa acontecer. Eu vou dar uns beijos em Artur, talvez ver onde a noite nos leva, e deixar Vlad para trás.

— Ali, — eu murmuro, minha voz um balbuciar grosso.

Ele me carrega para dentro do meu quarto e começa a fechar a porta, mas eu o paro. Um tremor de medo dispara pelo meu corpo.

— Deixe-a aberta.

Seu olhar escurece. — Pervertida. Eu gosto disso.

Eu sou jogada em cima da cama e o quarto gira. Meu vestido desliza para baixo, e meu sutiã fica à mostra. Ele arranca seu paletó, depois puxa sua gravata. As coisas estão se movendo muito rápido, e eu não me sinto tão bem. Fecho os olhos para evitar vomitar. Alguém limpa a garganta, palavras violentas são sussurradas, e depois a porta se fecha.

— Ei, — eu gemo, apertando os olhos. — Deixe aberta.

— Você estava esperando que eu visse Artur Voskoboynikov, de todas as pessoas, foder a irmãzinha da minha noiva? — Vlad grunhe, malícia em seu tom. — Acho que não.

Eu olho horrorizada enquanto ele puxa a mesma faca em forma de gancho de mais cedo. Brilhante e limpa. Não tem mais o sangue gotejando daquela mulher. Ele dá um passo em direção à cama e eu me apoio sobre os cotovelos, avaliando rapidamente minhas rotas de fuga. Seus olhos seguem os meus para o banheiro e ele balança a cabeça.

— Não há escapatória, garotinha. Você fez besteira e precisa ser punida, — ele sibila.

— Eu posso ver quem eu quiser, — eu respondo de volta, raiva surgindo através de mim.

Ele agarra meu tornozelo com a mão, puxando-me para ele na cama. Eu grito e chuto, mas no momento em que a ponta curva da faca pressiona contra minha coxa, onde a fenda do meu vestido termina, eu congelo.

— Pequena Irina, — ele diz, sua voz cheia de fúria, — você não vê ninguém. Absolutamente ninguém. Você morrerá uma pequena virgem solitária que mora na minha casa.

O tecido rasga quando ele começa cortando até acima. A lâmina faz uma fenda em meu quadril, e então ele a gira em direção ao meu estômago. Eu vou morrer nesta cama. Ele vai me abrir como aquela mulher e eu vou sangrar bem aqui. Minha pobre irmã.

— Você entende as regras? — ele rosna, certificando-se de que a lâmina raspe de forma ameaçadora ao longo da minha carne sob o vestido enquanto ele o corta.

— S-sim, — eu sussurro, um soluço preso na minha garganta.

Ele continua destruindo o belo vestido até chegar ao decote. Ele o corta, e as partes macias caem ao meu lado, revelando minhas roupas íntimas para ele. Seu olhar é lento enquanto ele passa pelos meus seios, estômago e entre as minhas coxas.

— Você é mais do que bem-vinda para se satisfazer enquanto pensa em mim, — ele murmura, provocando meu mamilo através do tecido do meu sutiã de renda com a ponta da faca.

— Eu odeio você, — eu engasgo.

Ele levanta uma sobrancelha e dá de ombros. — Mas você *pertence* a mim.

— Eu não pertenço a ninguém. Diana disse que você concordou com isso...

Antes que eu consiga pronunciar outra palavra, ele se lança sobre mim, seu corpo pesado esmagando o meu contra a cama. Sua mão forte está na minha garganta novamente e seu nariz está a centímetros do meu. Deus, seu cheiro é inebriante. Eu me odeio por ser atraída por ele mesmo quando ele está sendo um lunático.

— Ela pertence a mim, portanto *você* pertence a mim. Simples.

Eu luto contra ele, mas ele consegue se encaixar entre as minhas coxas. Seu corpo duro pressionado contra o meu traz à tona tantas fantasias sacanas ao longo dos anos, que eu estou tendo problemas em focar no porque eu estou com raiva, porque tudo que eu percebo é como meu coração pulsa com necessidade.

Com um impulso suave, ele esfrega sua ereção contra o meu núcleo. Estou tonta e bêbada, e vendo estrelas de felicidade. Não tenho mais medo dele e impulsionada pela luxúria cega, eu tento levantar meus quadris, buscando mais atrito. Lentamente, como se ele estivesse

me punindo, ele balança contra mim, esfregando simplesmente no lugar certo. O prazer está aumentando e estou desesperada por isso.

— Vlad, — eu gemo.

Seus olhos âmbar ferozes me prendem no lugar. Por um momento, sua máscara escorrega e a selvageria que dança lá dentro vem furiosa para fora.

Pule. Pule. Pule.

Ele me derruba direto da beira do precipício da minha mente.

Eu grito em êxtase quando um orgasmo rápido desvanece sobre mim. Meu corpo inteiro treme com a sua força. O olhar furioso de Vlad suaviza quando ele olha para os meus lábios. Então, frio e indiferente, ele volta a ser ele mesmo quando se afasta abruptamente.

— Use um vestido como este novamente e eu o cortarei na frente dos nossos convidados. Não me teste, pequena Irina. — Ele sai pisando duro em direção à porta, mas para, de costas para mim. — Toque Artur Voskoboynikov novamente e eu vou estripá-lo aos seus pés. — Ele se vira para me dar um sorriso sinistro. — Você. — Ele aponta sua faca cruel. — Você me pertence. Mesmo se eu nunca usar você. Você é minha.

Sem outra palavra, ele desaparece.

Eu jogo meu vestido arruinado no chão e me enrolo em uma posição fetal, amaldiçoando o mundo para o qual eu fui entregue.

# Capítulo Dez

## Vlad

Artur permanece no hall de entrada quando eu desço a escada. Ele atravessa o piso e para quando me vê. — Eu não ia tirar proveito dela. Eu não sou assim e você sabe disso. Eu gosto dela, — ele se defende. Ele a encontrou uma vez e de repente ele ‘gosta dela’.

— Você não a conhece, — eu respondo, corrigindo seu erro.

— Bem, eu *gostaria* de conhecê-la. Nós podemos ser um bom par, — ele oferece, sua expressão sincera.

Eu tenho que policiar minhas expressões. Eu quero cortar a língua de sua cabeça e suas mãos carinhosas de seus braços, mas não posso deixar minhas emoções transparecerem. Eu me recuso a deixar escapar que Irina pertence a mim, mesmo se eu nunca puder tê-la do jeito que eu desejo. Do jeito que *ela* deseja. Seu rosto perdendo o controle sob mim, agora há pouco, está marcado na minha memória para sempre. É algo que eu visitarei para derramar minha semente quando Diana não estiver suprimindo minhas necessidades.

— Ela não está procurando um par ou querendo perder a virgindade bêbada. Você deveria saber muito bem que não se dá esse golpe sob o meu telhado, Voskoboynikov. Por respeito ao seu irmão, eu vou permitir que você vá embora daqui com um aviso, e não espancado para ensiná-lo algum respeito e boas maneiras.

Ele engole seco, seu pomo de Adão subindo e descendo. Há uma irritação em seus olhos semicerrados, sendo mais velho do que eu e tudo, mas ele sabe muito bem que não deve me desafiar.

— Ah, aí estão vocês dois, — Diana canta enquanto vem flutuando em nossa direção com seu vestido branco angelical. Seu cão não está muito longe, permanecendo em segundo plano. Eu costumava ter respeito por Anton. Ele tem estado com Leonid há muito tempo e é um assassino implacável, mas esta nova tarefa o está rebaixando e é ridícula. Seu descontentamento é evidente.

— Onde está Irina? — Pergunta, vindo para ficar ao meu lado.

— Ela se retirou para o quarto, — informa Artur. — Eu já estou indo, mas você pode dar isso a ela por mim? Talvez amanhã, quando ela acordar? — Artur entrega a Diana um cartão de visita com seus dados adornados por brasões, com um tipo de letra excessivamente extravagante. Ele se esforça tanto. Patético.

O sorriso nos lábios de Diana pode fazer o sol parecer fraco. — Claro, Artur. Tenho certeza que ela ficará encantada de fazer uma ligação. — Ela pisca um olhar que me diz que ela está emocionada por sua irmã.

Boa sorte esperando essa chamada chegar.

Ele retorna seu entusiasmo com um sorriso megawatt, mostrando todos os seus atributos comprados, antes de se inclinar para a frente e beijar sua bochecha.

— Vlad, — ele grunhe com um aceno de cabeça na minha direção, depois se despede.

Desafio aceito. Homem tolo.

— Eu deveria verificar Irina. — Diana toca sua mão no meu peito e começa a passar por mim para a escada. Eu coloco minha mão em torno de seu pulso suavemente e a deixo escorregar na palma da mão dela, parando-a. — Eu já verifiquei. Ela está dormindo. Deixe-a e termine a noite comigo.

Seus longos cílios piscam enquanto ela se aproxima para pressionar seus lábios no canto da minha boca.

— Eu na verdade estou cansada também, — ela admite com um bocejo. — Eu gostaria de me retirar para o meu quarto se estiver tudo bem.

— Claro. — Eu sorrio de forma aconchegante quando ela se afasta e desaparece pela escada. Eu me viro para encontrar Anton atrás de mim. Ele não diz nada. Ele sempre conheceu seu lugar neste mundo. Ele acena a cabeça em reconhecimento, depois segue os passos de Diana.

Olho para o cartão que tirei da mão de Diana e esfrego meu polegar sobre o número de Artur. Depois rasgo o cartão em pedaços.

Quando volto para a sala de jantar, todos foram embora. Todos, exceto Ven, Rus e Vika. Ven está digitando em seu telefone celular enquanto Vika fala animadamente com ele. Ele não está ouvindo e é deplorável. Bastante engraçado, na verdade. Os olhos de Rus se aborrecem com ela, mas ela é muito egoísta para sequer perceber que está chateando seu futuro marido. Não que ela se importe de qualquer maneira.

— Vika! — Eu falo.

Seus olhos âmbar acendem em aborrecimento com a minha presença. Ela gira a cabeça na minha direção, depois recosta na cadeira cruzando os braços sobre o peito como uma criança petulante. Seus peitos se avolumam para fora do decote do vestido para todos verem. Imagens dela como uma criança pequena perseguindo Viktor reprisam em minha mente, mas somem tão rapidamente quanto vieram.

Ela não é mais aquela garota e Viktor se foi.

— Junte-se a mim para uma saideira, — eu digo a ela. Não é um pedido, é uma maldita ordem, e ela sabe disso. Ela não está casada ainda. Seu xingamento é audível enquanto a cadeira raspa no chão.

Seus calcanhares clicando pelo chão de madeira, me alertam que ela está seguindo minha ordem. Eu ando até meu escritório. É o único lugar que, até esta tarde quando Irina invadiu o espaço, era privado e só para mim.

— O que você quer, Vlad? Eu sei que isso não é uma cordialidade. — Ela passa a mão sobre uma das estantes altas adornando a parede de trás. Seu nariz enruga enquanto ela finge limpar o pó da mão. — Este lugar está realmente indo ladeira abaixo. Você deveria contratar alguma ajuda que saiba como realmente limpar e não apenas lustrar paus.

— Sua boca vulgar ainda está intacta, eu posso ver, — eu zombo, sentando atrás da minha mesa.

Ela faz um som *humph* antes de cruzar os braços e andar até a minha mesa, ignorando a cadeira colocada em frente a ela. Ela se senta no canto em vez disso, batendo em um suporte de caneta com um estrondo. — Você pensou que me enviando para lá, iria de alguma forma me domar, irmão?

Minha pele parece muito esticada sobre meus ossos. Há uma dor maçante latejando nas minhas têmporas. Estou farto deste dia. Eu lanço um olhar sobre seu traje e respondo sua pergunta.

— Eu sei que não tem impedido você de se exhibir para cima de Veniamin como uma das preciosas prostitutas do Pakhan.

Seus olhos se estreitam e seus lábios se torcem nos cantos. — Ciúmes?

Ciúmes? Que coisa ridícula para se dizer.

— Da minha irmã? Improvável. Você sabe muito bem disso, Vika. — Eu quase rio, mas isso seria uma recompensa para ela. Ela não merece uma reação de nenhum tipo.



Há um brilho ardiloso em seus olhos quando ela se inclina sobre minha mesa e sussurra:

— Não de mim. Dele. Ele parece conseguir todas as mulheres.

Eu não tenho certeza qual jogo ela está tentando jogar, ou o que ela está insinuando. Veniamin é um homem de boa aparência que nunca lutou para encontrar parceiras de cama. Isso não é novidade para mim, e certamente eu não me importo. Nós temos compartilhado muitos jogos sujos juntos.

— Há algo que você está tentando me dizer e falhando miseravelmente, irmã?

— Eu apenas estou dizendo que Ven tem um encanto, que nem mesmo a mais certinha de nós consegue recusar. Por que você não pergunta à sua *noiva* o que ela acha? — Com isso, ela sorri maliciosamente e fica de pé, antes de caminhar para fora do meu escritório como se fosse dona do lugar.

O que diabos ela quis dizer com isso? Eu me recuso a deixá-la me irritar. É o que ela pretende, e eu não sou assim tão fácil de se enganar. Perguntarei a Diana o que ela quis dizer com suas palavras e ela irá me contar. Vika sendo Vika. Ven teria mencionado se Diana tivesse feito algum avanço com ele. *Não teria?*

Assistindo os monitores do quarto de Diana, eu vejo sua cama desarrumada e o som de seu chuveiro ligado. Meu dedo paira sobre a tela para o quarto de Irina e minha cabeça zumbe com um milhão de abelhas. Ela evoca essa resposta em mim que eu acho até que ela não é humana. Como ela pode ter esse poder sobre mim?

Meu dedo clica na transmissão e seu quarto se expande, enchendo a tela. Ela está espalhada sobre a cama, o vestido descartado em tiras no chão, e ela ainda está de calcinha, sutiã, meia-calça 7/8 com ligas e salto alto. Que visão ela é. Seus cabelos loiros se espalham ao seu redor como uma auréola, mas ela não é um anjo. Ela é uma sedutora, um súcubo esperando para atacar e sugar toda a minha força de vontade. Deslizando meu pau da calça, eu esfrego o líquido se formando na ponta com o meu polegar. Eu quero usar meus dentes nela, marcar sua pele, causar manchas para aparecerem e arderem. As marcas das minhas mãos ficarão maravilhosas em sua preciosa pele virgem. Espero que ela seja das que gemem. Eu atormentarei seu corpo, a levarei à beira da euforia e a arrastarei de volta gritando e implorando por mais. Minha língua experimentará cada centímetro, saqueando sua pequena boceta apertada esticando-a. Seus gemidos se estilhaçarão em lamentos de êxtase.

Apertando meu eixo até o ponto da dor, eu o liberto e o enfio de volta na minha calça. Eu tenho uma noiva para essa merda. Eu fico de pé, marcho os degraus e entro no quarto de Diana. O chuveiro ainda está ligado, mas desliga alguns segundos depois. Seus movimentos soam através da porta aberta, mas eu não a empurro para ter um vislumbre.

Ela me mostrará tudo ao seu tempo.

Que boa esposinha ela será.

Eu bato com os nós dos dedos na porta do banheiro e ouço seu suspiro.

— Eu pensei que você estava bravo comigo... — ela gagueja as últimas palavras quando me vê em pé parado ali.

— Por que eu estaria bravo?

Ela pisca algumas vezes, então encolhe os pequenos ombros. Gotas de água sobre sua carne bronzeada. Ela tem a pele mais escura do que a de Irina. Não é exposição ao sol, é natural. Irina é como uma boneca de porcelana, preciosa e não para brincar.

— Porque eu tinha tido o suficiente de diversão, — diz Diana, olhando cautelosamente para a porta atrás de mim.

— Ninguém me viu entrar aqui e vamos nos casar, — eu lhe asseguro, esperando suavizar suas preocupações enquanto eu coloco minhas mãos nos seus braços nus e a guio para a cama. Eu me sento e coloco-a suavemente entre minhas pernas. Tirando minhas mãos dela, eu estudo sua forma, seus dedos dos pés, panturrilhas tonificadas, coxas mais grossas e depois a toalha.

Levantando a mão, eu toco o tecido que ela se agarra como se fosse uma balsa e ela está se afogando.

— Solte, — eu ordeno.

Ela engole profundamente, seus lábios se torcendo em desespero para me desafiar. Mas eu a olho diretamente nos olhos. Não largar a toalha agora seria perder.

Diana é uma vencedora como eu.

Ela solta a toalha, e ela se amontoa em seus pés. Seu corpo é exatamente o que eu esperava. As roupas que ela usa diariamente exibem as curvas sob elas. Pouco se esconde da imaginação. Seus quadris são redondos, depois sua uma cintura fina e curvando-se para acomodar seus peitos grandes. Eles pousam pesados e cheios, os mamilos mais escuros, eretos com o frio no ar.

— Vire-se, — eu ordeno.

Seu desafio mostra-se em seu maxilar tenso. Com bochechas coradas, ela se inclina e recupera a toalha. — Eu não sou um brinquedo ou sua para mandar, Vlad. Você sabe que eu quero esperar por nossa noite de núpcias. — Ela se move em direção à porta do quarto e move a fechadura, trancando-nos dentro.

— Você é virgem? — eu pergunto sem rodeios.

Ela descansa a cabeça na porta por alguns segundos silenciosos, depois se vira. A máscara de mulher de negócios está no lugar. — Se eu não fosse, nós estaríamos aqui?

Isso dependeria de quantos amantes ela tinha levado para sua cama, mas uma virgem é rara nos dias de hoje em mulheres da idade dela, não importa quão sob controle e limitadas suas opções eram.

Seu pai acredita que ela é, e uma virgem é atraente para qualquer homem. Ele seria um mentiroso se dissesse o contrário. Explorar uma mulher que nunca tenha sido tocada é como encontrar um mapa do tesouro. Irina é uma coisa assim, e eu quero observá-la florescer sob minha mão. Para extrair todos os tipos de sons de seus lábios. Observá-la abrir-se como uma rosa em um dia quente de verão é um prêmio que é muitas vezes desperdiçado.

— Vlad. — Diana me traz de volta à realidade. — Importaria para você?

— Fale-me sobre Veniamin, — eu exijo, ignorando sua pergunta.

Ela é levada de volta pela minha linha de questionamento, confusão enrugando sua testa.

— O que tem ele?

— Você já se insinuou para ele no passado?

— Isso é um interrogatório? — ela fala ríspidamente. — Não, Vlad, eu nunca me insinuei para Veniamin. Foi isso que ele te contou? — Ela anda pelo chão na minha frente, então para abruptamente, irrompendo em uma risada perplexa. — Ah, meu Deus, ele te contou que nós nos beijamos? É disso que se trata?

— Vocês se beijaram? — eu sibilo, levantando-me. — Você beijou Veniamin?

— Anos atrás, Vlad, quando éramos mais jovens. Foi por causa de Vika incomodando-o o tempo todo. Nós fizemos isso para que ela o deixasse em paz. Não foi nada. E só para constar, ela não o deixou em paz.

Vika, a pequena cobra, rastejando seu caminho dentro da minha mente e a poluindo com seu veneno novamente.

— Você é virgem? — eu pergunto novamente.

Ela bufa uma respiração exasperada e vocifera.

— Sim, Vlad, eu sou virgem. Feliz?

Sim.

— Não teria sido uma quebra no acordo, — eu digo, passando por ela.

Mentira.

Certamente, poderia ter sido uma quebra no acordo.

Eu preciso da lealdade máxima de alguém, dentro e fora do quarto.

Eu me inclino e dou um selinho casto em seus lábios, depois destravo a fechadura e abro a porta. Anton está de pé diretamente lá fora, olhando para mim com um olhar de surpresa.

— Desculpe, senhor, — ele pronuncia. — Eu só estava indo verificar se a senhorita Volkov tinha se retirado, para que eu pudesse me retirar também.

— Ela se retirou, — eu digo a ele, observando seus olhos se moverem rapidamente sobre meu ombro, sabendo o que ele está vendo.

— Certo, — ele grunhe.

E com isso, eu fecho sua porta e vou caçar Vika.

# Capítulo Onze

## Irina

Brilhante.

Está muito brilhante aqui.

Há uma banda marchando dentro da minha cabeça. Eu paraliso quando minha mão desliza sobre meu estômago nu. Disparando para cima, eu observo o quarto e minha quase nudez. Eu faço uma careta quando vejo que ainda tenho um sapato no pé. Esfregando meus olhos, tento lembrar-me da noite passada, mas me dá um branco. Eu me lembro do jantar e depois... nada.

Deus, eu espero não ter me feito de boba diante de todas aquelas pessoas.

Correndo até o final da cama, eu percebo o tecido espalhado no chão e pego uma tira. Meu vestido de ontem à noite.

Por que eu o cortaria?

Há uma batida leve na porta do quarto e eu rapidamente esquadrinho o quarto à procura do meu robe. Ele está pendurado na cadeira onde eu o deixei na noite anterior. A porta está fechada, e isso faz meus nervos saltarem dentro da minha pele.

Eu odeio que a porta esteja fechada.

Eu tenho esse pesadelo recorrente de um homem entrando no meu quarto quando eu tinha dez anos, trancando minha porta e subindo na minha cama. Sua mão, real como o dia iluminando este quarto. Eu posso sentir o calor, os pelos em seu braço enquanto ele deslizava dentro da minha roupa íntima.

Diana, aos dezesseis anos, também estava no meu sonho - ela tinha adormecido na minha cadeira de leitura depois de devorar a saga *Crepúsculo* comigo. Sua presença o surpreendeu, e ele se retirou do meu quarto como uma sombra rastejante. O sonho ainda é tão vívido, que eu não tenho certeza se ele realmente aconteceu ou foi apenas isso - um sonho. Um sonho muito ruim.

Vestindo meu robe, eu vou até a porta e a abro. Diana está do outro lado segurando uma caneca fumegante e com um sorriso perverso.

— Eu pensei que você talvez precisasse disso, — ela diz e me entrega a caneca, passando por mim para entrar no quarto.

— Minha cabeça dói, — eu reclamo, juntando-me a ela enquanto ela senta na cama.

O olhar dela dispara para a bagunça de tecido no chão. — O que aconteceu?

Encolhendo os ombros, eu enrugo o nariz. — Talvez tenha ficado preso, então eu o rasguei? — Eu suponho e dou um gole no líquido quente.

— Você parece como o inferno. — Ela sorri, estendendo a mão para tentar domar o meu cabelo.

— Você parece perfeita. — Eu reviro os olhos.

Ela sempre parece perfeita, e hoje não é diferente.

— Eu tive um visitante no meu quarto noite passada. — Ela olha para baixo no colo, depois cruza as pernas. Meu coração começa a martelar no meu peito. Diana vai me dizer que ela e Vlad fizeram amor. Descrevendo com detalhes incríveis, como se fosse eu vivenciando tudo e não ela. Não tenho certeza se posso lidar com os detalhes. Realmente significaria que nunca haveria nada entre nós. É uma coisa tão juvenil e boba de se pensar. Eu me desprezo por sequer ter os pensamentos, mas eles não estão sob meu controle. Eles estão dentro da minha cabeça. Eu sou uma escrava da química dentro do meu sangue dizendo-me que eu preciso dele.

— Vlad, — eu resmungo.

Ela endurece um pouco, depois relaxa de volta, deitando-se e olhando para o teto alto.

— Sim, claro, Vlad. Quem mais iria visitar meu quarto? — Ela solta um suspiro derrotado, frustração em seu tom. — Ele perguntou se eu sou virgem.

Um bufo, pouco atraente e incontrolável, liberta-se de mim. — Ele o quê? Em que época nós vivemos, Diana? Que coisa ridícula de se perguntar.

Ela suspira e olha para mim. — Você sabe que não existe nada normal sobre nossa educação, Irina, minha doce pequena sombra. Quão determinada você é para ser um espírito livre. — Ela sorri, carinho e amor genuínos alcançando seus olhos. Eu coloco minha

caneca na mesa de cabeceira e me enrolo ao lado dela, torcendo suas mechas macias de cabelo sedoso entre meus dedos.

— Bem, você é virgem, então isso deve ter agradado o ego dele, — eu provoco.

Seu corpo fica tenso ao meu lado. Eu olho para o rosto dela e vejo lágrimas se formando em seus olhos.

— Diana? — eu sussurro.

Ela gira o corpo para mim e me segura tão forte que minhas costelas parecem que podem quebrar sob a pressão.

Ela não é virgem.

— Não conte a ninguém, — ela suplica em meu ouvido.

Eu a seguro de volta, espremendo-a também apertado. — Eu não vou. Eu prometo.

\*\*\*

— Por que ela está mancando assim? — eu pergunto a Stepan, apontando para a garota que Vlad separou das outras quando elas chegaram aqui. Darya, eu acho que era o nome dela. Ela está andando como se estivesse se cagado toda, e há hematomas em sua bochecha.

Se essas mulheres deveriam ser atraentes para pervertidos e predadores, então os espancamentos serão um problema. Nenhum homem quer realizar uma fantasia com uma puta já desfigurada, usada e abusada. Ela deveria ser uma sedutora e nem sequer pode andar corretamente.

— Isso seria porque meu pai a levou para brincar, — Vika cantarola sobre meu ombro. Eu não a ouvi se aproximando. Ela rasteja sem ser detectada.

— Vika, eu não percebi que você ainda vivia aqui. — Eu sorrio maliciosamente para ela. É malcriado, mas eu realmente amo vê-la se enfurecer.

— Ah, meu nome ainda é Vasiliev, pequena sombra. Eu posso ir e vir quando quiser. — Ela aponta para a mulher mancando de volta para a cela. Eles podem chamar isso de quarto, mas é embelezar a situação o que isso realmente é. — Ela pode ser colocada com o resto do rebanho, Stepan. Meu pai não voltará para uma segunda vez.

— Rebanho, Vika? — Eu balanço a cabeça com aversão. — Sério?

Seu cacarejo ecoa nas paredes e me atinge com ironia. — Oh Deus, Vlad deve amar ter você por aqui. Doce inocência é uma coisa tão rara nos dias de hoje. — Ela me alcança com um dedo delgado e acaricia o lado do meu rosto.

— Eu soube das suas boas novas, — eu corto de volta. Duas podem jogar este jogo. Eu removo seu dedo e cruzo os braços para me defender de parecer tão frágil. As serpentes comem suas presas quando elas veem fraqueza.

Eu sou tudo, menos fraca.

Eu sou uma Volkov.

— Ruslan Vetrov, — eu zombo. — Uau. Quantos anos ele tem mesmo? Quinze?

Sua mão voa e pega um punhado do meu cabelo, puxando minha cabeça para trás e fechando o espaço entre nós, de modo que seu corpo roça contra o meu. — Meu irmão gosta de jogar jogos. Ele me subestima. Viktor também fez isso e olhe o que aconteceu com ele. Cuidado, garotinha, você não me quer como uma inimiga.

Saltos estalando pelo chão de pedra chamam a atenção de Vika. Minha mente corre com todas as informações que ela acabou de jogar em mim. Ela teve algo a ver com a morte de Viktor? Não, ela não faria. Com certeza. Ele era seu irmão gêmeo. Por quê?

— O que está acontecendo? — pergunta Diana, vindo ao meu lado. Fria, calma e contida. Juntas, as mulheres Volkov são uma frente poderosa.

Vika solta meu cabelo, mas Diana agarra seu pulso antes que ela possa soltá-lo completamente. Ela se move entre nós, ficando bem no rosto de Vika.

— Eu matei homens por menos, Vika, — Diana grunhe, seus lábios vermelhos perfeitos curvados com ódio. — Nunca mais coloque suas mãos sobre minha irmã novamente ou você perderá *as duas*. Você terá que usar o anel de Ruslan em uma corrente em volta do pescoço como o cachorrinho sujo que você é. — O tom de Diana é uma pedra de gelo. Violento e ameaçador. Minha irmã fala sério cada palavra.

Vika tira rapidamente seu braço e ri antes de se empurrar entre nós, saindo do mesmo jeito que ela chegou.

— Sobre o que diabos foi isso? — Diana sibila, virando-se para mim.

Eu solto um suspiro e aliso meu cabelo agora emaranhado.

— Ela é uma puta. Nós já sabíamos disso.



— Não a provoque, Irina, — adverte ela. — Ela é astuta.

*Você não faz ideia.*

Ela olha para o nosso entorno e empalidece.

— Anton disse que você estava aqui embaixo. Por quê?

— Curiosidade? Tédio? Escolha um. — Eu não conto a ela que seu noivo está barganhando comigo. Se eu quiser um estúdio para pintar, eu tenho que merecê-lo.

Ela faz uma careta, suas sobrancelhas franzidas enquanto ela me olha, sem comprar minha história de merda nem por um minuto. Felizmente, ela deixa de lado.

— Bem, eu preciso voltar para a casa do Pakhan. Eu estou bloqueada de todas as contas comerciais e não consigo contatá-lo pelo telefone.

Isso é estranho.

— Eu vou com você, — eu digo, mas ela se afasta de mim. — Não, não, fique aqui. Eu levarei Anton. Eu sei que você não quer ver o Pakhan agora.

— Você tem certeza?

— Sim, apenas não fique aqui embaixo, — ela murmura ao lançar outro olhar desaprovador ao redor.

— Ok.

Ela dá um beijinho na minha bochecha antes de me deixar com Stepan.

— Stepan, dê a essa garota alguma ajuda médica, — eu murmuro. — Ela é inútil para nós assim.

— O médico está a caminho para verificar todas as mulheres, senhora.

*Senhora?*

— Por favor, me chame de Irina, ou Shadow. — Eu sorrio e ele me encara como se eu tivesse falado chinês.

— Por que Shadow? — ele pergunta, linhas enrugadas em torno de seus olhos cerrados. Ele é enervante. Há uma escuridão ali, pousada atrás desses olhos profundos. Eu o acho bonito, sim, mas ele não está à altura de Vlad.

— É um apelido, — eu ofereço com um encolher de ombros, sentindo minhas bochechas aquecerem. — Porque eu estou na sombra

da minha irmã, Diana. — Oh Deus, isso soa tão patético, falar as palavras em voz alta.

— Essa é a coisa mais estúpida que já ouvi. — Ele resmunga. Ele não está zombando de mim - ele fala sério. — Você nunca poderia estar na sobra de ninguém. Olhe para você, — ele diz com convicção. Meu estômago revira.

*O que isso significa?*

— Irina, — Diana chama da escada. — Venha.

Eu faço uma reverência com a cabeça e me viro para segui-la.

\*\*\*

— Eu voltarei para o jantar, ok?

É ainda a hora do almoço, o que significa que Diana está planejando ficar fora toda a tarde. Eu já estou entediada.

— Vá descobrir o que está acontecendo, — eu encorajo, apesar de haver uma pedra no meu intestino crescendo rapidamente. Nosso pai está recuando em tudo o que nos foi dado. Nós somos o motivo pelo qual a Volkov Spirits está prosperando tanto como está. Este foi o nosso projeto. Nosso empreendimento. Infelizmente, ele ainda segura a chave de tudo. Ele não era assim estúpido de entregar todos os direitos para nós.

Se ele levar todo o nosso poder, o que nos sobrará?

Ela coloca sua jaqueta e Anton entrega-lhe um cachecol.

— Você tem certeza que não se importa com Anton me levando?

— Eu vou ficar bem, Diana, vá. — Eu praticamente a empurro pela porta e suspiro quando ela se fecha atrás dela.

— Irina. — Eu me assusto com meu nome sendo chamado da varanda acima de mim.

Meus olhos se levantam para ver Vlad parado ali segurando a grade. — Venha aqui, — ele instrui. A pirralha em mim quer provocá-lo e pedir a ele para dizer por favor, mas tanto quanto ele excita meu sangue, ele tem uma autoridade que eu não consigo impedir. Eu subo os degraus devagar, contando-os na minha cabeça.

*Um... dois... três...*

Meu coração flutua no meu peito, e eu vou com calma, arrastando minha mão ao longo do corrimão enquanto eu subo.

*Quatro... cinco... seis... sete... oito...*

Gradualmente. Deliberadamente. Exigindo a atenção dele, mesmo que só por pouco tempo.

*Nove... dez... onze... doze...*

Eu sei que isso o frustrará, mas eu simplesmente não consigo me conter.

*Treze... quatorze...*

Vlad.

Nossos olhos se encontram quando eu alcanço o topo. Sua emoção ardente - uma completa contradição com a expressão impassível que ele usa tão bem.

Parando, presa em seu olhar, eu o observo com um sorriso inocente.

*Eu tenho sua atenção agora.*

# Capítulo Doze

## Vlad

Eu preciso de um guarda nesta porta para impedir qualquer um de caminhar até aqui.

Fodida Vika. Por que ela insiste em irritar meus nervos? Ela não tem Ruslan para isso?

— Então, você recebeu duas por uma, eu posso ver, — Vika fala rispidamente enquanto entra no escritório. Ela estreita esses olhos dourados e familiares sobre mim, e eu tento não sufocar sob seu cheiro exageradamente doce girando em meu escritório junto com ela.

Dói olhar para ela às vezes. Ela tem muitas das feições de Viktor.

— Vika, que surpresa desagradável.

— Seu pequeno animal de estimação está se dando bem em casa, — ela continua ignorando meu golpe.

— Se você está se referindo à minha noiva, eu iria com cuidado. Ela tem mais direitos aqui agora do que você.

— Não Diana, — ela fala com desdém. — A outra. A pequena sombra.

Irina.

— Elas vieram como um só pacote. O que você tem com isso? — Eu zombo, relaxando de volta na minha cadeira e me ocupando com meu celular.

— Rus me disse pelo o que eu fui negociada. Terra, Vlad? Sério, é tudo que eu valho para o Pakhan?

Colocando meu celular na mesa, eu olho para ela, procurando em seus olhos pela garotinha que eu uma vez conheci. Ela estava extinta há muito tempo. Em vez disso, essa entidade está aqui com os olhos dela.

— Menos, — eu provoco. — Eu barganhei por mais, não porque eu acredito que você vale mais, mas porque eu posso. Você é apenas um fantoche, e eu sou o mestre segurando as cordas. Pare de lutar contra o inevitável, Vika.

- E o que seria, querido irmão?
- Retribuição. Para mim, para Niko, para Viktor.
- Sdelay eto svoim metodom, brat. — *Faça como quiser, irmão.*

Ela deixa meu escritório como uma tempestade, saindo em disparada e derrubando a decoração enquanto ela vai.

Eu pego meu celular de volta e continuo analisando através das fotos enviadas para mim em um servidor seguro. Nós temos nossas prostitutas que serão treinadas em sedução, mas o The Games tem tudo a ver com a caça. As depravações que residem dentro de todos nós. Mulheres jovens, inocentes e assustadas, são uma das atrações do público para o The V Games, e isso é algo que você não pode treinar em alguém. Estas mulheres vêm com um custo e através de uma seleção especial. Arrancadas de suas vidas e forçadas a um pesadelo.

Os rostos olhando de volta para mim através da tela são aqueles de meninas vivendo suas vidas. Elas não têm ideia de que não estarão chegando em casa hoje se eu as aprovar.

As palavras de Vika em relação a Irina estão em minha mente e eu me vejo saindo do escritório, e pegando a escada para ver como seu estúdio está indo. A designer chegou há uma hora atrás para avaliar o espaço e elaborar um plano. Diana mencionou que estava indo para a propriedade dos Volkov durante a tarde. Talvez Irina tenha ido com ela.

O quarto é tão próximo do meu, que se ambas as portas forem deixadas abertas, eu posso ver diretamente dentro do estúdio. Eu quero ver todas as suas cores exibidas através de sua arte. Será algo para mim - um presente de casamento, por assim dizer.

Se eu não puder tê-la, eu vou apenas admirar de longe.

*E ninguém a terá.*

— Sr. Vasiliev, eu já estava acabando e indo encontrá-lo. — A mulher loira alta, Marina, foi quem projetou a maioria dos quartos dentro desta casa. Ela foi a minha primeira ligação após o pedido de Irina.

— Eu te poupei do incômodo. — Eu ofereço um sorriso de lábios fechados e pego os planos que ela esteve desenhando de suas mãos.

— É um espaço perfeito, e a luz realmente funciona bem para o uso pretendido.

— Eu olharei isso depois e a informarei sobre quaisquer mudanças. Eu quero que isso comece hoje — eu a informo.

Os olhos de Marina se arregalam, mas ela assente com entusiasmo. — Claro. Vou fazer algumas ligações.

Quando eu chego no alto da escada para me dirigir ao meu escritório, vozes soam de baixo, parando-me enquanto escuto. Diana ainda não saiu.

— *Eu voltarei para o jantar, ok?*

— *Vá descobrir o que está acontecendo.*

*Pausa.*

— *Você tem certeza que não se importa com Anton me levando?*

— *Eu vou ficar bem, Diana, vá.*

A porta fecha, e eu olho para baixo para ver meu pequeno sol soprando um fio de cabelo de seu rosto.

— Irina, — eu a chamo.

Seu corpo dá um pulo e seus olhos azuis gélidos se levantam, colidindo com os meus.

— Venha aqui, — eu exijo.

Ela aperta os lábios como se estivesse lutando para evitar as palavras de se libertarem, e então se move para obedecer. Boa garota. Ela demora subindo os degraus, arrastando a mão ao longo do corrimão enquanto ela quase rebola na minha direção.

— Vlad, — ela cumprimenta. Sua voz é quente, e eu quero dizer a ela para parar... apenas parar de ser ela.

— Seu quarto foi mudado.

É espontâneo e sai da minha boca antes que o pensamento tenha sequer se manifestado completamente na minha mente. Só de olhar para ela e pensar na noite passada, eu preciso dela mais perto. Para ter certeza que ninguém mais pense que pode se arrastar até seu quarto, com ela.

— O-o quê? — ela gagueja. — Mas Anton...

Eu levanto minha mão para cortá-la. — Anton estava muito ocupado sendo o cachorrinho da sua irmã para sequer perceber que você desapareceu para o seu quarto com Artur Voskoboynikov. Se eu não tivesse intervindo, você estaria dando à luz ao filho dele daqui a nove meses. — Há raiva no meu tom. A fricção das minhas emoções está começando a me irritar, causando uma rachadura no meu comportamento.

Sua boca cai aberta, formando um pequeno O. A onda de vermelho florescendo no pálido de suas bochechas me lembra de quando ela se desfez pelo meu simples contato na noite passada.

Tão preciosa. Tão pura. Tão minha.

— Obrigada, — ela suspira, me surpreendendo.

*Obrigada?*

— Eu não deveria ter bebido tanto vinho. Não combina comigo. Eu estou tão terrivelmente envergonhada pelo meu comportamento. Eu nem sequer me lembro disso acontecendo.

Ela envolve um braço em sua cintura e torce o lóbulo da orelha com a outra mão - um hábito nervoso que eu passei a adorar.

— Venha ao meu escritório. — Eu mudo de assunto. Ela não se lembra de ontem à noite. Não se lembra de mim, cortando seu vestido e levando-a ao abismo da felicidade com apenas uma pressão da minha virilha na dela. Provavelmente é melhor assim.

— Você me chamou aqui em cima para me dizer para descer a escada?

A garotinha tímida se foi, e a atrevida Irina está de volta em seu legítimo lugar.

Eu quero forçá-la a segurar os corrimãos com as duas mãos e se curvar, então eu posso dar umas palmadas em sua bunda firme até queimar com um carmim sob minha palma. Então eu usaria minha gravata em volta de seu pescoço como uma coleira enquanto eu entrava nela, brusco e forte. Ela iria querer gritar de prazer, mas minhas mãos apertando o tecido a restringiria. As pessoas viriam e atravessariam a porta da frente, sem o conhecimento de que a doce pequena virgem, irmã da minha futura noiva, estava sendo educada por quem a possui.

Eu vou me apoderar, me apoderar, me apoderar dela até suas pernas cederem.

Apoderar-me de sua pureza, sua virgindade perfeita, sua voz, seus orgasmos, seu coração, sua fodida alma. Tudo para mim.

— Vlad? — Ela morde o lábio inferior, e eu desperto da fantasia me enviando a uma neblina cheia de luxúria. — Por que você me olha assim? — Sua voz é um sussurro curioso, falando diretamente ao meu pau.

— Assim como? — minha voz fica rouca.

Seu peito se eleva com uma respiração profunda.

— Como se você estivesse com fome e eu fosse um bolo.

Um sorriso genuíno levanta os cantos da minha boca. Verdadeiro. Que analogia perfeita. Eu aposto que ela terá um gosto doce também, como glacê de cereja.

— Porque você me olha como se *quisesse* ser provada, — eu respondo, levando a ponta do meu polegar para os seus lábios, acariciando-os. Todo mal sombrio e perturbado dentro de mim dilui quando eu a estou tocando - o sol expulsa a escuridão dentro de mim.

Eu espero que ela se afaste, como ela deveria, mas ela não se afasta. Em vez disso, ela envolve suas mãos em volta da minha e abre a boca, deslizando meu polegar para dentro. Sua boca quente, macia e molhada, suga meu dedo quando seus olhos se fecham e ela suspira.

— Sr. Vasiliev, bom, você ainda está aqui, — Marina chama de trás de mim.

Os olhos de Irina abrem de uma vez e ela me tira de sua boca. Deixando cair suas mãos, ela se vira para correr pela escada.

— O quê? — Eu grito, virando meu olhar irado para a mulher.

Os pés de Marina falham e ela fica branca.

— Eu sinto muito. Eu só queria informá-lo que eu tenho uma equipe vindo para limpar e preparar o espaço para a decoração amanhã.

— Bom. — Isso é tudo o que ela consegue por interromper o delicioso momento com meu pequeno vício. Eu me afasto dela em direção ao meu escritório. Assim que eu estou dentro, eu ligo para Danill, meu comprador da carga feminina especialmente selecionada.

— Da. — *Sim*.

— Ya vozmu ix vse. — *Eu levarei todas elas*. Eu termino a ligação sem esperar por uma resposta. Quem eu não colocar no The Games, eu venderei para outra pessoa. Eu já tenho os compradores em mente.

— Mais mulheres? — Irina indaga do canto da sala, me surpreendendo.

Se meu pai soubesse que ela estava envolvida com qualquer negócio no império Vasiliev, ele me ordenaria a colocá-la no lugar dela. De joelhos. E se fosse qualquer outra pessoa, eu concordaria com ele.

Mas ela não é qualquer uma.

Ela está segurando uma foto, traçando a imagem com o dedo. Ela não me pressiona quando ignora sua pergunta. — Ninguém fala sobre ele, — diz ela, ficando em pé e caminhando para uma das estantes de



livros. Ela coloca o retrato no lugar, e então eu percebo qual deles ela pegou. Uma foto de Viktor e eu há um ano atrás, em sua graduação. O abismo se abre em meu estômago e eu o fecho.

Merda, eu sinto falta dele.

— Isto ainda é recente para alguns de nós. — Minhas palavras são frias apesar da ferida aberta no meu peito.

— Vika perdeu duas pessoas naquele dia, — ela medita, olhando outras imagens expostas ao redor do escritório.

— *Nós* perdemos duas pessoas naquele dia.

Ela olha para mim. — Desculpe. Eu esqueci o quão próximos você e Niko eram.

Eu não quero falar sobre isso. Não consigo. — Aqui, — eu digo a ela, segurando os desenhos do seu estúdio.

Ela dá passos cautelosos em direção à minha mão estendida e levanta o papel. Seus olhos azuis brilhantes dão uma olhada por alto, e então se levantam para os meus, um sorriso se espalhando pelo seu rosto bonito.

— Um estúdio? — ela pergunta com espanto.

Se eu soubesse que isso traria um sorriso tão deslumbrante, eu teria feito mil estúdios para ela.

— Vlad, — ela grita, um gritinho alegre explodindo dela e ela pula em mim. Eu não tenho nenhuma escolha senão pegá-la. Seu pequeno corpo se molda ao meu, como se ela fosse criada para se encaixar ali. Seu cabelo faz cócegas na minha bochecha e no meu maxilar, e o cheiro explode nos meus sentidos.

Madressilva.

Deslizando pelo meu corpo e ficando de pé, ela olha para mim através de seus cílios. — Obrigada.

Seus lábios me atraem, e eu não consigo pensar direito. Tudo que eu vejo, ouço, cheiro, é ela.

Porra.

— Eu vou te beijar, — eu digo a ela sem rodeios.

Eu vou arruinar tudo.

Eu vou arruiná-la.

Os olhos dela se arregalam.

— Você vai se casar com Diana.

— Eu sei, — eu cerro os dentes, frustração no meu tom.

— Mas só desta vez. Apenas um beijo. — digo mais para mim do que para ela.

Ela morde o lábio inferior carnudo e eu fico desesperado para morder também. Essa garota *comum* faz coisas extraordinárias para mim.

— Eu não posso Vlad, — ela suspira, uma pequena falha em seu tom. — Ela é minha irmã. É tão errado. — Claramente, ela me entendeu mal. Eu não estava perguntando a ela.

— Então, diga não. — eu a desafio com um olhar. Por um momento, eu acho que vai ceder. Seus lábios se separam, mas então ela desvia seu olhar.

— Não. — Ela abaixa os olhos. Eu agarro a parte de trás do seu pescoço e puxo seu corpo para o meu, amando o modo como seus peitos empinados pressionam contra meu peito firme. Agarrando seu maxilar com a outra mão, eu inclino sua cabeça para trás, então ela é forçada a olhar para mim. Forçada a me respirar. — Vlad, — ela suplica, mas sai fraco. Os desenhos que ela estava segurando flutuam para o chão aos nossos pés.

Pequena Irina é tudo, menos fraca.

Entretanto, eu amo a ideia de dominá-la e dobrá-la sob minha vontade.

— Diga-me não, — eu digo novamente, minha voz um rosnado baixo e ameaçador.

— Não!

Mas sua linguagem corporal e seus olhos gritam sim.

Ela nunca trairia voluntariamente sua irmã.

Ainda bem que eu não tenho essa lealdade.

Eu esmago meus lábios nos dela, desejando seu gosto mais do que qualquer uísque sofisticado ou vodca do meu estoque caro. Eu quero provar cada polegada deliciosa dela. Seus lábios são macios e maleáveis. Eu facilmente os incito a se abrirem com minha língua e invado sua boca. Ela tem um sabor doce, como essência de baunilha. Seus punhos pequenos batem nos meus ombros, mas seus lábios dançam com os meus. Desesperadamente. Ansiosamente. Perigosamente. Quando ela percebe que é uma vítima do meu beijo e eu não vou deixá-la ir, seu corpo se suaviza contra mim. Eu mordisco, chupo e saqueio sua boca, pegando a minha cota.

Porra, ela tem gosto de perfeição.

Eu me afasto, para o horror do meu pau. Eu poderia passar horas beijando sua boca doce e carnuda, que tem sabor de pecado entregue diretamente do céu. Uma sobrenatural poção divina. Ela é um banquete digno de um rei, e eu quero devorá-la.

Nossos olhos se encontram por um momento. Os dela estão vidrados com luxúria, mas ela rapidamente sacode seu transe antes de olhar furiosa para mim e murmurar uma série palavrões russos. Ela está cambaleante em seus pés enquanto se afasta, mas encontra seu equilíbrio e corre para fora do meu escritório, como se o diabo estivesse perseguindo-a.

Eu sou o diabo, com certeza.

E eu quero *persegui-la*, mas se eu for, não vou parar com seus lábios.

Eu vou devorá-la inteira.

# Capítulo Treze

## Irina

**Oh, meu Deus.**

Meu coração não tem parado de acelerar desde esta tarde. Desde que Vlad me segurou em seus braços e me beijou como se nossas vidas dependessem disso. Eu fiquei horrorizada. Horrorizada e completamente excitada.

A culpa me agarra e eu me atormento enquanto vasculho na minha caixa de joias procurando por algo para usar no jantar. Eu traí a minha irmã da pior maneira. Que tipo de pessoa beija o noivo da sua irmã?

As lágrimas ameaçam cair, mas eu as afasto. Eu já fiz muito disso esta tarde. Eu me tranquei no meu novo quarto do outro lado da propriedade, quando Rada me mostrou, e chorei por horas. Não é do meu feitio trincar e quebrar, mas Vlad bagunça minha cabeça. Em alguns momentos eu o odeio e ele me enoja, então, em outros momentos... Eu o quero tanto, que eu juro que a minha boca saliva.

Eu abro a gaveta inferior da minha caixa de joias e retiro um delicado bracelete com pedras da cor dos meus olhos. Ele não estava aqui antes. Todas as minhas preocupações são deixadas de lado quando contemplo de onde veio o bracelete. Por estranho que pareça, ele combina com o vestido que eu tinha planejado usar para o jantar. Eu o deslizo no meu pulso e admiro as pedras enquanto brilham na luz.

— Você está linda, — Diana murmura da porta. Ela ainda está vestida com o casaco e o cachecol, suas bochechas rosadas do frio.

Eu não consigo encontrar seu olhar. Não sem os meus olhos contarem o que eu fiz a ela. Eu mordo meu lábio e olho para o bracelete. — Obrigada.

Ela entra no quarto e tira o cachecol.

— Por que você se mudou para cá?

Eu encolho os ombros.

— Eu não sei. — Minha voz treme e eu odeio o som dela.

— É um quarto mais agradável, — ela se maravilha quando se senta na cama. — Shadow, o que há de errado?

— Nada, — eu respondo. — Como foram as coisas na casa do Pakhan?

Ela solta um suspiro pesado, mas não responde. Eu levanto meu olhar para encontrá-la torcendo o cachecol nas mãos. Abatida. Minha poderosa e carismática irmã está derrotada. Seu nariz fica rosa e ela me observa com olhos lacrimejantes.

— Desculpa, — ela suspira.

Eu faço uma careta e dou um passo em direção a ela.

— Desculpa pelo quê?

Ela solta uma risada sem humor.

— Isto. — Suas mãos acenam no ar e ela funga. — Tudo.

— Está tudo bem. As mulheres Volkov são fortes onde quer que elas estejam. Enquanto elas estiverem juntas, — eu digo a ela com firmeza. O que aconteceu entre Vlad e eu nunca acontecerá novamente. Eu vou me assegurar disso. Preciso que isso funcione pelo bem de Diana. Ela é brilhante e bem-sucedida. Seja lá o que estiver acontecendo com o Pakhan, está tentando arruinar isso. Sua aliança com Vlad só irá fortalecê-la.

Uma lágrima rola sobre sua bochecha.

— Ele nos bloqueou. — Ela soluça enquanto mais lágrimas fluem.

— Eu não tenho acesso a nenhuma das contas.

Eu corro para sentar ao lado dela. O beijo já é uma coisa do passado e é varrido sob o tapete enquanto eu pego as mãos da minha irmã. — Nós ficaremos bem. Você se casará com Vlad e continuará fazendo o que você faz melhor. Apenas para outra família. O Pakhan afundará sem a gente. Nós fizemos dessa empresa o que ela é.

Ela me abraça e chora suavemente contra meu cabelo.

— Eu não sei o que o futuro nos reserva, Shadow. Eu não... eu simplesmente não sei. Eu nunca quis que chegasse a isso. O Pakhan está me forçando.

— Shhh, — eu falo suavemente. — Hoje é apenas um pontinho, e amanhã ou no dia seguinte, ele lembrará que nós somos as que estiveram lá fazendo das suas empresas o que elas são, especialmente a Volkov Spirits. Tudo vai dar certo. Eu prometo.

Ela se afasta e segura minhas bochechas em suas palmas.

— Eu te amo, minha doce irmã.

Radiante para ela, eu abro minha boca para lhe contar as palavras quando eu noto um hematoma na sua garganta. Não é qualquer hematoma. Um chupão. Meu sorriso cai.

— Diana, o que é isso?

Os olhos dela se arregalam e ela olha por cima do ombro antes de tentar cobri-lo com a mão. Eu dou um tapa para afastá-la e inspeciono mais perto.

— Quem te deu um chupão? — eu exijo, meus olhos arregalados de horror.

Ela cerra os lábios e dispara seu olhar para a entrada novamente antes de saltar da cama e correr para o espelho.

Ela solta uma maldição sob a respiração. — Blyad. — *Porra*.

— Diana?

— Você não pode dizer nada ao Vlad, — ela sussurra, voltando para sentar-se perto de mim. — Para ninguém.

— Diga-me, — eu ordeno.

Ela engole e solta um suspiro torturado.

— Um homem. Ele é mais velho. Eu o conheço há algum tempo.

Eu pisco para ela em confusão.

— Ele se forçou em você? — Vlad vai matá-lo. Eu vou matá-lo.

Seu nariz enruga.

— O quê? Não. Nós... nós... — o som morre e mais lágrimas rolam. — Shadow, eu o amo.

Não.

Esse velho qualquer?

Que nojo.

— Diana... — eu começo, minha voz baixa em advertência.

Ela balança a cabeça.

— Pare. Eu não vou ouvir nada disso. Seu coração não pode escolher quem você ama, mesmo se for a pessoa errada. — Ela levanta o queixo. — Eu não me sentirei envergonhada pelo que nós temos.

— O que vocês têm? — eu pergunto. — Você não pode ter nada com ele se estamos sob o telhado de Vlad e você vai se casar com ele. Diana, isso é perigoso.

Ela se levanta e apanha o cachecol.

— Você não acha que eu sei disso? Você não acha que eu não me preocupo com cada segundo de cada dia, o que poderia significar se nós formos pegos?

— Pegos? — eu digo. — Você teve... você teve relações sexuais com ele?

Ela ri, mas é frio.

— Doce irmã, você é tão inocente. Por isso, eu sou grata. No entanto, você tem muito para aprender do mundo exterior. — Ela envolve o cachecol ao redor da garganta e faz cara feia para mim. — Eu estive dormindo com ele há anos. Anos, Irina. Isso é amor. O que nós temos é amor.

Meu estômago se aperta com sua confissão.

— Por favor, não faça sexo com ele aqui. Se Vlad descobrir... — Eu quase vomito com o pensamento de Vlad cortando minha irmã, como ele fez com sua prostituta. Eu não posso perdê-la. Vlad não é o tipo que recebe de ânimo leve as indiscrições em sua própria casa.

— Ele quase descobriu, — ela admite, com vergonha nos olhos. — Meu amante estava vindo me ver, mas Vlad chegou lá primeiro.

— Ele vai te matar, — eu choramingo. — Você tem que parar.

Ela dá um passo para trás como se eu a tivesse golpeado. A mulher forte e poderosa que eu conheço e amo tem um olhar enlouquecido em seus olhos. Enlouquecido pelo amor. Ou... lavagem cerebral. O pensamento me alarma.

— Eu vou lidar com isso, — ela diz finalmente, levantando o queixo. — Isso acabará assim que eu estiver casada. — Mas a centelha em seus olhos me diz o contrário.

— Diana, essa não é você.

Ela balança a cabeça.

— Não, — ela diz, acenando ao nosso redor, — essa não sou eu. Mas todos nós temos nossos papéis para desempenhar.

Antes que eu possa responder, ela foge do quarto.

Vlad pode ter empurrado sua língua pela minha garganta mais cedo hoje, mas eu não acredito, nem por um segundo, que ele não

levaria a sério a mesma coisa acontecendo contra ele. Vlad é um jogador de um jogo supremo, onde ele sempre sai o vencedor. Se ele farejar por aí e descobrir que Diana esteve dormindo com outro sob seu próprio teto, pelo menos, ele vai querer retaliação.

Isso significa que eu preciso fazer minha parte.

Eu devo distraí-lo.

\*\*\*

Eu vou para o jantar sozinha.

Diana estava demorando uma eternidade para se preparar e eu precisava formular um plano. Ela usa a marca de outro homem agora. Se Vlad vir, ele vai perder a cabeça.

Preciso ter certeza que isso não aconteça.

— Senhora, você está impressionante esta noite, — murmura uma voz profunda.

Viro minha cabeça para ver Stepan encostado contra o batente de porta, seu terno se moldando bem em seu corpo. Os olhos dele vagueiam sobre a curva dos meus seios e depois para as minhas coxas nuas. Hoje à noite, eu optei por um vestido mais curto. Se eu planejo distrair Vlad, mostrar um pouco de perna está de acordo com o objetivo.

— Obrigada, — eu digo. — Você já viu o Sr. Vasiliev?

— O mais velho?

— Ah, não. Vlad.

Ele balança a cabeça e caminha em minha direção, um brilho de lobo em seus olhos. Eu pensei antes que ele era fofo, mas agora eu só quero fugir para encontrar Vlad. Eu tenho um jogo maior para jogar do que fisgar um cara bonito. Eu preciso me assegurar que minha irmã não seja morta.

Stepan para a centímetros de mim e me olha fixamente. — Permita-me escoltá-la para jantar. — Eu dou um passo para longe dele, batendo meu traseiro contra a parede. — Eu... hã...

— Eu estarei escoltando-a para jantar, — uma voz fria e masculina responde. — Vá até o porão e verifique minha Darya.

Stepan endurece e me lança um olhar preocupado antes de se afastar, sem me dar uma segunda olhada enquanto ele sai com raiva. Eu sou deixada olhando diretamente nos olhos frios de Yuri Vasiliev.



Alto, ombros largos e cabelo escuro com mechas cinzas – ele é uma versão mais velha de Vlad, bonito e régio. Mas algo em seus olhos grita violência. Não importa qual monstro Vlad seja, seu pai é um milhão de vezes mais vil.

— Senhor, — eu cumprimento com um sorriso forçado.

Ele se aproxima de mim, seus olhos correndo sobre o meu vestido enquanto ele me avalia. Sem nenhuma expressão sobre o que ele pensa, ele oferece o braço para mim.

— O vestido combina com você. No entanto, eu prefiro o da noite passada.

Um lampejo de memória me invade.

Brilhante e ameaçador.

Uma faca.

Não qualquer faca - a faca curva assustadora de Vlad.

O pequeno corte no meu quadril dói com o pensamento. Eu tinha me perguntado o que tinha acontecido, e agora tudo está inundando de volta. Imagens de Vlad em cima de mim. Pressionado contra mim. Seu pau esfregando contra meu clitóris através de nossas roupas.

Eu gozei.

Meu Deus, eu gozei.

O calor inunda minha garganta e pinta minha carne do que eu imagino ser um vermelho brilhante. Yuri não diz nada enquanto ele me escolta para a sala de jantar. Estou surtando sobre a noite passada quando um novo sentimento explode sobre mim.

Consciência.

Furiosas ondas de raiva pelo ar são tão palpáveis, que faz os pelos no meu braço ficarem em pé. Quando eu levanto os olhos do chão, eu encontro com o olhar âmbar enfurecido de Vlad. Tudo sobre sua postura e expressão afirmam outra coisa, mas eu tenho aprendido a ler seus olhos reveladores.

Seus olhos estão dizendo tudo para mim.

Não dizendo, gritando.

*Fique. Longe. Dele.*

Eu começo a me afastar de Yuri, mas seu aperto fica mais forte.

— Ah, criança, não tão rápido. Nós estamos jogando um jogo. Você gosta de jogos? — Ele vira a cabeça e levanta uma sobrancelha para mim.

— Que tipo de jogo? — eu murmuro.

O calor do olhar de Vlad queima minha carne. Eu quero olhar para ele novamente, mas sou capturada pelo olhar exigente de Yuri.

— Meu jogo. Eles todos são meus jogos, afinal. — Seus lábios levantam de um lado. Este é o mesmo homem que deu uma boa sova na sua adorada Darya. Ele a estuprou também?

Eu endireito minha coluna e levanto meu queixo.

— Eu não quero jogar jogos com você.

— Pakhan, — diz Vlad com frieza. Estou surpresa que ele nos alcançou tão rapidamente.

Yuri sorri para ele de forma educada.

— Filho.

— Permita-me escotar Irina para o assento dela, — Vlad rosna, sua voz um pouco no limite. — Eu insisto.

Seu pai ri. Baixo e mortal.

— Não essa noite, filho. Ela é minha por hoje à noite. — Ele me encara com um sorriso diabólico. — Um homem velho com uma mulher jovem linda em seu braço durante a noite, eu não imaginaria uma maneira melhor que eu gostaria de passar o jantar.

Vlad pisca para mim um olhar de advertência. Algo vislumbra em seus olhos âmbar. Medo. Eu fico impressionada com o vislumbre e quase tropeço quando Yuri me guia até a mesa. Ele puxa uma cadeira e faz um movimento para eu me sentar.

Eu me sento e bebo rapidamente a água na taça. Eu evitarei o vinho. A última coisa que eu preciso é perder a cabeça enquanto estou sob o controle de Yuri Vasiliev. Eu vi o que ele fez com Darya. Maldito seja se ele fizer aquilo comigo. Ele se senta imediatamente enquanto conversa com o pai de Veniamin Vetrov, Yegor. Yegor é tão velho quanto Yuri, mas ele não está em forma como Yuri. Yegor tem uma barriga gigante que se estica contra os botões de sua camisa. Yuri é poderoso e assustador perto de Yegor, que é rechonchudo e respira muito pesadamente. Eu percebo Veniamin se sentando do outro lado da mesa, usando uma expressão conhecida, seu olhar estreito em mim.

Eu sou de repente atingida por uma conclusão horrível.

Ven.

Minha irmã está dormindo com Ven.

Mais velho, e ela o conhece desde sempre. Ele está sempre na casa dos Vasiliev. Como se tivesse adivinhado meus pensamentos, Ven sorri maliciosamente.

Oh, Deus.

Eu me lembro de ser uma criança e vê-los se beijarem no corredor da nossa casa. Na época em que tinha acabado de crescer sua barba e ido à universidade, mas muito velho para estar beijando uma adolescente. Eu fiquei atordoada, mas Diana nunca falou sobre isso novamente.

Porque ele era o segredo dela.

*Merda!*

Isso causará uma guerra. Se minha irmã estiver fodendo Ven enquanto está noiva de Vlad, isso colocará três famílias em guerra, umas com as outras.

A atenção dele se dirige para a porta, e eu sigo seu olhar. Diana entra na sala de jantar usando um sorriso confiante e um cachecol elegante que vai bem com seu vestido preto abraçando todas as suas curvas vultosas. Eu solto um suspiro de alívio percebendo que o chupão está escondido. Anton segue atrás dela, sempre o bom cão de guarda. Ven levanta-se e se pavoneia até eles, fazendo meu estômago se afundar. Quando ele a alcança, ela exhibe rapidamente um sorriso brilhante para ele. Ele pega sua mão e beija o topo dela.

*Merda dupla!*

Por que ela se exibiria descaradamente assim na frente de todos?

Ven tem feito uma lavagem cerebral completa na minha irmã.

Eu começo a me levantar para parar o que quer que esteja acontecendo, mas então todos se sentam. Ven senta de volta à minha frente enquanto Yuri senta à minha esquerda. Vlad senta ao meu lado, e Diana fica em frente a ele com Anton à sua esquerda.

Meus olhos estão colados neles quando Ven coça sua barba escura, flertando com um sorriso paquerador em seu rosto enquanto ele se inclina e sussurra algo para Diana. Ela dá uma risadinha, e me faz ranger os dentes. Eu posso sentir Vlad ao meu lado encarando-os.

*Merda tripla!*

— Senhorita Volkov, — diz Yuri, me assustando. — Você já considerou entrar no próximo V Games? Você certamente tem idade

suficiente. Vlad entrou quando ele era muito mais jovem do que você é agora.

Surpreendida por suas palavras, eu me viro para a esquerda e fico boquiaberta.

— O-o quê? Eu?

Ele encolhe os ombros quando uma empregada coloca um prato fumegante na sua frente. Ela depois serve a mim e ao Vlad, que está envolvido em uma conversa com um homem ao seu lado, antes de se virar para frente. Eu engulo, o cheiro de salmão assado invadindo meus sentidos.

— Eu sei sobre seu pai. Sobre aquele filho bastardo dele, que ele agora prefere sobre suas filhas. Eu sei tudo, querida menina. Como você agora conta com os Vasiliev para garantir seu futuro e bem-estar. Estou incorreto?

Eu endureço, mas não respondo. Eu olho para o salmão parecendo delicioso e tento não fraquejar com as palavras de Yuri.

— Eu poderia treiná-la... — ele murmura baixinho.

Sacudindo minha cabeça na direção dele, eu olho feio para ele. — Como você treinou Darya?

Ele sorri maliciosamente, ignorando meu tom cortante.

— Não, Darya é boa para uma foda violenta. Ela grita, e nossa, ela grita alto. Aqueles gritos atrairão até mesmo o mais focado dos lutadores. — Ele se inclina para frente e corre a ponta do dedo ao longo do meu braço. — Mas você é muito forte e inteligente para isso. Meninas brilhantes que conseguem administrar os negócios de seus papais com os olhos fechados, merecem ser jogadoras muito maiores do que aquelas que deitam de costas com as pernas abertas.

— Não, obrigada. — Nivel o seu olhar duramente.

— Veremos.

Eu dou as costas para ele e pego meu garfo. Estou prestes a comer um pedaço quando vejo Diana olhando irritada para Yuri.

— Irina é muito valiosa para se arriscar no The Games, — ela responde, ouvindo nossa conversa apesar de flertar com o seu amante. — Nosso pai pode estar encantado no momento com seu filho recém-descoberto, mas ele sempre foi um homem inconstante. Seu amor por nós não mudou, e ele sempre soube que ativos, como nós, não podem ser arriscados dentro do depravado The Games.

Os olhos de Yuri iluminam-se com fogo. Sua mandíbula aperta como se ele mal fosse capaz de impedir as palavras cruéis e descontroladas de vomitar de sua boca.

Vika morde um morango que ela arrancou de sua taça de champanhe e pergunta enquanto mastiga:

— Se vocês são amadas tanto por ele, então, por que ele cortou vocês dos negócios? — O brilho nos olhos de Vika, como se ela ganhasse um prêmio, faz-me querer enfiar meu garfo nela.

Como ela pode saber qualquer coisa sobre isso?

Diana bufa, um sorriso nos lábios.

— Vika, quem enche sua cabeça com essas coisas? É verdade que a dinâmica mudou, mas nosso pai nos treinou. Ele nos preparou para o mundo implacável e eu estive administrando o negócio há muito tempo. Durante este tempo, as ações foram transferidas para meu próprio nome. Volkov Spirits é uma empresa que Irina e eu construímos desde o zero. Ele pode ter o resto para passar para Vas, se isso for o que ele escolher, mas a Volkov Spirits é e sempre será nossa.

Meu coração martela no meu peito.

Vika se transforma numa cor rosa e engole o resto de sua bebida em um só gole. No momento que eu penso que ela vai se calar, ela fala novamente:

— Muitas famílias enviam seus filhos para o The Games. É uma honra e um sinal de força. Por quase uma década, desde que o The Games tem estado por aí, tem sido assim. A maioria dos jovens sentados nesta mesa, como meu irmão, entrou no The Games como um rito de passagem para a idade adulta - para liderar suas famílias. Você está dizendo que sua família é melhor do que o resto de nós? Por quê? Porque você é uma mulher?

Ela é mesmo uma puta. Por que ela sempre tem que criar conflito?

— Eu não estou dizendo isso de jeito nenhum, — Diana responde com uma elevação de seu queixo. — Eu estou dizendo que *nós* não precisamos provar o nosso valor dessa maneira. Mulher ou não.

— Ela é uma mulher de negócios. Eu gosto disso, — diz Ven com um sorriso, alegremente dando um puxão no cachecol de Diana. O flerte descarado deles vai matá-la até o fim da noite. Antes de perder minha coragem, eu faço algo que não posso voltar atrás:

Eu faço minha jogada.

# Capítulo Quatorze

## Vlad

Minha atenção está oscilando na cena diante de mim enquanto Arkady Orlov fala sem parar ao meu lado sobre um novo fornecedor de cocaína. Os Orlovs são os maiores traficantes de drogas deste lado da Rússia. Eu estive querendo roubar um pedaço do mercado deles e os tenho observado de perto.

Exceto agora.

Agora eu estou vendo minha noiva e Ven fazendo de tolo o nome Vasiliev enquanto eles praticamente brincam de insinuações na mesa da sala de jantar, na frente de todos. Eu a acusei disso, mas parece óbvio que ele está transando com ela.

Todos os pensamentos sobre os Orlov e cocaína e assassinato se dissipam quando um pé cutuca o meu. No começo, eu acho que Irina acidentalmente tocou meu pé, mas quando olho para ela, suas bochechas estão rosadas quando ela faz isso de novo. Um pé descalço desliza para cima em meu tornozelo e divertidamente esfrega o lado da minha perna. Meu pau responde com uma sacudida.

— Irina, — eu rosno em voz baixa.

Ela olha para mim de debaixo dos fortemente escurecidos cílios com rímel e sorri. Tão inocente. Um pequeno anjo flertando com o diabo. Menina safada. Safada, menina safada.

— Eu quero pintar você.

Eu olho para ela com confusão. Em uma frase simples, ela abalou meu mundo inteiro. Eu deixo minha máscara escorregar e me entrego a essa pequena princesa.

— Hã?

Ela assente com a cabeça, colocando uma mecha loira atrás da orelha. Seus dedos dos pés continuam divertidamente a me provocar debaixo da mesa e meu pau se estica na minha calça. Poderia muito bem ser apenas ela e eu nesta sala. Ninguém mais importa. Nem Diana. Nem o casamento. Nem o nome Vasiliev ou meu terrível Pakhan.

Apenas Shadow, brilhante como o sol.

— Por quê? — eu pergunto, curioso de seus flertes repentinos.

Ela dá de ombros.

— Porque você é algo bonito. Eu gosto de pintar coisas bonitas. — Não sinto decepção em suas palavras. Apenas honestidade, juro por Deus.

— Talvez um dia, — digo a ela, virando a cabeça em direção ao som do riso de Diana.

Uma perna esguia se engancha sobre a minha embaixo da toalha da mesa e eu puxo rapidamente minha cabeça de volta para Irina. Seus olhos azuis gélidos brilham com determinação. Lábios carnudos que foram pintados de vermelho sedutor se separam e me seduzem. Estes lábios foram meus esta tarde. Eu os possuí e brinquei com eles. Eu os terei novamente. Saber que ela está aberta debaixo da mesa me deixa louco de luxúria. Deslizando minha mão sob o pano, eu espalmo sua coxa nua acima do joelho, enganchada sobre a minha perna. Ela estremece, mas não se afasta.

— Por que a mudança repentina de atitude? — eu pergunto e como um pedaço de salmão com a minha mão livre.

Ela imita minha ação e engasga levemente quando eu acaricio sua carne sedosa.

— Eu tenho necessidades, — ela afirma sem rodeios.

Eu mastigo lentamente e a encaro. Ela está maravilhosa hoje à noite com um simples, mas curto vestido preto, que mostra o quão impressionante ela é. Eu quase perdi a noção ao vê-la ao lado do meu pai mais cedo. Se não fosse causar uma cena, eu a teria arrancado do lado dele e a jogado por cima do meu ombro como um maldito homem das cavernas. Eu ainda estou tentado a fazer exatamente isso

— Eu poderia atender a essas necessidades, — eu murmuro, minha mão deslizando lentamente pela sua coxa nua.

Sua respiração prende e ela treme.

— Vlad. — O lamento carente de sua voz me deixa cego de luxúria. Eu nunca desejei tanto algo em toda a minha vida.

Eu vou foder a pequena e doce Irina. A ideia quase rouba o ar dos meus pulmões. Eu disse a mim mesmo não. Comprometi-me com a ideia de casar com Diana e não pegar o que eu realmente quero. Mas depois de me sentar durante um jantar com Diana rindo e tocando Ven a cada poucos segundos, eu decidi que não devo a ela merda nenhuma, e o que ela não sabe não pode machucá-la de nenhum jeito. Certo?

Ah, a doce pequena Irina gozará para mim. Ela abrirá suas coxas leitosas e eu explorarei os tesouros que nenhum homem jamais viu ou tocou antes.

*Não se preocupe, Shadow, você terá o que você tão desesperadamente anseia.*

Isso é um fato.

Ela deve saber disso neste momento.

Está acontecendo.

— Sua irmã está assistindo, — eu provoco, desafiando-a por uma reação.

Suas sobrancelhas franzem e ela rapidamente olha para Diana. Ela sorri para sua irmã até eu deslizar minha palma mais acima em sua coxa, roubando aquele sorriso direto de seu rosto.

O jantar continua, e eu mantenho minha palma firmemente presa a ela. Aposto que sua calcinha está pingando de desejo. Estou com vontade de provar sua excitação.

Assim que ela termina, ela toca meu biceps.

— Eu gostaria de pintar você. — Fogo brilha em seu olhar. — Agora.

Eu levanto uma sobrancelha com a pergunta. — Agora?

— Agora, — ela repete.

— Pintar? — O Pakhan indaga ao lado dela.

— Um presente de casamento para Diana, — Irina diz impecavelmente, a mentira imperceptível para qualquer um além de mim. Ela se desembaraça de mim e se levanta.

— Com licença.

— Seu estúdio não está pronto, — eu digo a ela, — mas eu sei de um lugar.

Eu me levanto e ofereço a meu pai um aceno de cabeça. Diana está muito absorvida no que Ven está dizendo para perceber que eu estou saindo para colocar meu pau dentro de sua irmã. Irina corre da sala de jantar, seu vestido preto balançando em volta dela. Eu a persigo como se ela fosse minha presa. Assim que ela entra no corredor, ela tira os sapatos e dispara em uma corrida. Leva um momento para minha mente se dar conta do fato de que ela está fugindo de mim.

A perseguição é sempre minha parte favorita.



Eu a agarrarei.

Eu não perco tempo e corro atrás dela. Pode estar muito frio na Rússia, mas eu ainda corro pelo menos treze quilômetros por dia numa esteira. Dentro de casa. Onde está quente. Ela nunca vai escapar de mim. Eu ouço uma porta bater. Ela entrou na ala do meu pai na casa. Minha doce pequena Irina tem sorte de eu estar aqui para protegê-la. Ser deixada sozinha no covil do papai é um lugar horrível para se estar.

Eu empurro para abrir a porta para a saleta do Pakhan, e a encontro com as costas contra uma estante de livros. Chutando a porta atrás de mim, eu vagueio em sua direção. Seus olhos azuis estão arregalados e assustados, fazendo meu coração acelerar com entusiasmo.

— Vlad, — ela começa, sua voz rouca e aterrorizada.

— Shhh. — Eu ando diretamente para ela e agarro seu pescoço delicado na minha mão - a mesma mão que estava dentro do vestido dela há pouco. Seus sapatos caem no chão de madeira com um estrondo. — Você não pode provocar um leão e esperar não ser comida.

Ela grita quando eu a prendo na estante de livros e ataco sua boca com a minha. Meu polegar golpeia o lado de seu pescoço, revelando no caminho como sua pulsação fica selvagem sob meu toque. No começo, o beijo dela é desajeitado e inseguro, mas depois ela está arranhando as lapelas do meu paletó. Eu abandono meu agarre em sua garganta para tocá-la em outros lugares. Minhas palmas deslizam ao longo de suas costelas, depois deslizam em torno de sua bunda. Eu a levanto e gemo quando ela abre suas pernas esbeltas para me permitir onde nós dois sabemos que eu preciso estar.

Meu pau está dolorosamente duro, e eu o aperto contra o seu centro suave enquanto mordisco seu lábio. Seu gemido é necessitado. Um doce implorar. — Você se lembra da noite passada agora?

Ela geme novamente. — Sim.

— Seu corpo é tão receptivo. Você quer isso, Irina. Você me quer para destruir cada parte de você. Você vai amar.

Ela balança a cabeça, deslizando os dedos no meu cabelo. Seu aperto fica mais forte em volta dos meus cachos grossos enquanto ela aprofunda nosso beijo. Nós dois lutamos desesperadamente para ter a vantagem, e diabos se ela não está vencendo. Eu estou consumido pelo desejo de tê-la. Empurro contra ela, ansioso para vê-la desmoronar novamente por minha causa. A menina má perde o controle e balança comigo em antecipação de sua liberação. Eu puxo uma mão de sua bunda perfeita para agarrar seus peitos empinados através do vestido. Os sons vindos dela são selvagens e enlouquecidos.

— Eu vou te foder, — eu rosno, meus dentes mordendo seu lábio, depois o queixo. Ela grita quando eu mordo sua garganta. Eu movo minha boca para perto da orelha e mordisco a pele ali também. — Eu vou te foder bem aqui contra os livros do meu pai.

Ela choraminga, minhas palavras enviando-a ao limite. Seu corpo se estilhaça com um orgasmo. Se ela goza tão facilmente apenas com uma pequena esfregada, eu mal posso esperar para assistir ela perder a cabeça quando eu usar minha língua.

Antes que ela desça de seu êxtase, eu deslizo minha mão entre nós e encontro sua calcinha. Molhada. Encharcada. Ela está tão quente para mim, ela está fazendo uma bagunça. Isso me deixa louco. Eu tiro sua calcinha para o lado, e um som sufocado escapa dela.

— Vlad... eu... isso não é... eu estou... nós não podemos fazer isso.

Eu arranco meu cinto, depois abro minha calça. Ela está ofegante e se contorcendo, mas não tentando fugir. Quando eu libero meu pau grosso e dolorido, e o esfrego contra seu clitóris, ela dá um pulo em meus braços. — Então me diga não, — eu imploro, minha boca um sussurro sobre a dela.

— Vlad... — ela geme. — Não, por favor. — Seus lamentos são carentes. Ela diz o que seu coração grita para ela dizer que não vai trair sua irmã, mas seu corpo implora pelo oposto.

Ela quer que eu seja o cara mau.

É muito bom porque que eu aprecio pra caralho esta ideia.

— Não volte atrás agora, pequena sombra, — eu ameaço, meus dentes beliscando seu lábio inchado. — Você começou isso, e agora, você vai terminar.

Seus dedos esfregam meu couro cabeludo e ela assente, mas sussurra as palavras:

— Não, nós não podemos.

— Claro que podemos, — eu rosno. — E nós vamos.

Eu beijo sua boca para abafar seus gritos enquanto deslizo minha ponta para sua abertura apertada e a empalo com um rápido impulso violento, que faz os livros caírem da estante ao nosso lado.

Apertada.

Porra, minha doce pequena virgem é apertada.

Sua boceta sufoca meu pau. É a boceta dela que é a sádica, não eu. Ela é a única me sufocando neste momento, e tudo o que eu posso

fazer é deixá-la me matar lentamente com prazer. Ela é a melhor coisa na qual eu já afundei meu pau.

— Ai! — ela grita, seus dedos puxando meu cabelo. — Nós não podemos fazer isso. — Suas palavras estão ofegantes e suas mãos me dão um puxão, trazendo-me mais perto, contradizendo as palavras escorregando de sua língua.

É lindo, a batalha do que o coração dela implora e o corpo dita.

Eu lentamente puxo para fora, em seguida, enfio meu pau dentro dela novamente. Um gemido alto e feio sai dela, então eu a silencio com outro beijo. A perda de virgindade nunca é um evento prazeroso. Pelo menos não para a mulher. Ela ficará dolorida por dias e se lembrará de como eu tomei posse de seu corpo de dentro para fora. Como o próprio diabo enviado para invadir sua alma.

— Vlad, — ela clama, — por favor. — Ela choraminga. — Nós não podemos.

— Mas nós estamos fazendo, — eu a lembro, batendo forte dentro dela, ressaltando meu argumento.

Eu a fodo forte e rápido, beijando sua boca perfeita.

— Vlad, — ela implora de novo. — Oh, Deus.

— Eu sei, pequena. Eu sei. Deixe-me possuir você.

Seu aperto no meu cabelo diminui e ela desliza suas palmas para os lados do meu pescoço. Ela relaxa um pouco, e meu peito enche com orgulho que ela confia em mim para cuidar dela. Eu balanço meus quadris dentro dela, certificando-me de esfregar contra seu clitóris sensível com cada impulso. Sua boceta está pingando de seu último orgasmo, dando-me toda a lubrificação que eu preciso para deslizar para dentro e para fora facilmente. Ela vai de tentando se afastar, a se agarrar em mim como se eu fosse um bote salva-vidas.

— Vlad...

— Tão perfeita, — eu suspiro contra sua boca. — Tão minha.

Seu corpo treme e estremece, mas sei que ela não gozará assim. Não em sua primeira vez. Então eu a fodo forte e gostoso. Em breve, eu levarei horas extraindo prazer dela. Quando ela puder desfrutar completamente tudo sem dor.

E depois...

Depois eu a levarei para o meu mundo escuro, onde a dor é o rei durante o prazer. Ela governa com um punho de ferro. E o prazer se

curva à vontade da dor. Eu mostrarei a ela meu reino. Ela será minha rainha.

Eu solto um grunhido quando minhas bolas se contraem com o meu orgasmo. É um grande teste para a minha força de vontade, mas eu consigo deslizar para fora dela e jorrar minha semente contra sua barriga. Nós dois estamos respirando pesadamente, e ela se agarra a mim como se nunca quisesse me deixar ir.

Por causa daqueles em nosso mundo, ela será forçada a me deixar ir e em breve.

Mas bem aqui, nesta sala, ela pode me ter. Tudo de mim. *O verdadeiro eu.*

Eu roço meu nariz ao longo do dela, depois inclino minha testa contra a dela. — Irina.

— Vlad, — ela sussurra.

— Você é perigosa para mim, — eu admito, minha voz rouca e áspera.

— Você vai sobreviver, — ela provoca.

Afastando-me, eu olho dentro de seus olhos cintilantes. Uma emoção profunda brilha neles - uma que eu tenho visto vir à tona ao longo dos anos quando ela olha para mim. Uma que foi mais forte esta tarde, quando nos beijamos. Um olhar que agora quase me derruba.

Caindo.

Ela está caindo tão forte.

Eu a apanharei.

— Ninguém pode saber. — eu odeio ter que arruinar esse momento com a verdade.

Seu lábio treme.

— *Eu sei.*

— Eu também. Nós somos os *únicos* que sabem.

Eu me afasto e a coloco de pé. Seu corpo inteiro treme quando seu vestido cai no lugar, meu esperma criando um local úmido onde está seu estômago. Isso fala ao meu animal interior. Pensamentos possessivos e esmagadores me dominam.

Minha, porra.

O pequeno sol chamado Shadow é minha.

— Vlad? — Sua voz é suave e insegura.

— Sim, solntce moyo?

Ela me encara com uma expressão suave.

— Eu ainda quero pintar você.

Meu peito se abre, e eu deixo essa garota entrar. Eu sei que é tolice. Todo mundo que eu deixo entrar, ou morre, ou me trai, ou me deixa. E ainda assim...

— Você irá, — eu lhe garanto. — Vamos lá. Eu não terminei com você ainda.

Eu não acho que alguma vez, irei conseguir parar com ela.

\*\*\*

Os acontecimentos do dia me desgastam e me encontro flutuando para o sono na poltrona do novo quarto de Irina. Ela está lá dentro em seu banheiro pelo que parece uma eternidade. Eu adormeço até sua voz suave me despertar.

— Vlad?

— Mmm?

— Você pode tirar o paletó?

Eu pisco para abrir os olhos, para encontrá-la sentada no chão na minha frente. Seus cavaletes ainda devem estar embalados, mas eu posso ver para onde ela arrastou os itens das sacolas e os espalhou ao redor dela. Tintas e pincéis. Uma tela em branco. Seu cabelo molhado está enrolado em um coque bagunçado e seu rosto está sem maquiagem. Sardas que geralmente estão escondidas pela maquiagem fazem sua aparição, lembrando-me de quando ela era mais jovem.

— Você é linda, — eu murmuro.

Ela sorri para mim.

— Obrigada. Agora fique nu.

— Nu? — Eu rio de sua ousadia, mas me levanto. Ela está tão linda com uma regata preta e apertada, legging preta. Seus pés estão nus e eu tenho o desejo de beijá-los. Nunca em minha vida eu tive vontade de beijar os pés de alguém. Mas com seus dedinhos pintados se remexendo, eu estou achando que beijar seus pés soa realmente muito tentador.

Puxando meu paletó, eu o penduro no encosto da minha cadeira. Suas sobrancelhas estão franzidas enquanto ela me observa. Eu dedilho entre os botões do meu colete e o solto junto com minha gravata. Eu lentamente desabotoo minha camisa, apreciando o jeito faminto que ela está me olhando.

— Como está sua boceta? — eu pergunto.

Suas bochechas queimam um vermelho brilhante.

— Bem.

Eu dou uma risada abafada e deslizo a camisa dos meus ombros. Quando eu arranco a regata, eu a encaro com uma sobrancelha levantada.

— Quer que eu continue?

Ela engole em seco e assente com a cabeça.

— Eu sei o que quero pintar. Continue.

Divertido, eu desato o cinto e envio minhas calças para o chão, saindo delas e dos meus sapatos. Ela aponta para minhas meias e eu rio. Quando eu começo a tirar minha cueca boxer preta, ela me para.

— Deixe-a e sente-se de volta. Você pode voltar a dormir se quiser. — Seu constrangimento desaparece quando ela se ocupa com suas pinturas.

— Eu tinha certeza que você queria pintar meu pau, — eu provoco.

Ela solta uma risada.

— Típico macho. Não se trata só de pênis. É sobre a forma masculina. — Sua pele cora. — Não de qualquer homem. Você.

Eu me acomodo na cadeira e estico minhas pernas. Vendo seu olhar tão adorável em seu ambiente, meu pau se endurece de novo.

— Veja isto, — diz ela brincando, — mantenha essa coisa sob controle. Eu tenho um homem para pintar.

Eu rio. É verdadeiro e incomum para mim. Ela me faz sentir livre, aliviado e jovem. Ela me faz sentir como um homem e um garoto, tudo em um. Eu nunca tinha me sentido tão relaxado em torno de outra pessoa antes. Eu tirei minha roupa, mas é ela que me faz sentir nu. Como se eu estivesse desnudando não apenas minha pele e meu corpo, mas também minha alma.

Eu coço o lado do meu maxilar e olho fixamente para ela. Ela é linda quando pinta. Seus olhos parecem ficar vidrados quando ela vê

partes do mundo que ninguém mais vê. Eu me encontro extasiado em seu olhar. Depois de um pouco de sua pintura silenciosa, eu começo a adormecer novamente.

— Vlad?

— Mmmm? — Eu não abro meus olhos.

— Continue fazendo o que você está fazendo.

O que *estou* fazendo?

Os sons de sua respiração leve me embalam para dormir e os sonhos dela me bombardeiam enquanto eu flutuo mais fundo para o desconhecido. Essa coisa entre nós não durará - não pode - mas eu quero. Com tudo o que sou.

*Continuar fazendo o que estou fazendo?*

Isso não será um problema.

Mesmo que eu tenha que continuar *fazendo* em segredo.

# Capítulo Quinze

## Irina

Eu acordo enterrada sob uma montanha de cobertores. Bocejo enquanto empurro os cobertores para longe e estreito os olhos para o sol da manhã. Eu olho para a cadeira no meu quarto, mas Vlad não está mais lá. Vagamente, eu me lembro de ele me carregar para a cama depois que adormeci.

Tudo dói.

Eu me sinto machucada e usada.

Mas também me sinto bem.

Minha boceta dói, mas me sinto triunfante. Eu fiz isso. Eu consegui distrair e fazer o grande Vlad Vasiliev me foder para que ele não matasse minha irmã. Fácil. Eu sou um gênio.

Exceto agora, eu sinto como se tivesse tornado as coisas dez vezes mais complicadas. Claro, eu permiti que minha irmã dormisse com Ven sem interrupção ao distrair seu noivo para tirar minha virgindade, e se isso não for errado, eu não sei o que é.

Eu saio da minha cama e corro para minha pintura. Está grosseira e bagunçada, mas eu adoro. Vlad, adormecido e vulnerável. Eu nunca tinha visto nada mais bonito, exceto a coisa real, claro. Eu poderia olhar para ele assim por horas.

*Bang! Bang! Bang!*

— Irina, — Diana grita do outro lado da porta. Só então eu percebo que ela está fechada e trancada. Eu não entrei em pânico. Eu me senti segura ontem à noite. O pensamento é surpreendente, e eu o guardo para refletir mais tarde.

— Estou indo! — Eu empurro a tela para debaixo da cama e corro até a porta.

Quando eu a abro, ela é uma imagem da perfeição. Ela não usa mais um cachecol, mas ela cobriu sua mordida de amor com maquiagem. — Bom dia, dorminhoca. Você sabe que horas são?

Eu encolho os ombros.



— Não. Por quê?

— Não é do seu feitio dormir o dia todo. Especialmente com toda esta barulheira acontecendo no corredor.

Ela suspira e me encara. — Obrigada.

Levanto minhas sobrancelhas. — Pelo o quê?

— Por distrair Vlad. Eu sabia que você estava tentando me proteger. Eu tenho sido descuidada, e lamento que você sentiu que precisava tratar das coisas. Obrigada por distraí-lo. — Ela olha em volta e avista as tintas no chão. — Yuri disse que você estava pintando Vlad para mim. Onde está a pintura?

— Ah, ele a levou. Você não pode ver seu presente de casamento antecipado, — eu digo com exasperação. Eu rapidamente mudo de assunto. — Você fez...?

Ela pisca lentamente e sorri.

— Nós aproveitamos a oportunidade roubada, sim. Fizemos amor e depois eu o mandei embora do meu quarto antes que alguém notasse. — Ela brinca com uma mecha de cabelo desarrumado que se soltou do meu coque. — Um dia, você entenderá qual é a sensação de fazer sexo. É diferente de tudo que você alguma vez vá vivenciar.

Ah, eu sei...

— Parece interessante, — eu murmuro.

— Dói no começo, — ela me diz, suas sobrancelhas baixas. — Minha primeira vez, eu chorei. Muito. — Ela estremece, e por um breve momento, minha irmã parece esgotada. Quebrada e deprimida. Eu odeio o olhar dela. Esta não é a minha Diana. — Mas você aprende a amar isto. É como se ele estivesse dentro de sua mente e morasse lá. Ele diz todas as coisas certas que cantam para o seu coração. — Ela suspira. — O amor é doloroso às vezes.

— Diana, — eu começo, mas as palavras falham. — Eu só quero que você seja feliz.

As narinas dela se dilatam e ela franze a testa.

— A felicidade não está com Vlad Vasiliev. Eu sabia disso quando concordei em casar com ele. — eu noto a amargura em seu tom. É tão estranho para mim, porque eu sinto o contrário. Ontem à noite, Vlad revelou uma nova parte de mim. Aquelas horas depois de termos feito sexo e eu o pinte, eu me senti mais perto dele do que eu já me senti com alguém. Até mesmo Diana.

— Eu acho que a felicidade pode ser encontrada com Vlad, — eu murmuro, minhas palavras mais para mim do que para ela.

— Você tem muito a aprender, Shadow. — Ela me beija na cabeça e se volta para a porta. — Eu quero te encontrar mais tarde. Temos de fazer um novo plano de jogo agora que o Pakhan estragou tudo.

— Claro. Nós vamos dar um jeito, — eu lhe asseguro.

Ela sorri, mas não alcança seus olhos, e então ela se foi. Assim que ela sai, eu entro no banheiro e olho para o meu reflexo. Eu sou uma pessoa horrível. Mentindo para minha irmã. Fodendo seu noivo nas costas dela. Argh. Eu retiro minha regata. Talvez um banho limpará esse sentimento sujo. Quando percebo a tinta no meu abdômen, eu ofego.

### **Minha.**

Tinta preta.

Escrita bonita e precisa.

Eu corro meus dedos pelas letras e não consigo lutar contra o sorriso nos meus lábios. Este jogo que Vlad e eu estamos jogando... eu gosto dele. Eu gosto muito dele.

Ao contrário do recente V Games, eu simplesmente espero que um Volkov não perca para um Vasiliev.

Algo me diz que garotas bobas esperançosas não deveriam estar brincando com violentos homens autoritários.

Talvez em alguns jogos haja dois vencedores...

Eu aperto minhas coxas e estremeço com a dor persistente.

Talvez não.

\*\*\*

Há uma atmosfera diferente por aqui hoje. Mas eu não tenho certeza se é porque eu me sinto diferente - mais como uma mulher, ainda assim o sentimento frívolo de ser uma garota também. É diferente. Eu entro na cozinha para encontrar Vika e Vlad em uma discussão acalorada. Diana está de pé, com os braços cruzados em seu peito e um olhar de aborrecimento em seus belos lábios franzidos.

— O que está acontecendo? — eu pergunto a ela com um tom silencioso, me movendo para o lado dela.

— Vika sendo uma criança petulante como de costume, — ela sibila.

Eu olho de volta para os dois. A pulsação de Vlad vibra em seu pescoço e sua mandíbula está cerrada. Seus olhos são fogo e enxofre enquanto ele olha para sua irmã. Ela parece perceber que está cutucando um tigre em sua própria jaula e murcha.

— Tudo bem, — ela cede com uma bufada exasperada. — Eu irei. Diana pode me acompanhar. — Ela gira seu sorriso doentio em nossa direção, e Diana sorri firmemente de volta para ela. — Nós iremos ser irmãs, afinal de contas.

— Claro, eu adoraria ajudar a escolher o seu vestido, — diz Diana docemente. — Talvez eu possa comprar um para mim enquanto estivermos lá.

Imagens de Diana usando um vestido de noiva em pé ao lado de Vlad aparecem em minha mente e eu murcho por dentro. Uma flor moribunda faminta de luz. Ela será uma noiva linda.

— É uma viagem longa, então arrume uma mala para pernoite, — Vika diz a Diana saindo da cozinha, jogando seu cachecol sobre o ombro e me batendo no rosto com ele. Cadela.

— Perfeito, — Diana bufa, seguindo a saída de Vika.

Eu observo a porta fechar suavemente atrás dela, depois viro meu olhar para Vlad que está olhando de volta para mim, uma fome feroz em seus olhos.

Estamos sozinhos.

Estar sozinha com ele faz minha pele se aquecer e meu corpo queimar de dentro para fora.

— Como você dormiu? — ele pergunta, uma rouquidão em sua garganta sinalizando o efeito igual que eu tenho sobre ele. Minha cabeça flutua e calor se espalha pelo meu estômago, se concentrando no meu núcleo.

— Bem, obrigada, — eu respondo, meus nervos me sacudindo. — Céus, eu estou morrendo de fome. Você gostaria de tomar um café da manhã? Quer que eu te prepare alguma coisa? — eu escapo da sua proximidade e corro até geladeira. Minhas pernas parecem pesadas, como se eu estivesse arrastando pesos de chumbo pelo lugar.

Seus sapatos chamam através do piso atrás de mim, sinalizando sua aproximação. — É meio dia, Irina, — ele diz mansamente, um rosnado rouco retumbando através dele. — Mas sim, eu poderia comer.

— Com isso, ele bloqueia o caminho entre mim e a geladeira, me agarra por baixo dos braços e me senta na beira do balcão.

— Vlad! — eu dou um grito sussurrado, colocando minhas mãos em seus ombros para afastá-lo. A força dele não é páreo para mim. Ele força minhas pernas a se separarem e se encaixa entre elas.

— Diana poderia voltar! — eu digo desesperadamente.

Ignorando minha preocupação, ele bate no balcão em cada lado das minhas pernas.

— Deite de costas, — ele instrui. Enquanto eu fico boquiaberta com ele, ele empurra meu vestido até minhas coxas e começa a puxar minha calcinha para baixo. Usar vestidos nunca foi minha praia, mas devo dizer que eles têm sido extremamente convenientes ultimamente. Eu retiro tudo de negativo que eu já pensei sobre eles.

Meu coração martela dentro do meu peito e minha cabeça flutua com o desejo, medo e excitação, tudo em um só. Ele levanta meus pés e os coloca na beira do balcão, abrindo-me para seus olhos devorarem. Minha calcinha é enfiada dentro de seu bolso para ser guardada. Sinto a vergonha me atravessar, mas é substituída por um gemido quando ele abaixa a cabeça e me beija entre as minhas coxas. Eu suspiro e desmorono de costas sobre o balcão, a superfície fria penetrando minha carne febril através do tecido do meu vestido.

Oh, Deus.

Sua boca gananciosa. Sua língua quente e lisa. Suas poderosas mãos vagando.

Demais.

Ele se banqueteia em mim, como se eu fosse um buffet preparado só para ele. E eu sou. Só. Para. Ele. Lambidas quentes de sua língua percorrem o comprimento dos meus lábios, separando-os e encontrando o clitóris pulsando escondido dentro.

Eu agarro o lado do balcão para me ancorar. Eu sinto como se eu estivesse flutuando em uma nuvem de êxtase. Todos os homens fazem isso? Isso é sempre assim tão bom?

Minhas costas arqueiam quando ele chupa meu clitóris. Eu sinto um turbilhão se construindo em meu estômago e calor se espalhando por todo o meu corpo em ondas. Algo cutuca a minha abertura, e então eu estou cheia com o que acredito ser o dedo dele. Dói e é prazeroso ao mesmo tempo. Estou voando. Eu vou desmoronar bem aqui no balcão da cozinha.

Eu me assusto quando a porta da cozinha se abre e uma voz masculina engasga:

— Blyad, prostitu, gospodin. — *Porra, desculpa, senhor.*

Eu me apresso para sentar e empurro freneticamente meu vestido para baixo, para esconder o que nós estivemos fazendo. Vlad olha para mim ferozmente, um brilho dos meus sucos cobrindo sua boca.

Ele é o caçador e eu sou a presa.

Vlad murmura um pedido feito apenas para eu ouvir. — *Zakroy svoi glaza, solntce moyo.* — *Feche seus olhos, meu sol.*

Minhas entranhas se contraem de preocupação e eu não consigo fazer o que ele pede. Em vez disso, eu assisto com horror cheio de culpa quando ele vai até o homem que recua, sabendo que ele entrou em algo do qual não sairá.

— Vlad, — ele implora, mas Vlad é rápido, silencioso e o mais mortal quanto possível. Seu braço dispara, aterrando um punho fechado na garganta do homem. O homem arfa em choque e agarra a laringe, fazendo um som sibilante. Os olhos dele estão arregalados e em pânico. Vlad o contorna, deslizando algo do bolso e apertando um braço ao redor do homem, colocando-o em uma chave de braço.

Espetadas rápidas e eficientes no pescoço, o objeto brilha quando capta a luz. É uma faca. Não aquela com ponta em forma de anzol. Uma diferente - uma com o seu brasão gravado nela. A águia imperial de duas cabeças. O homem cai em seus braços, sangue jorrando dos ferimentos no pescoço dele.

Normalmente impassíveis, seus olhos calmos resplandecem com selvageria. A expressão de Vlad está enlouquecida por um momento antes de ele piscar e soltar o homem. Ele cai no chão com um baque, o sangue fazendo uma poça ao redor dele.

Eu olho por um segundo até pensar que vou passar mal. Bile sobe para minha garganta e eu pulo do balcão para correr para a pia. Eu vomito, e as lágrimas brotam dos meus olhos. Eu já vi homens mortos antes - inferno, até mulheres pela mão de Vlad, por incrível que pareça - mas isso não foi por causa de algo que eles fizeram. Isso foi por algo que nós fazíamos. Eu fazia. Ele estava protegendo a nós - as coisas terríveis que nós estávamos fazendo. Que significa que eu sou um monstro também.

— Irina, — diz Vlad, sua voz calma e serena. Dedos correm para baixo em minha espinha, oferecendo-me conforto. — Ele tem a língua solta. Ele teria falado. — Ele continua me acariciando, e eu me pergunto se ele está manchando de sangue toda a minha roupa.

Eu estremeço e aceno com a cabeça, esfregando a mão na minha boca.

— Eu sei, — digo a ele, porque eu realmente sei. Eu lavo rapidamente as mãos, mas não limpa a sujeira que sinto por toda parte neste momento.

— Vá ajudar Diana a fazer a mala para esta noite, — ele pede, seu tom suave e gentil. É difícil chegar a um acordo com quem está me tocando e quem esfaqueou um homem até a morte segundos atrás. — Eu pedirei para levarem comida para você quando eu tiver limpado esta bagunça.

— Ok, — eu consigo falar, depois saio da pia para ir embora, meu corpo tremendo violentamente.

Sua mão agarra a minha antes de eu conseguir ir muito longe. O calor e conforto que ele proporciona com seu toque forte me restabelece. A tremedeira abranda quando seus dedos traçam sobre minha palma. Ele olha para mim, seus olhos fazendo promessas que eu de algum modo entendo até um nível celular.

O que está acontecendo entre nós é incontrolável.

Um casamento arranjado. Sua irmã intrometida e malcriada. Um provável homem de língua solta.

Nada apagará o que tem começado a se enfiar entre nós. Um inferno. Uma explosão feroz de proporções épicas.

*Nós somos o sol.*

Isso não é apenas luxúria tomando conta de nós. Isso é muito mais. Algo que precisa ser protegido e guardado de todos os outros.

Nossos dedos dançam uns com os outros antes de nossa conexão se romper. Com olhos lacrimejantes, mas com uma nova determinação, eu empurro as portas e permito que ele faça o que faz melhor.

Assumir o controle. Lidar com as coisas. Fazer jogadas que garantam que ele vença.

E desta vez, eu espero que ele vença porque nós estamos no mesmo time.

# Capítulo Dezesseis

## Vlad

Stepan entra na cozinha cinco minutos depois que eu liguei para ele. Ele olha para um dos lacaios do meu pai e levanta uma sobrancelha interrogativa. Não é seu trabalho me questionar, então eu ignoro seu pedido não dito e digo a ele para cuidar disso.

Deixando-o com isso, vou para o meu escritório. Eu fui imprudente e tolo ao tomar Irina daquele jeito às claras, mas ao vê-la corada do sono e saber que meu cheiro ficara persistente em sua pele da noite passada, foi muito tentador. Havia tantas coisas que eu queria ter feito com ela que eu não tive tempo na noite passada, meus desejos me ultrapassaram, e pela primeira vez, eu os permiti.

Eu sento atrás da minha mesa e busco os monitores da câmera para a cozinha. Eu volto atrás no vídeo e deleto a indiscrição gravada. Problema resolvido.

Suspirando, eu me inclino para trás na cadeira e aprecio seu sabor ainda persistente em meus lábios. Ela me consome. Agora que eu a provei, eu acho que não consigo mais parar.

Ela é minha.

E isso não vai mudar tão cedo.

Diana bate na porta do escritório, mas antes que ela consiga entrar, ela é afastada de lado quando Vika entra.

— O criado de Diana vai nos levar, — ela solta, verificando suas unhas. — O Pakhan sabe que você já está me fazendo escolher o meu vestido? — Seu tom sarcástico me faz querer rir, mas eu não rio.

— O Pakhan não se importa, Vika, — eu digo a ela, sem emoção. Entediado até. Eu já estou tão aborrecido com ela. — Por que ele deveria?

Ela cospe mais veneno antes de se virar. — Ya nenaviju tebya. — *Eu odeio você.*

— Ele não é um criado, — Diana informa enquanto ela passa.

— O quê? — Vika fala rispidamente.

— Anton, — diz Diana com frieza. — Ele é um guarda-costas, não um criado.

Virando os olhos, Vika some da sala, deixando Diana e eu sozinhos.

Diana vem em minha direção e para ao lado de uma foto de Viktor e eu. É a mesma que Irina estava brincando quando estive aqui. Ela a pega e a estuda.

— Com a morte de Viktor, eu pensei que vocês teriam ficado mais próximos, mas você parece estar em conflito com sua irmã.

Eu fico em pé e contorno a mesa, tirando a foto de sua mão e colocando-a no lugar.

— Vika sempre teve seus próprios interesses. Ela não se importa com Viktor.

Ela suspira e coloca uma mão sobre o meu coração.

— Você fala dele como se ele ainda estivesse aqui.

— Eu ainda o sinto aqui, — eu digo a ela com sinceridade.

— Talvez você não deveria ter permitido que ele entrasse no The Games, — ela acrescenta audaciosamente.

Eu estudo suas feições por um momento. Esta mulher está para ser minha esposa em breve. Irritação borbulha dentro de mim. Às vezes, eu me pergunto se Diana e eu somos muito semelhantes para estarmos adequadamente comprometidos. Um dia, sua tendência para questionar minha autoridade me cutucará do jeito errado e não acabará bem.

— Você está dizendo que eu não valorizei a vida do meu irmão como você valoriza a de Irina? — Eu procuro manter minha voz estável, mas a raiva faz com que ela se agite levemente. Ela está pisando em ovos. Viktor é um gatilho para o meu lado menos calmo.

Ela tira a mão e encolhe um ombro.

— Eu só estou dizendo que eu nunca teria arriscado Irina assim.

— Você conhece nossa vida, — eu respondo. — Viktor viveu para entrar no The Games. Ele queria se provar para o meu pai.

— Bem, não funcionou, — ela diz com uma bufada. — Funcionou?

A raiva deixa meus nervos em alerta. Como ela se atreve a falar de coisas que ela não entende?

— Shagay ostorojno, Diana. — *Vá com cuidado, Diana.*



Seus lábios franzem e ela me dá um leve aceno de cabeça. Ela sabe que pressionou o máximo que podia por um dia. Eu estou a um segundo de desabar.

— Eu estarei de volta amanhã, — ela diz, sua voz toda negócios enquanto ela muda o assunto. — Irina está tirando uma soneca. Ela está exausta por algum motivo. Por favor, certifique-se de que ela coma algo no jantar.

— Eu irei.

Ela fica na ponta dos pés e planta um beijo casto na minha bochecha.

— Vlad. — Com isso, ela caminha em direção à porta.

— Viaje em segurança, — eu grito para sua silhueta se retirando. Ela não diz mais nada enquanto sai.

Eu sento de volta na minha mesa e sorrio com a ideia da doce pequena Irina precisando tirar uma soneca. Pele lisa e branca em exibição. Um biquinho suave em seus lábios macios enquanto ela dorme. Lindo cabelo loiro em desordem. Meu pau está ficando duro apenas ao pensar em afastar sua coberta para ver a mulher deliciosa que, sem dúvida, estaria se escondendo por baixo.

Todo o calor é sugado da sala e um calafrio sacode pela minha coluna. Minhas costas se endireitam quando meu pai entra em meu escritório. Ele quase nunca vem aqui. Se ele me quer, ele me convoca, e como o filho leal que eu sou, eu obedeco.

— Otets? — Sai mais como uma pergunta do que uma saudação. Eu começo a ficar de pé, mas ele levanta a mão para me parar.

— Sente-se, — ele ordena. Ele se serve de uma bebida da garrafa que eu mantenho na minha mesa. Demorar muito para ir ao ponto é outro dos jogos favoritos do Pakhan. Para manter as pessoas no limite, esperando. Mas já sabendo disso, eu simplesmente o espero. Dois podem jogar o jogo dele. Ele não é mais o governante no meu mundo, apesar do que ele possa pensar.

— O aniversário de Ruslan é no próximo mês, — diz finalmente. — Vamos dar uma festa para ele e anunciar a data do casamento. Eu quero esse casamento resolvido imediatamente.

Perfeito. Quanto mais cedo melhor.

— Parece uma ótima ideia, — eu concordo. Seus ombros se elevam enquanto ele toma sua vodca - uma nova marca, com os cumprimentos da minha noiva. Evidentemente, o Pakhan não terminou de falar.

— Eu quero que Darya venha para a casa principal, e dê a ela aposentos. — Seus olhos âmbar se estreitam quando ele me prende com um olhar duro, desafiando-me a discordar.

Eu seguro meu sorriso e inclino-me para frente, juntando minhas mãos na minha frente na mesa.

— Hã?

Ele nunca se interessou por um de seus brinquedos de foda.

Como se parecesse refletir esta escolha, ele franze o testa por um momento antes de resolver com um leve aceno. Ele bebeu o conteúdo de seu copo e o colocou na mesa ruidosamente.

— Ela me faz lembrar de sua mãe. Acho que vou mantê-la por perto por um mês ou dois.

Meu coração aumenta a velocidade com a menção da minha mãe. Ele nunca fala sobre ela. Ela foi embora quando eu era jovem, e nós nunca a vimos desde então. O Pakhan nem sequer mantém fotos dela por perto. Ela o desprezou e criou um animal em seu rastro. Ele é brutal com mulheres, nunca mantém uma perto por muito tempo, e ter uma prostituta levada para a casa principal é inédito. Para qualquer um de nós. Mas isso não significa que eu serei aquele a dizer ao querido e velho pai, não. Muito pelo contrário, isso revela uma fraqueza - uma fraqueza que eu vou curtir cutucar e incitar simplesmente para ver os efeitos disso.

— Eu resolvo isso, — eu asseguro a ele, embora não fosse um pedido.

— A menina Volkov mais nova? — ele pergunta, e um fogo acende-se dentro de mim.

É preciso muita força dentro de mim para não fazer cara feia com a menção dela em sua língua vil.

— Irina? O que tem ela?

Ele me olha, estudando minhas feições por um momento. Eu sei o que ele está fazendo. Ele tem estado fazendo isso desde que eu tinha idade suficiente para falar. O Pakhan fica atento para pequenas revelações e depois te esfola em pedaços com sua língua e suas palavras cruéis. Contudo, ele não encontrará nenhuma revelação escrita nas minhas feições. Ele me treinou em indiferença há muitos anos atrás. Eu aprendi com o melhor.

— Eu estou pensando que ela talvez tivesse sido uma melhor combinação para você, — ele diz, franzindo a testa enquanto ele considera suas palavras.

*O quê?*

Uma sensação incomum floresce dentro de mim.

*Esperança?*

Maldição, que tipo de jogo ele está jogando?

Ele continua sem eu formar uma resposta.

— Diana é uma garota linda, mas muito voluntariosa. Ela precisará ser controlada, Vlad. Coloque-a de joelhos e mostre a ela que as mulheres podem ter estado no comando na família Volkov, mas ela será uma Vasiliev em breve e nós criamos homens. Ela irá criar filhos para você, não administrar um negócio que ela acha que ainda será dona assim que aquele anel de casamento estiver no dedo dela.

— Ela conhecerá seu lugar, Pakhan, — eu praticamente rosno. — Você não se preocupe com essas coisas. Eu sou o filho de meu pai, afinal. — Eu mostro a ele um olhar sombrio.

Ele dá um grande sorriso para mim e passa uma mão sobre sua mandíbula lisa.

— Ven parece encantado com as mulheres Volkov. Eu acho que Leonid incentivaria essa ligação.

*Tum.*

Minhas mãos apertam, as veias nos meus braços, prontas para rebentar e pintar minha mesa de vermelho.

— Irina abandonou seu pai, — eu digo calmamente. — Eu duvido que ela se importe com o que ele quer. — Eu me recosto, fingindo indiferença apesar da ira furiosa dentro de mim.

— Este é o problema quando você cria mulheres para pensarem por si mesmas, — ele rosna. Ele tamborila os dedos no braço da cadeira. — Talvez isso possa funcionar a nosso favor.

— Como assim?

Eu gostaria que ele calasse a maldita boca.

Irina é minha.

Minha, porra.

— Nós podemos empurrá-la na direção de quem serviria nossos interesses. — Ele é astuto. É de onde Vika herdou suas maneiras dissimuladas.

— Diana não nos permitirá decidir o destino de sua irmã, — eu o informo. Eu não permitirei que ele a envie para os malditos urubus.

Seu rosto se contorce com sarcasmo.

— Diana fará o que diabos for dito a ela, — ele fala rispidamente. — Você vai colocá-la na linha, Vlad, ou eu farei isso por você. — Com isso, ele se inclina para frente como Hades<sup>11</sup> em pessoa olhando para os seus súditos. — Irina é a isca perfeita para o pau de algum homem tolo. Nós a usaremos para capturar um Voskoboynikov, talvez. — Ele sorri maliciosamente, levantando-se. — Por enquanto, vamos casar Vika com um Vetrov e acabar com ela deprimida no meu escritório, esperando que eu mude de ideia.

Ele está louco se ele acha que permitirei que Ven ou um Voskoboynikov chegue em qualquer lugar perto da minha doce Irina.

— Talvez Irina considerará minha sugestão para ela entrar no The Games. Um herdeiro Volkov ainda não se provou no The Games, e Leonid tem manifestado interesse em investir mais dinheiro e ter seu nome no círculo interno. Deixe-o provar seu comprometimento.

— Há um filho para isso agora, — eu o lembro.

Ele bufa. — Não há honra naquele sangue diluído. Ele é filho de uma empregada. A única *honra* que ele traz é *desonra*. — Com isso, ele me deixa sozinho para refletir sobre tudo o que ele acabou de lançar sobre mim.

A necessidade de reivindicar Irina queima na minha virilha. No momento em que o Pakhan está longe do meu escritório, eu subo as escadas, de dois em dois degraus, e descubro que sua porta está aberta e ela está deitada dormindo na cama para qualquer um ver.

Eu entro no quarto e bato a porta para fechar atrás de mim. Ela se assusta e acorda, seus olhos se abrem. Assim como eu vislumbrei, seu cabelo loiro está bagunçado e seus lábios inchados. O punho dela esfrega os olhos e ela estreita os olhos para mim. — Vlad, o que é?

— Tire suas roupas, — eu exijo, meu tom baixo e mortal.

Ela puxa as cobertas para cima até o peito, mordendo aquele lábio inferior gordo suculento e nega com a cabeça. — Diana está indo olhar vestidos de noiva, Vlad. Eu não posso fazer isso de novo. Está errado.

Eu vou direto para ela, soltando minha gravata e deslizando meu paletó dos meus ombros ao longo do caminho. Eu penduro meu paletó na cadeira que eu dormi na noite passada. Ela observa todos os meus movimentos com olhos azuis arregalados e brilhantes. Eu amo ela me encarando. Eu quero cada parte dela em mim. Estendendo a mão, eu pego as cobertas, dou um puxão para longe de seu corpo e as atiro no

---

<sup>11</sup> Deus dos mortos (do mundo inferior) na mitologia grega.

chão atrás de mim. Ela corre para longe de quatro, foge pela cama como um animal assustado tentando escapar de um predador.

Não há escapatória.

Eu sempre vou capturá-la.

Agarrando seu tornozelo, eu a puxo para trás, forçando-a a cair de barriga. Eu envolvo a gravata em volta do tornozelo dela e a amarro no pé da cama.

— Vlad, solte-me, — ela exige, e traz um sorriso para os meus lábios.

— Não.

— Eu vou gritar, — ela ameaça.

— Espero que sim, — eu provoco.

Rasgando suas roupas, eu as arranco de seu corpo. Ela dá um gritinho e luta comigo tentando se cobrir, mas é inútil. Ela ainda está sem calcinha. Eu esqueci que a tinha enfiado no bolso da minha calça. Eu a retiro e a seguro entre os dentes enquanto rasgo minha camisa e a jogo no chão junto com minha calça.

Seu corpo está tremendo todo e a excitação molhada aparece na parte interna de suas coxas. Ela está desesperada, assim como eu. Eu rastejo sobre seu corpo e descanso meu pau entre as nádegas. Meu peito roça nas suas costas e eu me impeço de esmagá-la com meus cotovelos.

— Eu não posso fazer isso. — Sua voz é suave e não tem convicção, enquanto ela olha timidamente sobre o ombro para mim.

— Então não faça.

Sua bunda aperta. Ela está tão faminta de mim quanto eu estou por ela. A doce Irina não quer ser má, mas o corpo dela não recebeu a ordem.

— Vlad... — É um gemido ofegante quando eu esfrego contra sua bunda, abrindo suas nádegas e descansando meu pau contra seus lugares proibidos.

— Se eu te disser não e falar sério, você vai ouvir? — ela pergunta, mas sua voz está tremendo de necessidade.

— Claro, — eu minto.

— Então n... — Antes que ela possa terminar, eu coloco sua própria roupa íntima em sua boca, cortando-a e enviando uma onda de prazer através do meu próprio corpo. Ela murmura através do tecido e

estende a mão para ele, então eu agarro suas mãos e monto nela, prendendo-as por atrás, descansando logo acima das covinhas na parte inferior de suas costas.

— Shhh, — eu sussurro, mordiscando o lóbulo da sua orelha, depois beijando seu ombro. Meus lábios descem pela sua espinha. Seu corpo relaxa sob meus beijos e eu sorrio sabendo que venci. Eu solto suas mãos e mordo sua nádega enquanto passo por ela. Forçando-a de joelhos, eu admiro sua bunda linda e sua boceta rosa que agora está em exibição. Eu uso meu dedo para deslizar pelo seu centro. Ela está encharcada e geme sob o meu toque. Sua bunda rebola e se contorce, e eu não aguento mais.

Eu preciso estar dentro dela.

Possuí-la.

Eu mergulho um dedo dentro, depois outro, esticando suas paredes. Eu tiro os meus dedos e coloco dentro da minha boca. Sua excitação é potente e deliciosa enquanto invade a minha língua. Eu puxo seus quadris para o final do colchão e alinho meu pau para sua entrada.

— Eu sei que você quer isso, — eu murmuro, meu pau provocando sua fenda molhada. — Você não vai admitir, mas seu corpo me diz tudo o que eu preciso saber.

Eu entro nela, bruto e rápido. Ela geme ao redor da calcinha enquanto seu corpo bate contra o meu, igualmente desesperado pela conexão. Eu empurro meus quadris dentro dela, minha pele batendo na dela. Sua boceta me estrangula, implorando por mais.

Eu darei mais a ela.

Eu darei tudo a ela.

Aperto sua nádega com a mão, forte o suficiente para deixar um hematoma antes de puxá-la para o lado, expondo-a para mim. Meu polegar acaricia seu traseiro e eu o pressiono só para passar pelo anel apertado.

Eu a quero de todas as formas possíveis.

Bunda.

Boca.

Tudo.

Meu.

Eu saio dela e saboreio seu choramigo. Inclinando-me para frente, eu vou lambendo sua bunda, saqueando o pequeno buraco

apertado com a minha língua. Seu corpo cantarola e vibra quando o prazer a invade. Eu a provo até que ela esteja tremendo, quase no limite da felicidade.

Porra, eu não consigo ter o suficiente dela.

Desamarro seu tornozelo e a viro. Um tom perfeito de vermelho está pintado por toda sua pele. Seus olhos azuis ardentes encontram os meus. Estendendo a mão, eu puxo a calcinha da boca dela e atiro-a para longe. Ela morde o lábio e me dá esse olhar necessitado, eu tenho o desejo de derramar minha semente.

Ela é tão linda.

— Coloque meu pau em sua boca, meu pequeno sol, — eu murmuro, meus dedos correndo ao longo de sua carne nua.

Eu espero que ela esteja apreensiva ou me lembre de como ela não vai fazer essas coisas comigo, mas ela me surpreende. Doce Irina está sempre me surpreendendo. Ela senta de joelhos, mostrando seus peitos empinados para mim. Sua pequena mão em volta do meu diâmetro, apertando a base e explorando com os olhos.

— Isso vai me sufocar? — pergunta, curiosa e inocente. Os olhos dela estão arregalados e interrogativos.

— Eu espero que sim. — sorrio, inclinando seu maxilar para abrir com as pontas dos meus dedos. Eu envolvo a gravata em volta do seu pescoço e lentamente alimento meu pau em sua boca. Ela é cautelosa e tímida no começo, mas eu dou a ela um empurrão encorajador com uma das minhas mãos enfiada em seu cabelo, e a outra puxando a gravata para apertá-la.

Ela engasga algumas vezes, mas sorve ruidosamente e chupa como se fosse um sorvete derretendo e ela está desidratando. A ponta bate no fundo de sua garganta e eu quase gozo.

— Você tem um gosto tão bom, — ela geme, me tirando e colocando volta para dentro.

— Isso é o teu sabor, garota sacana, — eu provoco, sentindo-me atordoado e pronto para explodir.

Essa mulher balança todo o alicerce que eu tenho construído e pisa sobre ele. Ela me faz perder o foco no mundo a minha frente, porque fico muito ocupado olhando diretamente para o sol. Irina me cega. Enfraquece-me. Destrói-me com sua doçura. E eu não consigo desviar o olhar. Eu, de bom grado, permito a ela arruinar cada coisa sobre mim.

Eu não sou mais o Vlad, o grande mafioso russo que joga o jogo melhor do que qualquer um.

Eu sou dela.

Puxo a gravata e sinto sua garganta apertar, espremendo meu pau. Suas unhas afundam nas minhas nádegas e entro em sua boca. Lágrimas aumentam e caem dos olhos dela, mas essa garota magnífica não para. Eu sei que ela não pode respirar. Meu pau está empurrando para baixo em sua garganta, privando-a de ar, mas ela continua.

Forte e resiliente.

Minha Shadow, um sol ardente.

Pressão aumenta nas minhas entranhas e calor explode na minha espinha enquanto meu pau pulsa. Gozo escorre pela sua garganta e enche seu estômago. Diana me pediu para alimentá-la e eu obedeci.

Quando meu pau para de se contorcer, eu saio de sua boca. Ela ofega por ar e desfaz a gravata para soltá-la. Ela está ofegante e cuspidando um pouco, mas depois olha para mim com luxúria e devoção.

— Seu gosto é bom. — Ela lambe os lábios e minhas pernas quase cedem. Eu nunca tinha visto nada tão absolutamente sexy em minha vida.

Ela é mesmo real?

Eu me abaixo e a puxo para ficar em pé. Agarrando sua garganta, e coloco beijos ao longo de sua bochecha até a orelha.

— Vamos tomar banho e nos limpar. Eu vou precisar de mais de você - e logo, — eu admito, minha voz sombria e ameaçadora. — Você não vai deixar este quarto esta noite.

Eu não terminei com ela.

Nem de longe.

Nós temos a noite *toda*.

\*\*\*

O calor me rodeia e eu acordo com um susto. Eu não dormia bem assim em anos. As superfícies planas macias do corpo de Irina estão moldadas ao meu lado, o cabelo dela espalhado pelo meu peito. Meu coração martela rapidamente em sua jaula, e eu não me importo em libertá-lo. Não enquanto ela seja sua ama.



É assim é como deve ser a alegria.

Quente e reconfortante.

Lentamente correndo pelas suas veias e em cada terminação nervosa.

Perfeição.

Eu gostaria que não tivéssemos nunca que sair deste quarto. Mas nós temos. O amanhecer está vindo ao longo do horizonte e Diana retornará em breve. Um bocejo soa de Irina e ela estica seu corpo exausto. Ela está coberta com hematomas e marcas de mordidas. Todos eles, que deixam orgulho e possessividade masculina sobre ela, que eu deixei. Claro, eles terão que ser escondidos de sua irmã. Eu não deveria ter marcado a sua pele, mas eu não consegui me conter. Eu precisava estar em sua carne, dentro de seu corpo, e existir no próprio tecido de seu ser.

Eu não posso deixar ninguém mais tê-la, não importa o que o Pakhan diga.

Ela é minha.

Nunca tive mais certeza de alguma coisa do que eu tenho disso. O destino a trouxe aqui, e ela nunca ficará longe de mim. Quando eu estiver procurando através dos dias escuros, ela iluminará o caminho e me levará para casa com ela.

Nós pertencemos um ao outro.

Eu cumprirei meu dever e me casarei com Diana, mas o homem egoísta que eu sou manterá Irina também.

Trancada na minha torre como Rapunzel. Ela lançará seu cabelo para eu escalar sempre que eu quiser. E eu darei a ela um final feliz todas as vezes com minha língua.

\*\*\*

— Você está obcecado em deixar hematomas em mim, — Irina murmura enquanto ela investiga no espelho da parede no meu escritório, e passa o dedo pela minha mais nova marca logo abaixo de sua orelha.

Eu me inclino para trás na minha cadeira de couro e ela chia. Deveria me irritar que ela entre aqui a qualquer hora que ela queira, mas não me irrita. Estou atolado até o pescoço na preparação do V

Games, bem como todas as outras ações pelas quais eu sou responsável, mas eu dou boas-vindas à distração.

— Eu acho que você gosta deles, — eu provoco.

Ela olha por cima do ombro e pisca para mim.

— As cores são bonitas.

Meu pau se contorce na minha calça. Cinco minutos atrás, eu estava estressado com o Egorov mais velho, um canalha das Famílias Secundárias que estava sendo investigado recentemente pelas autoridades russas. Eu sou bom em manter meus negócios fora do radar, mas, de todas as famílias, eu confio nos Egorovs no mínimo quando se trata de não tagarelar os negócios das Famílias Principais e Secundárias. A última coisa que eu preciso são as autoridades atrás de mim.

Mas agora?

Tudo o que eu consigo pensar é presentear a doce Irina com mais marcas coloridas para ela admirar.

— Você vestiu esse vestido para mim? — eu pergunto enquanto puxo o nó da minha gravata. O escritório aqueceu vários graus agora que ela está aqui. Nós temos sido cuidadosos para manter nossos momentos íntimos escondidos dos outros, desde o momento em que fomos pegos na cozinha e eu tive que lidar com aquilo. Eu não posso permitir que qualquer contratempo como aquele aconteça novamente. O Pakhan não é estúpido, e eu certamente não preciso dele farejando em torno de mim agora.

— Essa coisa velha? — ela brinca enquanto rebola para a frente. Hoje ela está usando um vestido de tricô preto que bate acima do joelho e botas pretas de couro logo abaixo do joelho. Essa pequena visão de seus joelhos é o suficiente para me enlouquecer com a necessidade de transformá-los em vermelho vivo com queimaduras do tapete.

— Feche a porta, — eu falo, minha voz rouca e áspera.

Ela arqueia uma sobrancelha dourada e ri. Porra, ela é minha fantasia ambulante. Seus sorrisos e risadas são minha droga. Esse seu corpo é meu sustento. Eu anseio por ela com tudo o que sou.

— Estamos tendo outra reunião? — ela fala com ousadia.

Reuniões.

É o que nós dizemos a todo mundo

Nós estamos tendo uma reunião sobre as mulheres no porão. Muitas vezes, nós discutimos sobre elas e seus progresso, mas

principalmente, é uma oportunidade para eu tê-la nua e gritando de prazer.

— Sim, — eu rosno. — Reunião. Agora. Minha mesa.

Ela caminha até a porta do meu escritório e a fecha. Seus dedos esguios giram a fechadura antes de ela se virar de volta para mim. Eu amo que ela é uma sedutora sem sequer tentar. Tantas mulheres têm que trabalhar para seduzir e a doce Irina nasceu com isso.

— Sobre o que é a reunião? — pergunta, seus olhos cintilando com luxúria.

— Código de vestimenta.

Ela lança a cabeça para trás e ri, o som enche o ar ao meu redor. Meu peito se expande, e eu sorrio para ela.

— Você está usando muitas roupas, — eu reclamo enquanto esfrego minha ereção através da minha calça.

Seus olhos azuis gélidos rastreiam meu movimento e seus lábios carnudos pintados de vermelho sangue se separam. Ela torce o brinco nervosamente antes de soltar um suspiro.

— Ótimo.

Eu rio e gesticulo com minha mão livre.

— Nós estamos esperando.

— Nós?

Eu pego meu pau e aperto.

— Nós.

Ela revira os olhos, o nervosismo a deixando e começa a levantar devagar seu vestido até as coxas. Eu bebo na carne cremosa enquanto é revelada, até sua calcinha preta de seda entrar em cena. O material continua a subir lentamente, como se ela desfrutasse a arte da tortura à parte que exhibe sua barriga. Esbelta e macia, mas ostentando chupões recentes que eu presenteei a ela. Meu pau sacode na minha mão.

*Nós* gostamos muito de ver essas marcas, muito, porra.

O vestido é jogado para longe e meu olhar cai em seus seios transbordando do sutiã preto. Irina tem o tipo de seios que se encaixam perfeitamente na palma da sua mão. Mas esse sutiã de vodu dela os faz parecer duas vezes maiores. Mais seios à mostra. Sexy *pra* caralho.

— Fique com toda essa merda sexy e venha aqui. As botas ficam também, — eu rosno, fazendo um gesto para o topo da minha mesa a minha frente.

Ela caminha se exibindo até mim, confortável consigo mesma. Eu gostaria de pensar que isso tem algo a ver comigo. Quando você venera o corpo de uma mulher, ela logo começa a amar o corpo dela também. Isso se mostra em sua confiança. Meu sol está saindo das sombras passo a passo.

— Eu ouvi Rada outro dia conversando com outra criada, — ela murmura quando se senta na minha frente. Ela ergue as pernas, descansando os dois pés nos meus joelhos.

— E?

— Ela diz que algumas mulheres gostam de sufocamento.

Meu sangue gela.

— E?

Irina morde o lábio inferior e seu pescoço fica vermelho.

— Ela disse à outra garota que ela definitivamente não gosta mais disso, mas... — ela abaixa a voz. — Eu estava pensando...

*Não me tente, linda garota.*

Seus cílios piscam inocentemente.

— Já que você gosta de hematomas e tudo...

— Diga, — eu rosno.

— Talvez você possa me sufocar... — Suas narinas se abrem, mas ela não se encolhe com suas palavras.

Eu solto um suspiro pesado.

— Assim que você abrir essa porta, você não pode fechá-la.

Suas sobranceiras franzem.

— Eu quero abrir todas as portas com você. Você começou isso, — ela corta. Com a ponta de sua bota, ela empurra minha mão para longe do meu pau e pressiona contra mim. — Então termine, Vasiliev.

Com um grunhido, eu empurro seus joelhos para o lado e me levanto. Seus olhos se arregalam com meus movimentos rápidos, mas não se afasta quando eu aperto sua garganta, gentilmente no começo.

— Toque sua bocetinha através da calcinha. Deixe-a bem molhada, meu sol.

Ela sorri para mim enquanto se esfrega com os dedos. E eu me deleito com o jeito como os olhos dela se fecham.

Confiança.

Essa doce coisa jovem confia em mim.

Um anjo dando a um demônio as suas asas para serem guardadas.

Aproximando-me dela, eu inalo seu delicioso aroma. Eu posso sentir o cheiro de morangos do café da manhã ainda em seus lábios. Com as minhas mãos apertado mais forte, e a deixo sentir a minha força quando a beijo suavemente. Ela meio que esganiça, meio que geme enquanto sua língua procura a minha. Eu a beijo em um ritmo lento enquanto aumento a pressão no meu apertado. Quando a ouço respirar forte, eu me afasto.

— Você não está com medo, — eu observo enquanto estudo suas feições. Seu rosto ficou vermelho brilhante e eu sei se eu continuar com isso, o azul eventualmente assumirá o controle como a cor dominante. Se ao menos ela pudesse ver as cores brilhantes em seu rosto. Minha doce Irina gostaria de pintá-las. — Observando-a ofegar por ar deixa meu pau realmente duro, — eu admito. — Eu quero sufocá-la até você desmaiar apenas para te reviver e fazer tudo de novo. Isso assusta você, pequena Volkov?

Seus olhos brilham com força. Eu tenho minha resposta.

— Você é verdadeiramente perfeita, — eu murmuro em voz alta. Eu apertado seu pescoço outra vez com força, e ela luta para manter o ritmo enquanto se toca. — Não se preocupe, eu vou ajudá-la.

Eu lido desajeitadamente com minhas calças, mas logo libero meu pau. Eu bato contra sua mão esfregando sua boceta com minha ereção dura como pedra até ela a afastar.

— Deixe-me entrar, — eu ordeno.

Ela tenta balançar a cabeça dizendo não, e eu não consigo evitar o sorriso que decora meus lábios.

— Eu não estava perguntando, — eu aviso, apertando mais.

Ela agarra sua calcinha de seda encharcada e a puxa sobre sua boceta rosa bonita para esconder suas delícias de mim.

Eu tiro uma mão de sua garganta, mas mantenho a pressão com uma só mão. Eu afasto-a da calcinha, agarro-a em minha mão e puxo até ela rasgar.

Seus olhos brilham e eu avanço devagar dentro dela até eu estar completamente dentro. O gemido que tenta escapar de sua garganta é abafado sob meu aperto. Eu já sufoquei muitas mulheres para saber o quão forte espremer sem esmagar suas traqueias. Você dá a elas apenas uma pouco de ar. O suficiente para permanecer coerente, mas não confortável. O suficiente para manter um pouco de medo correndo por suas veias junto com a emoção.

A valente Irina olha para mim com tanta confiança e desejo. Ela acredita que eu cuidarei dela e não a machucarei de verdade. Eu estico a mão entre nós e toco seu clitóris quando começo a empurrar dentro de sua boceta apertada. Minha mão comprime mais forte. Eu sei que toquei seu ponto quando ela aperta ao meu redor. Suas pernas a cada lado de mim começam a tremer.

Porra, ela é linda.

Roxa.

Tão roxa.

Eu achava que preferia o azul, mas era porque eu não tinha isso. Esta era a cor pela qual eu estava me esforçando. A mesma cor que o tom mais escuro em muitos dos pores do sol que ela pinta. Eu contarei a ela mais tarde para que possa apreciar a cor também.

Minha boca toma a dela em um beijo. Seus movimentos estão lentos e preguiçosos, já enfraquecidos pelo meu aperto de morte sobre ela. Eu poderia mantê-la nesse aperto e, finalmente, ela desmaiaria. Eu quase gozo com o pensamento e enfio dentro dela tão forte que a mesa sacode para a frente.

— Isso, — murmuro contra sua boca aberta. Eu mordo sua língua e a puxo para fora com meus dentes, saboreando o quão seca ela já está. Seus lábios gordos estão vermelho sangue. Um dia, eu a terei assim logo depois do banho, e sob as luzes brilhantes do banheiro para que eu possa observar seus lábios mudarem as cores. Quando eu chupo seu lábio em minha boca, sua boceta aperta em torno de mim novamente. Eu estou me desfazendo. Perto. Tão perto. Mas eu quero que ela perca a cabeça primeiro. Nós ficaremos loucos juntos.

Suas mãos levantam e eu imagino que ela vai me golpear. Em vez disso, seus dedos se enfiam no meu cabelo penteado para trás e ela emaranha seus dedos nele, bagunçando tudo. Com força surpreendente, ela me puxa de volta para sua boca, desesperada por outro beijo sufocante. Eu moldo minha boca na dela e a beijo com força, sem deixar sua boca nem um segundo. Seu corpo treme e sua cabeça curva-se para trás, rompendo nossa conexão.

Eu enfio meu pau acelerado dentro dela, intensificando meus esforços em seu clitóris, admirando seu rosto roxo perfeito.

— Irina! — eu grito, puxando-a de seu transe.

Ela pisca os olhos para abrirem - olhos agora se tornando injetados de sangue - e olha direto dentro da minha maldita alma. Eu a deixo entrar. Maldição, eu sempre a deixo entrar. Lágrimas escorrem dos cantos de seus olhos, e ela estremece violentamente diante de mim. Sua boceta aperta com força em torno do meu pau e seus sucos se tornam mais grossos enquanto ela se deixa dominar por um silencioso, mas poderoso orgasmo.

— Minha linda menina, — eu silvo enquanto gozo. Meu calor explode de mim, banhando seu interior. Assim que seu tremor diminui, eu libero sua garganta e a puxo contra o meu peito. Eu envolvo um braço em volta da sua cintura e a puxo comigo enquanto a sento na minha cadeira. — Olhe quão perfeita você é, — eu sussurro enquanto beijo seus peitos cheios e sua clavícula.

Seus dedos deslizam de volta para o meu cabelo e apertam. Ela puxa até que eu esteja olhando para ela. Meu esperma sai dela, ensopando minha calça, mas eu nem me importo. O que nós acabamos de fazer foi quente *pra* caralho, que eu quero fazer mais. Muito mais.

— Eu gostei disso, — ela diz, sua voz mal se ouvindo. Um sorriso nos seus lábios inchados.

Inclinando-me para a frente, eu mordo seu queixo.

— Você gosta de ser sufocada?

Seus olhos brilham com adoração.

— Eu gosto do olhar o que você me dá quando você me sufoca.

— E que olhar é esse?

Ela encolhe os ombros.

— Eu terei que te mostrar um dia. Eu vou pintá-lo.

— Certifique-se de adicionar um daqueles pores de sol roxos atrás de mim, — eu digo com um grande sorriso.

— Eu consideraria isso um pedido estranho, mas desde que eu acabei de dizer que queria pintar seu rosto enquanto você está me sufocando, eu suponho que não é tão estranho no grande esquema das coisas.

Eu a abraço e acaricio seu cabelo.

— Não é estranho em...

*Bang! Bang! Bang!*

— Estamos tendo uma reunião! — ambos gritamos em uníssono.



# Capítulo Dezessete

Irina

*Um mês depois...*

As últimas quatro semanas passaram tão rápido. Eu estou completamente viciada em um homem que não é meu.

*Ele sempre foi seu.*

Pensamentos confusos surgem em minha mente, e eu tento dar sentido a eles. Alguns dias, eu quero me convencer que o que Vlad e eu estamos fazendo está certo. Que nós merecemos isso. Outros dias, eu mal posso encontrar o olhar da minha irmã. A culpa me consome. A única coisa que não me deixa cair do precipício é o fato de eu saber que ela está apaixonada por Ven. Vlad é apenas outro acordo de negócios.

Ela até vacilou algumas vezes enquanto andava de um lado para o outro em seu quarto, dizendo para mim que ela não consegue passar por isso. Então, logo a seguir, ela está falando sobre o que é melhor para nós agora – sua obrigação. Ele é apenas um meio para um nome mais influente para ela, mas para mim...

Ele é tudo.

Meu pensamento ao acordar e o único pelo qual eu fecho os olhos.

Seus olhos me seguem para onde quer que eu vá, e eu roubo olhares de relance do homem bonito que conhece meu corpo melhor do que eu mesma.

Diana esteve discutindo a Volkov Spirits com o Pakhan e Vas, mas tudo o que eu quero fazer é me afogar no cheiro intoxicante de Vlad. Envolver minhas pernas em torno de sua cintura fina e montá-lo como um garanhão premiado. Ele está sob a minha pele, enterrado tão profundamente que eu não acho que alguma vez conseguirei tirá-lo.

— Então, Vas estará aqui esta noite. Eu quero que você fique alerta, — Diana diz, ondulando a última mecha do meu cabelo em um cacho solto. — Ele é um traíçoeiro, eu sei disso. — Juntando meu cabelo, ela puxa os cachos em um elegante coque trabalhado, deixando alguns fios caírem para moldarem meu rosto. Ela acaricia um dedo na

parte de trás do meu pescoço e sorri para mim no espelho. — Você tem um pescoço tão elegante, Irina. É exatamente como o da mamãe.

Eu replico seu sorriso e passo a mão pelo meu vestido. É um vermelho ousado, para capturar um touro e eu adoro isso. Diana o trouxe de volta com ela de sua viagem com Vika.

Ela fica na minha frente e pinta meus lábios com a mesma cor carmesim que o tecido. — O Pakhan também está vindo esta noite, — ela me diz, estremecendo ligeiramente.

— Você está pronta? — pergunta Diana, estendendo a mão para eu pegar.

— Sim.

A música ecoa pelos corredores enquanto nós caminhamos para a grande sala. Pessoas se misturam, copos tilintam e saltos altos clicam sobre os pisos de madeira. Há uma fragrância doce dos arranjos de flores espalhados em todos os lugares.

— Isso não deveria ser uma festa de aniversário de dezoito anos? — Eu zombo num sussurro para Diana, que sorri e espreme meu braço mais apertado.

— E uma festa de noivado. Vlad me disse que irão anunciar a data de casamento de Ruslan e Vika esta noite, — ela divulga. Meu coração cai. É ridículo e irracional odiar o fato de que Diana tem falado com Vlad em particular, mas o ciúme seguido pela culpa bate com tudo dentro de mim mesmo assim. Ela pode ter conversas com ele, mas é na minha cama que ele esteve vindo quase todas as noites durante o último mês.

— Ah, olha, ali está Ven, — Diana cantarola. Eu dou um puxão em seu braço para impedir sua partida. Ela se vira para mim e franze a testa. — O que está errado?

— Você não pode continuar exibindo seu caso assim, — eu silvo, furiosa que ela parece não se importar mais. — Não é tão discreto quanto você pensa, Diana.

Toda a cor drena de suas bochechas.

— Quem sabe? — ela sussurra, olhando ao redor da sala. Lágrimas crescem em seus olhos, então eu pego suas mãos nas minhas e dou-lhes um aperto reconfortante.

— Ninguém sabe ainda. Mas do jeito que você e Ven flertam, as pessoas começarão a perceber, — eu explico, baixo e urgente. Ela parece perplexa por um momento, então começa a rir. É leve e despreocupado. Verdadeiro.

— Oh Deus, Irina, — ela diz através de suas risadinhas. — Ven e eu somos apenas amigos.

Eu levanto uma sobancelha cuidadosamente feita.

— Ele não é seu amante?

— Não, claro que não, — ela me garante, seu sorriso caindo. Seus cílios fortemente pintados batem rapidamente contra suas bochechas como se ela estivesse se perguntando como eu cheguei a essa conclusão. — Ele não me vê dessa maneira.

Ela é louca. Todo homem a vê dessa maneira.

— Então, quem? — eu pergunto, estupefata. Eu tinha certeza que era Veniamin.

— Diana, Irina, vocês são um colírio para os olhos. — A voz de Vas se envolve em torno de nós, seguida por seus braços. Ele beija nós duas na bochecha, e eu quero lhe dizer para pular de uma ponte, mas o fato é que não é culpa dele quem o seu pai é. Ele é nosso irmão. Nós temos um irmão.

— Onde está o Pakhan? — Diana pergunta, olhando em volta como se tivesse uma bomba prestes a sair.

— Ele não estava se sentindo bem, então eu estou aqui em seu lugar para representar nossa família, para desejar boa sorte ao casal.

— Rá. Ele vai precisar disso, — eu bufo. Pobre Ruslan. Que pesadelo que lhe caiu no colo.

— Ah, eu não sei, — Vas murmura, arrastando os olhos para o corpo de Vika. Que nojo.

— Ela é Medusa, Vas, — Diana resmunga. — Olhe perto o suficiente e você se transformará em pedra.

Ele sorri pelo aviso de Diana.

— Bem, uma parte de mim certamente se transformará.

Eu enrugando o nariz com desgosto. — Grosso. — Diana grunhe. Vas ri cordialmente e alto, ganhando a atenção de outros convidados da festa.

— Eu vou pegar uma bebida, — eu digo a eles e os deixo para encontrar uma criada. Eu sinto os olhos de muitos homens em mim, observando enquanto passo por eles, e o nervosismo se forma no meu estômago. Eu me aventuro em direção ao fundo da sala e escapo através das portas francesas para pegar um pouco de ar. Eu nunca fui boa nesses ambientes, e não estou acostumada a estar tão em exposição e notada. Diana geralmente é a fantasia na mente das

peessoas e o elogio em suas línguas, mas tem acontecido uma transformação dentro de mim, e é visível do lado de fora para os outros.

Eu estou saindo das sombras e as pessoas estão notando.

A porta se abre atrás de mim, e eu tremo do frio. Um suspiro de alívio escapa de mim quando vejo Vlad se juntar a mim no ar noturno.

— Eu vi você escapar para cá. Está congelando, Irina, — ele ressoa e fica diretamente atrás de mim, o calor do seu corpo me envolvendo. — O que você está fazendo?

— Eles estão aqui fora, — eu argumento e aceno com a cabeça para alguns participantes da festa circulando pelo pátio. Eles são fumantes respeitando a casa de Vasiliev ao não fumar lá dentro.

— Eles não são você. — Ele pressiona seu corpo contra as minhas costas e eu relaxo contra ele. — Você cheira divinamente. — Sua respiração quente no meu ouvido me faz estremecer. — Você está fria.

É uma declaração, não uma pergunta.

Eu respondo mesmo assim. — Sim.

— Então eu deveria te aquecer. Você vai pegar uma pneumonia aqui fora.

Com isso, ele levanta o meu vestido para cima das minhas pernas.

— Vlad, — eu aviso, mas ele não escuta. Ele nunca escuta.

Eu seguro minhas mãos no muro de pedra que me separam da queda de seis metros onde estão todos os fumantes. Seus dedos deslizam sob o tecido e puxam minha calcinha para o lado. — Incline sua bunda, meu sol, — ele incita. Eu ouço seu zíper sendo puxado para baixo e ele tateando para se libertar. Seu pau pesado bate contra minha bunda e a excitação molhada transborda entre as minhas pernas. Eu empurro meus quadris para trás para lhe dar acesso, e ele geme, pressionando minhas pernas a se separarem com sua coxa. Seu pau desliza contra mim novamente, e então ele está dentro. O ardor acende o fogo furioso dentro do meu corpo, e eu estou queimando, completamente em chamas. Ele dá um impulso para a frente, e eu quero gritar, mas eu mordo meus lábios para me calar. Mãos fortes agarram meus quadris, usando-me como ele deseja. Eu serpenteio minha mão para baixo e sob o tecido do meu vestido, encontrando meu clitóris latejante. Eu faço movimento circulares ali, exatamente como Vlad me ensinou através de nossas muitas imprudências neste mês.

— Belisque-o, Irina, — ele exige, e eu obedeço. As estrelas dançam no céu acima de mim enquanto a música toca dentro da casa.

Eu gemo, incapaz de me conter. Vlad empurra seus dedos na minha boca, e mordo com força, me desfazendo.

O orgasmo domina dentro de mim, enfraquecendo minhas pernas e enviando tremores através dos meus ossos, curvando meus dedos dos pés.

Os impulsos de Vlad aumentam, e então eu sinto sua semente me inundar. Quando seu pau para de pulsar sua libertação, ele se retira de mim e desliza minha calcinha de volta ao lugar, deixando cair meu vestido e beijando meu pescoço.

— A lua está linda hoje à noite, — eu digo, sentindo como se eu estivesse sonhando tudo isso.

— Você é a lua mais brilhante, Irina. Não há nada mais bonito do que você.

Minha respiração para e uma lágrima se forma no canto do meu olho. Quem me dera nossas vidas não fossem tão complicadas. Que nós pudéssemos caminhar de volta lá para dentro, de mãos dadas, em pé como leões ferozes diante de nossas famílias como uma frente unida. Dizendo a eles que a nossa ligação é a que nós escolhemos e eles podem ir para o inferno.

— Devemos voltar para dentro, — ele resmunga, seu tom soando muito como eu me sinto por dentro. — Você vai pegar uma pneumonia.

— Ok, — eu murmuro. — Eu irei primeiro. — Toda a felicidade de momentos antes drenada do meu corpo. Eu me afasto dele e avanço para as portas.

— Irina, — ele grita, parando-me.

Eu me viro para vê-lo vindo direto em minha direção com determinação feroz brilhando em seus olhos âmbar. Ele agarra meu rosto com ambas as palmas e me puxa para seus lábios, esmagando-me sob seu beijo, reivindicando. Suas mãos deslizam pela minha garganta e depois pelos meus quadris. Ele me envolve em um abraço, segurando-me tão forte que mal consigo recuperar o fôlego. Ele me beija rude e sem pressa.

Este momento é nosso.

Sua língua duela com a minha e, neste momento, eu sei que nós vamos ficar juntos...

Eu só não sei como.

\*\*\*

Eu entro a vou até o banheiro mais próximo. Minha calcinha está arruinada. A semente de Vlad escorreu e encharcou-a, então eu a tiro e a coloco na lata de lixo.

Eu me lavo e depois caminho de volta para os convidados antes que Diana mande uma equipe de busca. Eu estou saindo do banheiro quando bato na parede de aço que é Stepan, assustando-me.

— Ei, — eu engasgo, surpresa ao vê-lo vagando do lado de fora do banheiro. Seus olhos me perfuram como se lendo a culpa escrita por toda a minha pele aquecida pelo sexo. Eu tento me mover para passar por ele, mas ele bloqueia. — Stepan, — eu digo bruscamente, engolindo o mal-estar que ele cria sempre que está perto. — O que você está fazendo?

Ele olha para mim, seu olhar se arrastando ao longo das minhas feições e se demorando em meus lábios. — Eu sonhei com você. — Suas sobrancelhas franzem e seus olhos se contraem. Eu fico um pouco atordoada e não sei qual é a resposta apropriada para isso.

— Você estava dormindo tão pacificamente no sonho, — ele murmura. — Tão perfeita.

Meu estômago aperta com nervosismo. — Eu estou ficando um pouco desconfortável, — eu digo, honestidade saindo pelas minhas palavras.

— Não, — ele avança de novo, aproximando-se em torno de mim. Meu coração começa a entrar em pânico no meu peito. — Isto é, você não precisa ter medo de mim. — Seu tom é urgente. Ele agarra a parede em ambos os meus lados, sua respiração se misturando com a minha.

— Eu não tenho medo de você, — eu minto, tentando não estremecer.

— Porém, não foi um sonho, — diz ele.

— O quê?

— Eu me encontrei passando pelo seu quarto, — ele explica. — Você mantém sua porta aberta à noite.

*Tum.*

— Eu pensei que era um sonho, — ele murmura e balança a cabeça tentando limpá-la. — Meus pensamentos podem ficar caóticos, então eu não tinha certeza, mas aquele cara estava no seu quarto.

*Tum.*

— Que cara? — Eu vou ficar doente. Ele está falando sobre Vlad? Ele sabe?

— O guarda-costas da sua irmã. Ele estava observando você dormir.

O quê?

Ele está falando sobre Anton?

— Ele é inofensivo, — eu digo, perplexa. — Ele provavelmente estava apenas me checando.

Ele engole seco, um olhar de maldade pura passando em seus olhos. Eles estão desolados - como se eu estivesse olhando dentro de um portal para o próprio inferno.

— Ele estava se tocando. — Ele aperta meus braços e me sacode como se para deixar isso bem claro.

O quê?!

Não. Não. Anton é como um pai para nós.

— Você está errado, — eu engasgo, lágrimas quentes brotando em meus olhos enquanto eu me contorço em uma tentativa de deixar suas mãos.

Isso não é verdade.

Stepan está claramente louco e não sabe o que viu.

— Eu vou matá-lo, — ele sibila, cuspe caindo no meu rosto. — Por você, eu vou matá-lo. — Ele se inclina para a frente e inala meu cabelo.

Eu acho que ele está um pouco insano e confundindo sonhos estranhos que ele tem tido com a realidade.

— Obrigada, mas eu vou lidar com isso sozinha.

Ele me solta, recuando e se empurrando para dentro do banheiro. Eu sou deixada livre e completamente incomodada. Há uma falha na sua programação, com certeza. Eu corro pelo corredor, ansiosa para me afastar dele. Eu preciso processar o que ele disse para mim e longe dele para isso.

Vika está em uma conversa acalorada com Ven quando eu me aproximo de um garçom em pé perto deles. Meu coração corre quando eu vejo Vlad parado diretamente atrás deles. O olhar em seu rosto deixa meu sangue gelado. Violento e furioso. É o rosto do assassino dormente sob sua pele. Seja lá o que eles estão discutindo, ele não gosta.

Eu quero correr até ele e pedir a ele para me abraçar. Implorar a ele para me dizer que tudo está bem. Que o que acabou de acontecer momentos atrás foi apenas devaneio estúpido de um homem louco. Não pode ser verdade. Minha mente não irá admitir isso.

Ven agarra o braço de Vika e rosna algo para ela, mas Vlad dá um passo para trás e então vai embora. Eu me apresso para segui-lo e localizá-lo em seu escritório. Quando eu chego na porta, ele já está sentado, olhando fixo para o monitor do computador. Desgosto está pintado em um sarcasmo furioso em seu rosto bonito.

— Vlad? — Eu engasgo enquanto corro para dentro do escritório dele. — O que há de errado?



# Capítulo Dezoito

## Vlad

O cheiro dela está todo sobre mim, e faz a minha mente acelerar. Eu acabei de estar dentro dela, mas eu ainda a anseio. Ela é como uma droga que eu não consigo ficar sem. Eu preciso de uma dose constantemente.

Eu vasculho o lugar por ela, mas ela não está em lugar nenhum. Eu a deixei toda bagunçada, então o mais provável é que ela esteja se limpando. Eu pego uma bebida de uma criada e viro o conteúdo. Vas-o-novo-Volkov se aproxima, e eu não bebi o suficiente para lidar com ele agora.

— Vlad, ou devo chamá-lo de irmão agora? — ele pergunta, um sorriso no rosto. — Você está se casando com minha irmã, afinal.

Eu bufo. — Você pode me chamar de senhor ou mestre, Vas.

Ele estreita seus olhos azuis em mim, e eu posso imaginar as maneiras que ele está pensando em me mutilar. Eu teria os mesmos pensamentos se falassem assim comigo. Passando uma mão pelo seu terno barato, ele observa a sala exatamente como eu o ensinei. — É disso que Diana te chama? — ele provoca, tentando ficar sob a minha pele. Garoto tolo.

— Na verdade, é, — eu atormento. — Ou Daddy<sup>12</sup>, quando a vontade ataca.

Ele range os dentes e então comete seu primeiro erro. — O Pakhan e eu decidimos que Irina retornará para casa, onde ela pertence. Eu tenho planos para ela.

Fúria fria como gelo me envolve. — Aqui é o lugar dela, e ninguém está levando-a para longe, — eu vocifero em advertência.

— Você tem Diana, Vlad, — diz ele. — Irina volta para o rebanho.

---

<sup>12</sup> “Daddy” é usado, principalmente por jovens inocentes, para falar com um cara com quem elas têm relações sexuais ou interesse sexual. Frequentemente usado no contexto de uma relação Dominante-Submissa.

Meu punho cerra e eu estou morrendo para enfiá-lo em seu nariz estúpido como eu já fiz centenas de vezes quando ele me respondia lá embaixo no porão. Em vez disso, eu o fuzilo com os olhos.

— Não entre em minha casa e me faça exigências, — eu rosno. — É uma sentença de morte.

— Isto não é uma exigência para você, — ele responde, ignorando minha ameaça. — É para ela. — Ele coloca seu copo na mesa e passeia no meio da multidão.

Eu vou matá-lo e o filmarei para seu estúpido papai, se ele sequer tentar tirar Irina de mim.

Ela é minha, porra.

Eu espreito um criado e caminho para ele, parando quando ouço Vika falando com Veniamin.

— É verdade, Ven, a preciosa Diana e aquele velho, Anton, estão aprontando por trás das costas do meu bom irmão.

— Suas mentiras vão matar pessoas inocentes, Vika, — Ven rosna. — Diana não é nada como você, então pare de inventar coisas. — Ele agarra seu braço, zombando dela.

Ela arranca seu braço e responde de volta, — Eu os vi com meus próprios olhos. Eles estavam se beijando como estudantes de ensino médio no baile de formatura, e depois desapareceram no quarto de hotel dela quando nós viajamos para comprar meu vestido.

Minha cabeça começa a latejar com a sobrecarga de informações. Diana está fodendo Anton? Ele é tão velho quanto meu maldito pai. Eles têm feito isso sob meu teto? Bem debaixo do meu nariz por mais de um maldito mês? Foi por isso que ela quis que ele viesse para cá com ela? Como eu deixei passar isso?

Eu não deixo passar nada.

Raiva explode dentro de mim.

Não é sempre que eu sou pego de surpresa, e quando isso acontece, eu faço os filhos da puta pagarem.

Eu marcho até meu escritório precisando de respostas e ligo o computador. Eu pego a transmissão da primeira semana de quando elas chegaram no quarto de Diana e avanço rápido até meu coração parar.

Anton entra no quarto dela.

Maldição.

Eu sabia que ela não era virgem.

Eu não consigo assistir aquele velho no cio sobre ela. Eu avanço para ele saindo do quarto dela e mudo para as câmeras do corredor. Eles devem ser estúpidos e ter um desejo de morte para fazer essa merda na minha casa. Não é o fato de Diana estar fodendo outra pessoa, é quem, e a mentira - a deslealdade descarada. Ela me disse que era virgem e insistiu em trazer aquele homem para cá. Leonid perderá a cabeça por isso. Se vazar que eu permiti que isso acontecesse debaixo do meu teto sem retaliação, eu serei motivo de chacota.

Eu olho entorpecido para a tela, minha mente correndo com a raiva se estabelecendo.

Passaram-se dez minutos que Anton voltou ao seu quarto quando sua porta se abre de novo.

Quantas vezes ele consegue fazer na idade dele?

Mas não é o quarto de Diana que ele se arrasta para dentro desta vez. É o da Irina. Meu coração parece que vai explodir das costelas.

Não.

Por favor, não.

Se ela estiver dormindo com ele também, eu vou vomitar.

Minhas entranhas se enrolam quando eu clico na tela para o quarto dela.

— Vlad? O que há de errado? — A voz de Irina chama da entrada. Ela vem em minha direção, e eu tenho que levantar a mão para pará-la. Se isso mostrar algum sinal de Anton e ela se tocando, eu não posso confiar em mim mesmo para não a matar.

Eu arrasto meus olhos de Irina e olho para a tela. Ela está dormindo em sua cama, inconsciente do fato de que ele sequer está lá dentro. Ele fica parado no pé da cama dela e puxa o pau de sua calça.

Filho da puta.

— Oh, Deus, — grita Irina. Eu não tinha nem percebido sua aproximação deste lado da sala.

Seus olhos lacrimejam e ela agarra seu estômago como se quisesse segurar a náusea que ela está claramente sentindo.

— Foi ele, — ela ofega, quase sufocando.

— O que tem ele? — eu exijo, meu sangue acendendo com raiva.

— Eu achava que era um sonho.

— O que, Irina?! — eu dou um rugido, enlouquecendo. Eu sei o que ela vai dizer. Eu posso sentir em meus ossos. Eu não quero ouvir, mas eu preciso.

Os olhos dela estão arregalados e cheios de terror como um cervo preso nos faróis.

— Alguém me tocou quando eu era uma garotinha, — ela sussurra, as lágrimas em seus olhos derramando por suas bochechas. — Apenas uma vez, e a presença de Diana o assustou. Eu pensei que era um sonho, mas está voltando para mim. Eu o bloqueei, mas agora ele é tão claro. Era Anton.

A fúria que esteve subindo para a superfície explode. Eu me levanto, mandando minha cadeira zunindo para longe de mim e pegando meu monitor. Com um rugido furioso, eu o lanço pela sala e ele quebra contra a parede. O som é gratificante, mas minha fúria não tem esperança de ser extinta. O homem calmo e composto se evaporou. Em seu rastro fica a besta - o monstro pronto trazer o inferno sobre esta terra.

Abrindo um armário no fundo do escritório, eu pego minha faca com ponta curva e um feixe de corda.

Alguém vai morrer.

— Vlad, — Irina chama atrás de mim. — Vlad!

Eu não consigo ouvir. Eu não consigo parar. Eu estou ficando louco. Minha cabeça está girando com aquele filho da puta tocando *minha* mulher, minha Irina.

Velho sujo.

Meu rosto será a última coisa que ele verá quando eu o cortar em fodidos pedaços.

Eu colido com Diana e Ven quando saio do meu escritório como um tornado. Diana cai contra Ven, e ele tem que segurá-la para evitar que ela caia no chão.

— Vlad? — Diana pergunta, medo escrito em suas feições.

Bom, puta. Fique assustada. Fique com um medo da porra. Esta merda termina esta noite.

— Onde está Anton? — Eu rosno tão mortalmente que ela empalidece e começa a chorar.

— Vlad, — ela implora, seus olhos se revelando com lágrimas de traição. Ela sabe. Ela sabe o que ela fez, e que eu sei também.

— Diana, — eu falo rispidamente.

Ela dá um salto com o meu tom. — E-Eu pedi a ele para ficar em seu quarto h-hoje à noite, — ela gagueja, soluços fazendo seu corpo tremer.

Eu subo a escada de três em três degraus. Irina e Diana vão atrás, meu nome em ambos seus lábios enquanto elas chamam por mim, mas eu sou mais rápido do que as duas.

Eu chuto para abrir a porta de Anton, e ele pula da cadeira em que ele está sentado.

— O que está acontecendo? — ele pergunta, o medo brilhando em seus olhos. Ele sabe. Ele sabe que sua vida termina hoje à noite.

Eu o atinjo forte com um punho fechado, saboreando o ruído de seu maxilar. Sua cabeça estala para o lado, e então ele está atacando. Mas eu tenho treinado minha vida inteira e facilmente me esquivo de seus socos. Com movimentos rápidos com os quais ele não consegue acompanhar, eu enrolo a corda em volta do seu pescoço, forço-o pelo corredor e amarro a outra extremidade da corda no corrimão.

— Vlad! — Diana e Irina gritam em uníssono.

Mas é muito tarde. Eu estou em uma névoa de fúria, e nada está me tirando dela. Eu retiro minha faca e, com impulso suficiente, eu a enfio em sua virilha, pressionando toda a lâmina até o cabo.

— Não! — Diana grita quando eu arrasto a faca para cima em seu estômago, rasgando a carne, cortando para cima até seu peito. Eu recuo, então o chuto sobre a grade.

Choros ecoam ao meu redor e gritos ressoam de baixo. Um estalo alto vem do seu pescoço quando ele quebra, e o espatifar de seus intestinos atingindo o chão de pedra causa outra onda de gritos.

Os punhos de Diana me atingem com força surpreendente.

— Não! Seu monstro! Oh, Deus, o que você fez? — Ela soluça histericamente enquanto me bate e me arranha.

— Ele era um animal, — eu rosno, afastando as mãos dela de mim.

— Eu o amo! — ela grita, seus soluços quebrados.

Eu agarro seus pulsos e arrasto-a para o quarto dela.

— Amava-o. Você o amava, Diana. Mas você não pode amá-lo agora porque ele está morto. Agora, junte sua merda e saia da minha casa, — eu rujo. Eu bato a porta, deixando-a para arrumar suas coisas.

Seus soluços se filtram pelas paredes do outro lado da porta.

Veniamin juntou-se a Irina, e ambos estão olhando para baixo para Anton balançando. Eu deveria ter saboreado a matança, mantê-lo respirando por alguns dias, o aliviado de seu pau pútrido, depois seus dedos, mãos, língua.

— Você a machucou? — pergunta Veniamin, olhando de relance para a porta de Diana.

Eu não posso lidar com essa besteira dele também.

— Você também está fodendo com ela? — Eu grito, afastando-o de mim.

Ele gira e me dá um soco, que me atinge no maxilar. Minha cabeça estala de lado, e eu rio. É verdadeiro e vem de dentro. Eu cuspo sangue e rosno com ele. — Que erro foi esse, drug. — *Amigo*.

Eu bato nele com um ombro em seu peito. Nós lutamos, batendo nas paredes e derrubando quadros no chão. Um soco no rosto dele, um soco no meu.

— Pare! Pare com isso, Vlad, maldito seja! — Irina grita, tentando nos separar.

Ven manéja para eu me forçar sobre ele, e eu caio direto em Irina. Eu sinto tudo, o meu peso colidindo com o dela e as pernas dela falhando. Ela rola de costas para longe de mim. Eu estico o braço para agarrá-la, mas não atinjo nada além de ar.

Os suaves baques enquanto ela cai escada abaixo, param o meu coração.

Ven e eu corremos para ajudá-la, mas ela está no fim das escadas antes de nós conseguirmos chegar até ela, aterrissando na poça do sangue e entranhas de Anton.

Meu pai e Vas estão de pé no final da escada olhando feio para mim.

Antes que eu possa alcançá-la, Vas recolhe rapidamente Irina em seus braços. Ela agita e tremula os olhos para mim. Sangue cobre sua pele e encharca seu vestido. Seus olhos estão cheios de dor.

Eu não consigo respirar.

— Eu estou bem, — ela murmura, tentando sair dos seus braços, mas ela está muito fraca. — Estou bem. — O domínio dele se aperta, e ele se afasta da bagunça sangrenta com minha mulher em seus braços.

Eu me dobro, aliviado por ela não estar gravemente ferida. Eu começo a ir em direção a ela, mas Veniamin desce correndo a escada, batendo ao passar por mim e sai pela porta da frente.

Desgraçado.

Meu pai me fuzila com os olhos cheio de fúria. Eu quero arrebatá-la de Vas e correr a um milhão de quilômetros de distância daqui. Estou prestes a fazer exatamente isso quando uma porta bate e eu vejo Diana com uma mochila em seus braços, olhos marejados olhando para a corda presa ao corrimão onde seu amante tarado morto está pendurado.

Eu olho de volta para Irina, mas ela se foi.

Isso não acabou.

Isso nunca acabará.

\*\*\*

Meu corpo inteiro estremece com fúria enquanto eu aperto o volante. Diana chora silenciosamente ao meu lado. Eu não consigo nem sentir pena por ela. Minha amiga de longa data fodeu tudo majestosamente. Claro, eu estava dormindo com sua irmã, mas foder seu guarda-costas sob o meu maldito telhado? Um homem que se aproveitou de sua irmã mais nova. Diana estava me desrespeitando em minha própria casa. Mentindo para mim. Mas pior, ela estava deixando aquele bastardo enfiar seu pau dentro dela - um pau que parecia muito mais interessado em se enfiar dentro de sua irmãzinha.

— Para onde nós estamos indo? — ela murmura, abraçando sua mochila ao peito.

Ignorando-a, eu dirijo pelas ruas cobertas de neve. Eu nem me incomodei em pegar um casaco. Minha raiva aqueceu a minha carne a graus doentios. Até eu ter minha Irina de volta em meus braços, eu não vou acalmar ou acomodar. Eu sei que o Pakhan está enlouquecendo sobre a cena que causamos, mas eu não consigo nem me obrigar a me importar neste momento.

Tudo o que eu me importo é com ela.

Doce Irina.

Eu preciso dela.

Eu preciso dela, porra.

— Você vai me matar? — pergunta ela, engolindo seco. Ela ergue o queixo corajosamente e olha na minha direção. Eu considere isso. Mas a tristeza de Irina me perseguiria.

— Não, — eu respondo.

Ela afunda.

— Desculpe se eu te machuquei...

— Você. Não. Me. Machucou. — eu sacudo minha cabeça para ela e digo minhas palavras. — Você fez de mim um fodido tolo na frente de todo mundo. — Pelo menos, se ela estivesse fodendo Veniamin, teria sido com um homem respeitável. Eu ainda precisaria de retaliação, mas Anton? Ele não era nada mais do que um criado. Um velho e fodido criado.

Ela começa a chorar novamente.

— Vlad, por favor... — Ela limpa o nariz com o casaco e funga. — Eu farei tudo o que puder para corrigir as coisas. Eu prometo.

— Você já fez, — eu sibilo. — Eu nunca mais quero ver seu rosto novamente.

— N-Não, eu posso c-corriger isso, — ela chora, soluços sobrecarregando sua garganta. Ela estende a mão em minha direção e agarra meu pau. — Nós podemos fazer sexo. Eu posso ser uma boa esposa. Por favor, Vlad. Eu posso consertar isso. Deixe-me consertar isso.

Eu pego seu pulso com força suficiente para tê-la chorando e o puxando para longe de mim.

— Eu estou fodendo sua irmã.

Sua tristeza desaparece e uma fúria intensa toma conta dela.

— O quê? Não! Eu não acredito em você.

— Ela geme tão gostoso quando eu gozo dentro dela, — eu provoco enquanto estaciono na entrada da minha localização. — Eu desejo arruiná-la para qualquer outro homem. Tipo como Anton arruinou você. Você é uma prostituta, e maldito seja se eu me casar com uma vagabunda usada.

— Você e eu somos amigos antes de tudo, — ela tenta. — Tenha misericórdia.

— Isto é misericórdia, e não para você, — eu ferve. — É para Irina.

Ela inclina a cabeça e seus ombros tremem com seus soluços. — Diga-me que está mentindo sobre você e ela.



— Ao contrário de você, Diana, ela era virgem. — Eu paro e sorrio malignamente para ela. — Mas eu uso o termo gentilmente, porque eu tenho fodido com ela de todas as maneiras diferentes desde então.

— Ublyudox. — *Bastardo*.

Ela começa a vasculhar sua bolsa e puxa uma arma. Eu já estou fora do carro e andando em volta do veículo. O granizo misturado com neve bombardeia meu rosto, mas isso não faz nada para esfriar a raiva borbulhando dentro de mim. Eu dou um puxão para abrir a porta dela e dou um puxão em sua arma. Ela aperta um tiro que ecoa alto em nossa volta, mas eu arranco a arma dela e jogo-a na neve. Então eu a pego pelo cabelo em uma mão e agarro sua mochila na outra, e a puxo para a enorme propriedade quase toda cercada por bosques densos. Quando eu chego na porta da frente, ela se abre, e Ruslan olha para mim em choque.

— O que você está fazendo aqui?

— Onde está Yegor? — Eu rujo, passando por ele.

— Por favor, — implora Diana. — Não me traga para cá. Vlad.

Suas palavras não fazem nada para me acalmar. Em vez disso, eu a arrasto pela casa escurecida até encontrar o escritório de Yegor. Lá dentro, ele está em sua mesa, com sua barriga gorda. Ven toma posição perto dele. Assim que Ven me vê, ele puxa uma arma e me aponta para mim. Vika e Rus entram atrás de nós e passam para o lado de Yegor, uma demonstração de força. Cômico.

— Que porra você está fazendo? — Ven exige, seu olhar cruel e maligno. Dá-me satisfação ver que seu olho está ficando preto e seu lábio inferior está rachado.

— Você já tem uma boceta que vai usar o sobrenome Vetrov. O que é mais uma? Você parece se dar bem com ela, Veniamin, — eu berro. O controle que eu normalmente tenho tão em rédea curta se foi. Foi-se completamente.

Ven dá um passo para frente, mas eu paro seus movimentos empurrando forte Diana para ele. Ele a pega e a impede de bater no chão. Eu puxo minha faca de ponta curva com uma crosta do sangue de Anton e dilacero sua bolsa.

— Ah, a queda dos poderosos, — Vika bufa para Diana. O som da parte de trás da mão de Yegor atingindo Vika ressoa ao redor do lugar, e ela atinge o chão como se uma pedra fosse jogada no oceano. Outro sinal de poder. É frágil, e mal sabe ele que eu não estou nem aí para Vika. Nem os filhos dele, pelo que parece. Veniamin está muito ocupado me encarando e confortando Diana. Patético.

— Você é um fodido idiota, — Ven vocifera, abraçando Diana com ele. Ela treme e soluça e isso me deixa doente de raiva.

— Comece a treiná-la, — eu digo a Ven friamente enquanto destruo tudo na mochila dela. — O Pakhan quer um Volkov para provar o nome deles no The Games. Eu acho que ela ganhou esta honra. — eu jogo a mochila no chão e a prendo com um olhar furioso. — Divirta-se no inferno.

# Capítulo Dezenove

## Irina

— Eu estou bem, — eu digo pela décima vez nos últimos cinco minutos.

Vas estreita os olhos para mim e dá um aceno seco. Ele é praticamente um idiota, mas ele foi útil ao me afastar da loucura do que aconteceu hoje à noite.

Anton.

Morto.

Eu estou tentando acessar os sentimentos que me permitem sentir pena dele, mas não consigo. Ele mereceu. Ele era um predador. Mas o que me mata são os gritos de horror que continuam a me perseguir - gritos que vieram da minha irmã enquanto ela observava a pessoa que ela amava ser brutalmente assassinada na frente de todos.

Eu estremeço, mas isso faz meu corpo já dolorido, doer. A queda da escada machucou, e eu sei que estarei com hematomas por dias, mas no geral, eu estou bem. Eu só quero trocar este vestido arruinado e mergulhar em um banho quente.

Minha mente continua flutuando para o olhar no rosto dele.

Olhos âmbar em chamas com ódio.

Eu fecho os meus para tentar me concentrar neles. Ele estava com raiva por mim. Matou Anton por mim. Eu sei disso com todo o meu ser. Ele queria vingança. Para massacrar o homem que me machucou. Apesar de todas as lutas e a morte esta noite, uma pequena sensação de calor me proporciona conforto.

Amanhã, vou verificar Diana, e depois irei até ele.

— Você vai ficar aqui agora, — Pakhan diz, como se estivesse lendo meus pensamentos, quando ele entra em seu escritório onde Vas e eu estamos esperando. Eu sacudo minha cabeça e abro meus olhos. Meu pescoço dói em protesto. Ele enfia seu celular no bolso.

— O-O quê?

— Diana ridicularizou o nosso nome e eu não colocarei minha outra filha em risco. Eu preciso limpar esta bagunça.

Sentado à minha frente, ele me dá um sorriso arrogante e então empurra o livro contábil da empresa pela da mesa.

— Além disso, você tem trabalho a fazer aqui. Trabalho que não parece ser feito da maneira correta na sua ausência

Vas endurece ao meu lado. Por um momento, eu sinto pena dele. O amor do Pakhan é fugaz, e Vas logo aprenderá isso. Eu espero que ele tenha aproveitado seu tempo no centro das atenções, porque agora ele passará o resto de sua vida não sendo bom o suficiente para Leonid Volkov. Nenhum de seus filhos nunca é.

Eu começo a esticar o braço para o livro contábil, mas estremeço de dor. Vas estica o braço e o pega. Ele o coloca no meu colo antes de se sentar rigidamente ao meu lado, seu foco em mim.

— Eu posso ajudar você com os livros, mas amanhã eu quero ir para casa, — eu digo ao meu pai, minha voz ligeiramente se quebrando. Não é sempre que eu o enfrento.

Ele zomba.

— Não seja tola, criança. Você nunca vai voltar para lá. Eu enviarei Vas para buscar suas coisas, mas você está em casa agora. Segura. E você fará o que lhe for dito até que eu possa arranjar para você se casar com Artur Voskoboynikov.

— Eu não vou casar com ele! — eu berro.

— Irina, — Vas fala ao meu lado e toca meu joelho.

Eu o golpeio.

— Não, eu não sou como Diana. Eu não serei forçada a me casar com alguém que eu não amo.

O Pakhan ri, e é cruel e debochado.

— Amor? Você é uma Volkov, querida. Nós não amamos. Nós fazemos negócios, e nós somos bons nisso. Você, criança, é um peão nisso tudo e você fará sua parte. Vocês todos vão fazer suas partes.

— Você nos prometeu, — eu engasgo, meu tom acusatório. — Você prometeu a nós duas que nós éramos tão boas quanto os homens do nosso mundo. Que nós podíamos governar o império e nos casar com quem escolhêssemos.

Ele bate a palma em sua mesa.

— Basta. Sua mãe encheu sua cabeça com essas bobagens, não eu. Você se casará com quem eu determinar que nos beneficie mais.

— Não... — eu começo novamente, mas o Pakhan me avisa.

— Você fará o que eu mandar, — ele rosna.

— Eu preciso ir verificar Diana, — eu estalo e fico de pé. Ainda estou fraca e tonta, e a sala gira. Vas se levanta e envolve um braço ao meu redor para me impedir de bater no chão. Ele pode ser um idiota, mas neste momento, ele é o melhor idiota no lugar certo.

— Diana está segura, — diz o Pakhan. — Eu acabei de falar com Yegor Vetrov. Ela deve permanecer lá por enquanto. Esperançosamente, ela será capaz de usar seus encantos em um dos homens Vetrov e se redimir da vergonha que ela trouxe sobre todos nós. — Ele franze o cenho para mim. — O mais velho tem sido sempre requisitado. Nem mesmo a pequena Vika Vasiliev conseguiu conquistar Veniamin. Mas sua irmã vai tentar se ela valoriza a reputação de sua família. Ela tem uma dívida conosco. E agora os Vasilievs vão querer retaliação. Nós precisamos fortalecer nosso nome com o dos nossos aliados. Então, nós podemos finalmente expulsar os Vasilievs. Nós nos tornaremos a família mais poderosa com Vas comandando o front daqui, Diana casando-se com Veniamin e você casando-se com Artur.

— Eu não vou me casar com Artur! — eu grito, meus joelhos cedendo.

Vas me traz para ele e respira contra meus cabelos.

— Cala a boca, Irina. Esqueça isso por agora.

Eu me contorço contra ele, mas estou muito fraca, e Vas é forte como uma máquina.

— Por favor, Pakhan.

— Está decidido. Eu negociarei com Iosif para ver se Ivan se casará com você em vez disso. Seria melhor do que Artur, mas não posso fazer milagres acontecerem. Isto é o melhor que podemos esperar no momento.

Uma batida estridente ressoa de algum lugar da casa, depois vários tiros. Eu grito com horror e Vas me arrasta para o canto do escritório, fora da linha de fogo. Ele tira uma arma com sua mão livre e aponta para a porta. O Pakhan já tem sua arma apontada para a porta.

Os pelos no meu braço estão em pé como se uma tempestade estivesse chegando. Eu posso sentir a carga no ar. O crepitar e o zumbido à medida que a entidade se aproxima. Meu coração salta no meu peito, e eu tento me afastar de Vas.

— Irina, — Vas sibila.

Uma besta entra no lugar. Selvagem e indomável. Cabelo escuro caindo em seus olhos, seu rosto salpicado de sangue.

Vlad.

Ele carrega uma metralhadora e a mantém apontada para o meu pai enquanto seus olhos violentos me procuram. No momento em que os dele se encontram com os meus, eles piscam com alívio. Eu solto um soluço e estico um braço tremendo no ar.

— Irina, venha, — Vlad rosna, sua voz baixa e mortal. Eu nunca o tinha visto assim. Como se ele fosse um demônio recentemente fugindo do inferno, determinado a provocar o caos na Terra.

Eu começo a me afastar, mas Vas me abraça mais forte para ele. — Não, — ele vocifera de volta.

— Ela não é sua, — o Pakhan rosna para Vlad. — Você mandou Diana embora, e ponto final.

Os olhos de Vlad brilham com fúria e a veia em seu pescoço lateja descontroladamente. Ele está absolutamente de tirar o fôlego. Um príncipe sombrio vem para salvar sua princesa em perigo. — Não é o ponto final, — Vlad ferve de raiva. — A prostituta da sua filha ridicularizou o nome Vasiliev, Leonid. Ela pode apodrecer no inferno no que me diz respeito, mas este *não* é o ponto final.

Eu estremeço com seu ódio pela minha irmã, mas minha necessidade por ele ofusca isso por enquanto.

— Vlad, — eu murmuro.

— Dê ela para mim. Agora, — Vlad grita, sua raiva mal se controlando. Se eles continuarem pressionando, eu tenho medo que meu pai vá comer um monte de balas.

— Você não vai entrar em minha casa, garoto, e...

Os olhos de Vlad escurecem. — Não me teste, velho.

Sentindo a explosão iminente, Vas me empurra para frente em direção a Vlad. Eu tropeço, e Vlad corre para mim, recolhendo-me em seu braço livre. Meus braços se envolvem em sua sólida estrutura, e eu enterro meu rosto contra seu peito.

Quente.

Segura.

Protegida.

— Você não pode simplesmente entrar aqui dentro e pegar minha filha! — O Pakhan berra.

O tom de Vlad é gelado enquanto ele cospe suas palavras.

— O cacete que eu não posso, Volkov. — Ele beija o topo da minha cabeça. — Você me deve a porra de uma esposa.

\*\*\*

Ele está em silêncio todo o caminho para casa, mas ele se acalmou consideravelmente. No momento em que entramos em seu carro, seus dedos se entrelaçaram com os meus e ele não soltou. Tudo dói e eu estou preocupada com Diana. O Pakhan disse que ela ia dar em cima de Ven. Isso deixa meus nervos se acalmando um pouco. Ven é seu amigo, e eu não acho que ele a machucaria. Provavelmente é o lugar mais seguro que ela poderia estar. Meus pensamentos ainda estão embaralhados quando Vlad estaciona em sua propriedade. Ele sai, então anda ao redor do carro para me buscar. Eu começo a andar, mas ele não permite, apanhando-me em seus poderosos braços. Ele ainda está tremendo de fúria, e eu desejo acalmá-lo de qualquer jeito que eu puder.

— Vlad, — eu murmuro e afasto o cabelo escuro de seus olhos.

Ele os fecha e para. A neve cai pesadamente e fica no seu cabelo e cílios. Ele é lindo. Um lindo monstro furioso. Todo meu.

Eu corro meus dedos pelo seu cabelo e inclino sua cabeça para baixo. Meus lábios roçam os dele. Ele pressiona um beijo duro nos meus lábios, mas depois se afasta. Olhos âmbar angustiados encontram os meus.

— Eu preciso limpá-la e avaliar o quão gravemente machucada você está, — ele diz, sua voz um som baixo gutural em sua garganta.

— Estou bem, — eu murmuro.

Seu olhar se intensifica.

— Se você está bem, então vou limpá-la e fodê-la até você não estar bem.

Eu sorrio para ele.

— Eu lamento muito.

Ele franze a testa enquanto me observa.

— Pelo quê?

— Eu lamento que as coisas não puderam ser mais fáceis desde o início. Eu lamento que todo o resto teve que acontecer para levar a isso.

Ele inclina sua testa contra a minha.

— Eu não lamento. Nem mesmo um pouquinho. Eu tenho você agora, e ninguém nunca levará você para longe de mim. Nem o seu pai. Nem o meu. Ninguém.

— Leve-me para casa então, — eu sussurro.

E ele me leva.

\*\*\*

Vlad se inclina contra o balcão do banheiro enquanto o chuveiro esquenta. Seu banheiro é muito melhor do que o meu. Um box grande com quatro saídas de chuveiros nas paredes de azulejos cinza escuro. Eu estou tonta só de pensar como isso será no meu corpo dolorido.

A maior parte da violência foi embora do olhar de Vlad, mas faíscas acendem aqui e ali. Eu nunca o tinha visto totalmente desatado até hoje à noite. Conhecer finalmente o monstro que vive dentro, de algum modo me conforta em vez de me assustar. Com movimentos lentos e trêmulos, eu retiro meu vestido e deixo-o cair no chão aos meus pés. Seus olhos deslizam sobre o meu corpo, cintilando toda vez que ele vê uma contusão infligida da queda e não de sua boca. Assim que ele termina a avaliação, eu retiro meu sutiã. Minha calcinha ainda está perdida, pelo encontro de mais cedo. Eu estou nua e toda dele.

Com um aceno satisfatório, ele começa a rasgar seu termo arruinado. Pedaco após pedaco é jogado no chão até ele estar completamente nu na minha frente. Seu pau é grosso e magnífico, projetando-se diretamente para mim. Eu admiro a forma como seus músculos ondulam ao longo de seu peito tatuado com cada respiração que ele dá. A águia imperial de duas cabeças. O nome de seu irmão está escrito nas penas de um pescoço do pássaro e seu próprio nome está no outro. Viktor e Vlad. Muitas vezes, ao longo do último mês, eu permaneci com as pontas dos dedos sobre sua carne musculosa e queria fazer perguntas. Um dia, quando eu achar que ele está pronto, eu perguntarei e espero que ele responda.

Ele vem na minha direção e coloca um braço em volta da parte inferior das minhas costas. Levantando-me, ele me carrega até que estamos sob o jato quente. Eu solto um gemido de contentamento. É bom contra minhas costas maltratadas. Ele me coloca de pé e junta meu cabelo em sua mão, inclinando minha cabeça para trás. A água



corre pelo meu cabelo e pelo meu rosto, meu rímel manchando as minhas bochechas. Eu sei que devo parecer uma assombração.

Vlad não se importa.

Vlad vê além das pinturas, vestidos e sombras.

Vlad me encontra.

Riachos da água quente correm pelo rosto dele, levando o sangue de Anton e Ven com eles. Sob os jatos de água, nós deixamos a noite de horrores ir pelo ralo.

— Eu estive atraído por você por tanto tempo, — ele admite, sua voz rouca. — Eu joguei os jogos do Pakhan, mas eu era um menino egoísta. Eu queria coisas que eu não deveria ter. — Seu nariz corre ao longo do meu. — Eu queria você.

— Antigamente?

— De algum jeito ou de outro, desde o dia em que te conheci. Quando você era criança, eu só queria que você me pintasse. Para fazer algo feio e destinado à destruição ficar bonito. Só uma vez. Eu queria ser algo bonito e digno, mesmo que só por um momento. Para capturar o verdadeiro eu em um instante e me bloquear lá. Eu queria ser seu, naquela época e para sempre. Não fazia sentido, mas meu coração sussurrava essas coisas para mim. Prometia que eu teria você um dia. Você faria mais do que me pintar, você se pintaria sobre toda minha alma.

Eu corro meus dedos pelo seu cabelo e separo meus lábios. — Eu sou sua, — eu asseguro a ele. — Eu sempre observava você. Tinha uma queda por você de longe. Um homem bonito que eu não tinha nada que querer. Mas eu queria. Eu te queria tanto, Vlad.

Ele geme e seus lábios se devoram nos meus. Sua mão forte agarra minha bunda machucada e ele me levanta. De bom grado eu envolvo minhas pernas ao redor dele e o convido todo ele a entrar em mim. Seu pau escorregadio se encaixa entre nós até deslizar bem fundo. Nós dois gememos em nosso beijo, necessitando desesperadamente dessa união mais do que qualquer outra coisa em nossas vidas.

— Eu vou casar com você, Irina, — ele murmura contra minha boca enquanto me fode. — Você vai deixar de tomar a pílula, e vou encher sua barriga com meus filhos. Nós seremos tudo o que eles não acham que nós podemos ser. Uma força poderosa. Uma união fortalecida pelos nomes de nossas famílias, mas ligada por algo muito mais profundo.

Eu o beijo com força. Nós sempre fomos mais. Um zumbido silencioso abaixo da superfície. Algo poderoso apenas esperando para

ser desencadeado e revelado. Vlad e eu fomos feitos um para o outro. Eu sei disso do fundo do meu coração. E, embora o pensamento de casar e ser uma máquina de fazer bebê nunca me atraiu - com ele, eu quero tudo isso.

Ele me fode impetuoso e lindamente em seu chuveiro. Do jeito que ele faz amor comigo, eu sei que ele está fazendo promessas. Juramentos tão palpáveis que eu posso senti-los correndo pelas minhas veias direto para o meu coração.

Isto somos nós.

Nós somos uma unidade agora, e imbatíveis.

Seu pai, meu pai, o mundo inteiro... eles são apenas trampolins. Insignificantes e indignos.

Dedos fortes deslizam entre nós, e Vlad me esfrega do jeito experiente que me faz perder a cabeça. Meu clitóris lateja por ele, e ele toca como se fosse um instrumento. Logo, eu estou gritando em êxtase, e sua semente bombeia dentro de mim, violenta e fora de controle. Minha boceta se aperta em torno dele, tentando sugar sua própria essência.

Quando seu pau amolece, ele se afasta para plantar beijos doces em todo o meu rosto até eu estar rindo. Em um raro momento de beleza roubado, Vlad sorri para mim. Sincero e de tirar o fôlego. Tudo para mim. Só para mim. Meu coração dispara no meu peito.

— Eu te amo, — eu sussurro, meus olhos prendendo os dele.

Seu olhar escurece e ele inclina sua testa contra a minha. — O que eu sinto por você é muito mais poderoso do que amor, pequena Shadow.

# Capítulo Vinte

## Vlad

Eu tenho evitado cada pessoa na minha casa. Incluindo o Pakhan. Nós ainda não nos falamos desde que eu abati Anton há pouco mais de uma semana, e eu não estou pronto para falar com ele. Eu ainda estou muito volátil. Eu preciso estar calmo e sereno quando nós falarmos.

Hoje, eu conversarei com ele, e então tudo continuará como se Diana e Anton nunca tivessem acontecido. Nós ainda temos um casamento para planejar. Eu só substituí a noiva.

— Mmmm, — murmura Irina em seu sono, sua palma esfregando meu músculo peitoral.

Eu afago meus dedos pelo seu cabelo, um sorriso nos meus lábios. Tê-la em minha cama todas as noites e acordar com ela em meus braços tem sido o paraíso. Um demônio como eu não merece um anjo, mas eu tenho um mesmo assim. E eu nunca vou deixá-la ir.

— Bom dia, — ela diz, sua voz ronca de sono. Ela se coloca de cotovelo e me dá um lindo sorriso. O sol brilha pela janela, fazendo seus cachos loiros se iluminarem. Eu nunca me canso de olhar para ela. Nunca. Na verdade, ela tira bastante a minha atenção nesse sentido.

— Bom dia, linda. — eu me inclino para a frente e beijo seus lábios. Estou prestes a levar as coisas mais longe quando o meu telefone toca na mesa. Eu gemo e o pego. — O quê?

— Isto não é jeito de falar com seu pai, — o Pakhan resmunga.

— Bom dia, Pakhan.

Eu me abstenho de falar rispidamente com ele e relaxo contra os travesseiros. Irina começa a beijar meu peito, fazendo seu melhor para melhorar meu humor. Ela sabe como meu pai arruína meus dias.

— A lua de mel acabou, filho. Eu sei que você tem a jovem Volkov escondida no seu quarto. Ela está se tornando uma fraqueza, — ele reclama.

— É por isso que você ligou? — eu pergunto, irritação se movendo em meu tom.

— Em parte, — ele responde. — Mas eu tenho mais negócios para discutir. Meu escritório em dez minutos.

— Não, — eu contesto. — Se é importante, basta dizer agora. Estou ocupado.

A linha fica muda por um momento. Irina pisca para mim, e quando eu dou a ela um sorriso encorajador, começa a beijar mais abaixo no meu torso. Sua mão aperta minha ereção e eu engulo um gemido. Minha pequena megera suja envolve seus lábios em volta do meu pau, decidida em me fazer perder a calma enquanto estou no telefone com meu pai.

— Você anunciará seu noivado esta noite, — diz ele depois de um minuto. — Eu sugiro que você encontre um anel. Eu quero o casamento feito dentro de um mês.

Irina sorri para mim ao redor do meu pau, seu pesado anel de noivado pegando a luz do sol e quase me cegando. — Eu posso fazer isso, — eu resmungo. Ele não precisa saber que eu a roubei da propriedade há três dias atrás, levei-a para a cidade e encontrei o anel mais caro que eu consegui, e depois a pedi em casamento de um jeito romântico enquanto caminhávamos pela neve a caminho de um restaurante. Esses momentos são apenas nossos. Não para olhos curiosos ou pessoas que usam essas coisas contra homens poderosos. Apesar da minha explosão na semana passada, ninguém nunca saberá o quanto eu sou completamente obcecado por essa mulher.

Ninguém além dela.

— Isso é tudo? — Minhas palavras saem como um gemido quando Irina agarra minhas bolas e leva meu pau profundamente em sua garganta.

— Como estão as mulheres?

— Irina esteve treinando-as. Elas estarão prontas e perfeitas, — eu digo a ele, grunhindo. Todas as noites, Irina e eu temos ido para baixo verificar as mulheres. Eu trabalho com Stepan, e ela com as mulheres. Ela é inteligente e lhes ensina coisas que poderiam ser úteis no The Games. No próximo inverno, essas mulheres serão sedutoras inteligentes e astutas.

— As outras mulheres, — diz o Pakhan.

— Elas estão sendo entregues hoje. Elas serão mantidas no limite da sanidade e se tornarão o fascínio perfeito para nossos jogadores mais

depravados. E com Irina trabalhando com as outras, este pode ser nosso melhor Games até agora.

Ele ri com desdém.

— O que a pequena Irina sabe sobre mostrar-lhes como levar dois paus de uma vez?

— Não é um bicho de sete cabeças, Pakhan.

Um rugido ressoa do lado dele.

— Vamos nos certificar de que suas bocetas se mantenham apertadas. Dar um ponto ou dois garantirá isso.

— Hmmm, — é tudo o que eu respondo. Minha mulher está engolindo meu pau, então eu não estou completamente interessado no que meu pai tem a dizer.

— E, Vlad, talvez eu devesse testar o que elas têm aprendido até agora. Eu vou querer ter o meu direito de escolha sobre elas, — ele resmunga.

Claro que ele quer.

— Darya está ficando entediante?

Em vez de responder, eu ouço o estalo de carne. O grito de uma mulher ressoa do outro lado, alto o suficiente que Irina solta meu pau e franze o cenho para mim.

— Darya está aprendendo a levar um punho na boceta. Ela está bem.

Irina lentamente fode meu pau com a mão, mas ela não está mais interessada em chupá-lo enquanto tenta ouvir nossa conversa.

— Agora, acabamos? — eu sou ríspido com ele.

— Nós discutiremos o resto mais tarde. Dê à minha futura nora meus cumprimentos.

Eu desligo na cara dele sem dizer tchau.

— Por que você está parando?

— O que ele estava fazendo com ela? — ela exige, ignorando-me. Fogo brilha em seus olhos azuis. É uma das coisas que eu amo nela. Uma tempestade sob seu exterior calmo. Eu gosto de liberá-la de vez em quando.

— Você realmente quer saber?

— Sim.

— Eu poderia te mostrar, — eu provoco.

As sobrancelhas dela levantam, mas ela não recua do meu desafio. — Então me mostre.

Eu mostro a ela um sorriso de lobo antes de atacá-la. Seus gritinhos são adoráveis quando eu a viro e a prendo na cama. Quando eu estico a mão para o lubrificante sobre a mesa, ela me olha cautelosamente. Eu faço um grande show ao derramá-lo sobre toda a minha mão e espalhar o lubrificante nos meus dedos. Os olhos dela estão arregalados. — Abra suas coxas.

— Vlad, — ela murmura. — O que você acha que está prestes a fazer?

Eu corro o nó do meu dedo do meio escorregadio ao longo de sua fenda, aumentando a pressão contra o clitóris. — Divertindo-me com você, — eu provoco.

Seus olhos se estreitam, mas ela não me diz não. Mesmo se ela dissesse, não é como se eu fosse muito bom em ouvir essa palavra de qualquer maneira. Eu deslizo um dedo, e depois dois dentro dela facilmente. Ela solta um gemido quando eu os curvo para cima e acaricio contra seu ponto G. Eu amo fazê-la ronronar como uma gatinha. Seu corpo cede ao meu comando e obedece tão lindamente.

— Vlad...

— Shhh, — eu digo e empurro um terceiro dedo em sua boceta.

Seu gemido é alto e seus olhos tremulam fechados. Eu esfrego meu polegar contra seu clitóris e coloco meu mindinho dentro. Sua boceta é muito apertada para eu empurrar além das juntas e deslizar mais da minha mão lá dentro. Isso me faz pensar como a pobre Darya está se saindo.

— Por favor...

— Pelo que você está implorando, pequena sombra?

— Você. Eu preciso de você.

Eu tiro meus dedos para fora e pego meu pau com a mão. Ela geme quando eu provoco sua abertura. Com um impulso rápido, eu cravo dentro de seu corpo. Eu busco sua boca com a minha e a beijo com força. Meus quadris batem contra os dela, e eu a fodo muito forte para esta hora da manhã. Mas minha doce garota aceita tudo. Ela combina com meu ritmo e arranha suas unhas dolorosamente pelos meus ombros.

Eu mordo seu lábio. Ela morde minha língua.

Eu enrolo o punho em seu cabelo. Ela agarra o meu.

Nós estamos determinados a escalar dentro um do outro.

Logo, através de casamento, nós *iremos* nos tornar um.

E o país inteiro tremerá sob nosso domínio.

— Oh, Deus, — ela grita, seu orgasmo disparando sobre ela.

Sua boceta apertada agarra em volta de mim quando ela goza, enviando-me direto ao limite. Eu gozo dentro dela, e assim como todos os outros dias desta semana, eu me pergunto se eu a engravidarei. Eu tenho me tornado totalmente obcecado em enchê-la com o meu sêmen e deixa-la grávida. Eu a quero grávida e usando meu sobrenome. E como ela não está mais tomando pílula e oficialmente minha noiva, essas coisas poderiam estar em um futuro próximo.

Quando o meu pau fica mole e meu sêmen escorre dela, eu me levanto para olhá-la. Seus olhos piscam preguiçosamente para mim e ela sorri. Os seus sorrisos serão a minha morte.

Ou talvez o começo.

Todos esses anos, eu tenho jogado pelas regras dos jogos do meu pai.

Mas então, eu peguei Irina e a fiz minha. Aquelas regras e aqueles jogos não são os que eu estou interessado em jogar.

Eu tenho um novo jogo.

E eu faço as regras.

É um jogo onde ela e eu ganhamos.

Toda e cada maldita vez.

\*\*\*

### ***Um mês depois...***

— Tudo bem? — eu pergunto enquanto caminho até ela.

Ela olha pela janela da suíte do hotel onde estamos de lua de mel e acena com a cabeça.

— É agri-doce, sabe?

Eu apareço atrás dela e a abraço. Ela ainda usa o vestido de noiva e eu, meu smoking. A cerimônia foi íntima, com apenas nossas famílias presentes. Diana não veio. Foi transmitido, através de Veniamin Vetrov para Irina, que ela tinha outros compromissos para serem atendidos. Mas o que a doce Irina não sabe é que eu proibi. Sua irmã mais velha não é bem-vinda em minha casa nunca mais. Leonid caminhou com Irina até o altar, e apesar de seus problemas, deu sua benção para que eu me cassasse com ela. Um Vasiliev casando com uma Volkov sempre foi o plano. Pode ter havido algum conflito entre as duas famílias, mas no final, a tradição e o poder venceram.

— Eu sinto muito. Ela teria chegado se ela pudesse, — eu ofereço, apertando-a para mim.

Ela se vira em meus braços e levanta uma sobrancelha. — Eu não sou estúpida, Vlad. Ela não tinha permissão para vir. Não vamos começar este casamento com mentiras.

Ela não deixa passar nada.

Eu deveria saber muito bem.

Vergonha, um sentimento incomum e estranho me percorre. Eu sou tão babaca que eu não poderia dar a ela essa única coisa?

Eu sou, infelizmente.

Eu vou compensá-la por isso, mas era algo que eu simplesmente não voltaria atrás.

— Ei, — ela murmura, suas palmas cobrindo minhas bochechas. — Eu entendo *porque* ela não tinha permissão para vir. Mas isso não muda o fato que doeu não ter minha irmã mais velha me vendo no meu grande dia. — Lágrimas brilham em suas órbitas azuis cristalinas. — No entanto eu estou feliz. Realmente muito feliz com você. Eu quero fazer isso direito. Não como nossos pais. Nós somos melhores do que eles. Mais inteligentes e mais fortes. Você e eu, Vasiliev. Somos você e eu contra o nosso mundo.

Eu relaxo e me inclino para a frente para beijar sua testa.

— Eu sou sortudo por ter você.

— Certíssimo, — ela fala, insolente.

Rindo, eu me afasto e observo minha linda esposa. A palavra parece estranha na minha língua. A maioria dos homens em nosso mundo parece incomodado por ter uma esposa, preferindo amantes sobre aquelas que carregam seus filhos. Não consigo imaginar nunca uma outra mulher. Não quando eu tenho essa. Ela é tudo para mim. Maravilhosa, feroz, muito inteligente, e o melhor de tudo: leal.



Está na hora.

De entregar a ela meu segredo.

Eu nunca me entreguei totalmente para outra pessoa, mas meu sol - minha Shadow - ganhou este direito simplesmente por ser ela.

— Venha se sentar, — eu digo a ela e gesticulo para um sofá em nossa suíte.

Ela se afasta e caminha com seu vestido branco brilhante que é mais cintilante do que a neve quando o sol espreita e a ilumina. Talvez seja a pessoa usando o vestido. Ela certamente tem um brilho que eu sou incapaz de ignorar. Enquanto ela se senta, eu ando até minha pasta que guarda meu laptop e algumas fotos que eu mantenho comigo. Eu pego a pasta e me sento ao lado dela.

Sempre paciente, ela permanece calada com as mãos cruzadas em seu colo. Os dois anéis que a ligam a mim, pousam pesadamente em seu dedo delicado. Eu amo os quão gritantes e caros eles são, praticamente gritando para qualquer um com olhos que ela não só tem dono, mas ela foi apanhada por Vlad fodido Vasiliev.

Primeiro, eu retiro as fotos e as entrego a ela. Ela dá uma olhada nelas, rindo em algumas, dizendo 'ahh' quando ela se depara com fotos de bebês, e olhando um longo tempo para uma dos meus irmãos e eu, quando os gêmeos eram bebês e eu, uma criança em idade pré-escolar. É, na verdade, minha foto favorita porque, muito embora você não possa vê-la na foto, minha mãe está segurando os gêmeos em seu colo. O Pakhan, há muito tempo, cortou a cabeça dela fora da foto - fora de todas as fotos. Mas ela ainda está lá, e ver suas mãos na imagem ajuda minhas memórias a pintar o resto de como ela se parecia.

— São doces, — ela diz quando termina.

Eu as pego e as coloco sobre a mesa de centro. — Eu amava meus irmãos. O Pakhan era um idiota, e eles não tiveram uma mãe. Eu cuidei deles e os mantive fora de problemas. Vika, como você sabe, foi precoce e andava por aí aterrorizando todo mundo. Mas Viktor? Ele era meu pequeno camarada. Nós fazíamos tudo juntos. Eu o amava tanto... o amo, certamente.

— Sinto muito por sua perda, — ela sussurra. — Eu não consigo imaginar algo acontecendo com minha irmã.

Eu retiro meu laptop e o abro. Em um arquivo criptografado, eu abro uma série de vídeos. O primeiro é do V Games do ano passado. Ele mostra Niko surgindo atrás do meu irmão, tentando esfaqueá-lo. Depois, Kami, uma lutadora habilidosa dentro do The Games esfaqueia Niko, mas ele permanece de pé. O relógio marca o fim

do The Games, e então momentos depois, mostra Niko sendo esmagado pelos gêmeos navalha - grandes filhos da puta que usam pregos em suas roupas - e morrendo após o evento oficialmente ter terminado. Nós descobrimos mais tarde, depois que eu vasculhei a filmagem, que Niko Vetrov foi condenado a ser morto por causa da minha irmã - algo que os Vetrovs obviamente não sabem. Vika, Pakhan, Viktor, eu próprio, e agora minha esposa são os únicos que sabem.

— Isso é tão brutal, — murmura Irina.

Em vez de responder, eu abro vídeos de conversa após conversa de Vika planejando com Niko eliminar Viktor. Ela o lembraria, várias e várias vezes, que seu caso de amor com seu irmão gêmeo era doente e nojento. Que nossos pais só concordariam com um resultado - ela e Niko casados, produzindo herdeiros a torto e a direito. Mesmo nos vídeos, eu poderia dizer que meu melhor amigo na época estava dividido. Ele amava Vika, eu realmente acredito nisso, mas ele amava mais o Viktor. Essencialmente, sendo que eles eram gêmeos, era como se ele pudesse ter o melhor dos dois mundos. Ela, de alguma forma, o convenceu a matar Viktor. Por sorte, ele falhou. E como uma apólice de seguro, ela se assegurou que Niko morreria para encobrir todas as suas pistas, para que a família dele não viesse atrás dela.

Vika morreria antes que ela deixasse Niko ir para a cama por aí no casamento deles, com seu gêmeo. Ao ter Niko fora de cena, ela se vingava de Viktor. Minha irmã destrói tudo o que ela toca.

Irina engasga e sua linda boca cai aberta. — Viktor e Niko? — ela sussurra.

— Você sabe como isso iria cair em nosso mundo, Irina.

Eu toco um clipe de Vika revelando a bissexualidade de Viktor ao nosso pai. O Pakhan ficou furioso, chegando até a atacar minha irmã em um acesso de raiva antes de destruir tudo em seu escritório. Há mais cliques de encontros dela com os gêmeos navalha, dando dinheiro a eles. Sem dúvida, sua apólice de seguro se Niko não executasse sua ordem corretamente. Quando todos os cliques terminam, eu estou furioso mais uma vez.

— Então, Vika ordenou a Niko matar Viktor, mas ele falhou e foi condenado a ser morto por causa disso, — ela murmura, apontando para o primeiro clipe. — Mas se ele falhou, como Viktor morreu?

Eu pego sua mão e beijo os nós dos seus dedos. — Você leva isso para sua sepultura, Shadow.

Seus olhos azuis se tornam tão arregalados como bolas de gude.

— Ele não está morto.

Meu coração esmurra no meu peito. O Pakhan o plantou bem no meio dos Estados Unidos, em um estado chamado Arkansas. Bem no meio do nada. Punição para o seu príncipe mimado. Para ser um ninguém. Para ter que se misturar com pessoas normais.

— Ele está muito vivo, — eu lhe asseguro enquanto abro outra pasta. No interior há informações sobre a localização do meu irmão. — Se alguma coisa acontecer comigo, é seu dever como minha esposa se certificar que ele continue a ser cuidado.

Ela assente com insistência.

— Sem dúvida, Vlad.

— Diana não pode nunca saber disso. Eu sei que você a ama, mas ninguém sabe que ele está bem. O Pakhan falsificou sua morte por um motivo - para forçar meu irmão a viver na vergonha e estar sozinho para o resto de sua vida. — Um rosnado ressoa através de mim, ódio por meu pai e Vika trazer tudo isso à tona. — Mas marque minhas palavras, Irina, eu o trarei de volta para casa um dia. — Eu vou encontrar um jeito. Eu vou observar e tramar e jogar este maldito jogo. E um dia, quando chegar a hora certa... — eu deixo as palavras sumirem.

— Você vai buscar seu irmão, — ela responde, seus olhos azuis queimando com ferocidade.

— Porra, se eu não vou.

Ela sorri e puxa o laptop da minha mão e coloca-o na mesa. Então, ela monta no meu colo com seu vestido bufante se amassando entre nós. Suas sobrancelhas franzem e um brilho maligno dança em seu olhar. — E Vika?

— V é para vingança, — eu murmuro. — V é para Vetrov.

Ela ri e me beija rapidamente. — O que o pobre Ruslan Vetrov fez para você, para merecer *aquilo*?

— Não é problema meu.

— Alguém deveria enviar *ela* para o The Games, — ela resmunga. — Ela é horrível. Eu a odeio pelo que ela já fez ao seu coração.

Somos dois, então.

— Com Yegor como sogro, eu imagino que cada dia é como The Games com ela. Yegor é conhecido por esbofetear uma víbora por retrucar. E isso é tudo o que Vika sabe fazer. Certamente, sua vida é um inferno lá, especialmente agora que ela está casada com Ruslan. Esse garoto é um idiota como seu pai.

— Bom. — Suas narinas dilatam.

Nenhum de nós fala sobre o fato de que Diana terá o mesmo destino. Mas ao contrário da minha irmã, Diana é uma jogadora muito melhor. Ser despejada com os Vetrovs, assumidamente Ven, a menos que Yegor decida de outro modo, foi seu melhor desfecho possível. A alternativa teria sido encontrar o mesmo destino que Anton.

Diana recebeu um perdão porque eu amo sua irmã.

— Estes jogos, — diz Irina, franzindo a testa. — Nós os estamos sempre jogando.

Eu enrolo meus dedos em seu cabelo e a aproximo para a minha boca. Correndo minha língua ao longo do seu lábio inferior carnudo, eu me deleito na dura de sua respiração. — Mas agora nós jogamos pelo mesmo time.

— O melhor time, — ela concorda, suas mãos deslizando para os meus ombros.

Eu rosno:

— O *único* time.

Nós nos beijamos forte e profundamente, selando mais um juramento.

Irina e eu somos um par imbatível.

Vil.

Vilão.

Violento.

*Vasiliev.*

# Capítulo Vinte e Um

Vlad

## Cinco meses depois...

Estamos casados há cinco meses, mas parece que foi ontem. O período de lua de mel que meu pai me assegurou que iria diminuir dentro de algumas semanas por eu ser um marido, está, na verdade, ainda a todo vapor. Meu pai nunca amou uma mulher do jeito que eu amo Irina. Se ele amasse, ele nunca teria permitido que ela escapasse de suas garras.

Eu me viro para ela e esfrego a mão em sua bunda, que está mais cheia do que costumava ser. Ela gosta de comida e eu gosto das novas curvas que seu corpo está tendo. Eu poderia navegar pelas ondas de seu corpo para sempre e nunca ficar enjoado. Ela é minha luz - ela ilumina meu céu. Meu mundo. Quando estamos juntos, faíscas voam, incendiando nós dois, e ninguém pode desbotar nosso brilho.

— Eu amo como redondo está seu quadril atualmente, solntce moyo, — eu digo a ela antes de mordê-lo como se fosse um pêssego.

Ela dá uma risadinha e me golpeia de cima dela. — Minhas roupas estão ficando um pouco apertadas.

— Você gosta da sua comida, — eu provoco.

— Eu estou carregando seu filho.

Suas palavras dançam em minha mente, mas eu não consigo compreendê-las.

— Meu filho? — eu digo, procurando seu rosto pela verdade. — Irina.

Ela morde o lábio, seus olhos dançando com amor. Assim deve ser como a verdadeira felicidade é.

— Diga isso novamente, — eu ordeno.

Ela revira os olhos e grita:

— Eu estou grávida!

— Você está grávida, — eu explodo, alegria irradiando de mim. Eu viro seu corpo para que ela agora esteja de costas, e descanso minhas mãos sobre sua barriga um pouco mais redonda - algo que eu não tinha notado até agora. A barriga com minha semente dentro, crescendo e florescendo.

— Obrigado, — eu murmuro. É o mais vulnerável que eu já me permiti estar na frente de qualquer um e eu quero realmente dizer esta palavra. Ela trouxe de volta partes de mim que eu pensei que tinha perdido. Ela me recuperou das profundezas da escuridão - do sofrimento de perder meu irmão. Ela brilhou sua luz sobre mim e aqueceu meu coração gelado. Eu subo seu corpo e beijo seus lábios. — Eu te amo, — eu revelo com um rosnado.

E então eu mostro a ela o quanto.

\*\*\*

Eu verifico meu relógio e me pergunto se duas horas é tempo suficiente para Irina se recuperar da nossa atividade sexual exaustiva desta manhã. Com base em como ela apagou imediatamente depois, completamente exausta, eu imagino que ela poderia ter mais uma hora. Meu filho está crescendo dentro dela, afinal, e tem sido pelos últimos três meses, ela divulgou mais tarde.

Deixando meu escritório, eu vejo Stepan no pé da escada com as mãos repousando nos ombros de Irina enquanto ela olha para o chão.

Mas que diabos?

Ele remove as mãos quando me vê aproximando, e Irina limpa uma lágrima caindo de sua bochecha. Meus instintos protetores me fazem esticar o braço e agarrá-lo pelo pescoço, batendo suas costas na parede.

— Vlad! — Irina grita, puxando meu braço.

*Eu acho que não, doce menina.*

— Você tem dois segundos para me dizer por que suas mãos estavam na minha esposa, — eu rosno, saliva pulverizando seu rosto.

Ele não se esquivava ou luta contra mim. Ele sabe que não deve.

— Eu só estava pedindo a ele para proteger Diana no The Games, — Irina chora, exasperada.

Eu ranjo meus dentes, depois solto Stepan. Ele rola a cabeça sobre seus ombros grossos e alisa sua camisa.

Ah, sim, o The V Games.

O The Games está se aproximando rapidamente, e o zum-zum-zum da expectativa é frequente. Diana está para entrar no The Games em apenas três meses. Eu tinha sugerido meus desejos, sem esperar totalmente que alguém ouvisse. No entanto, uma mudança foi feita recentemente por Yegor e Leonid. Eu não achei que Ven permitiria que ela entrasse, mas algo aconteceu que nós não estamos a par.

Ainda.

Eu descobrirei.

Eu sei tudo, e eu saberei sobre isso também.

Eu não enviei uma víbora para a casa deles apenas para puni-la. Vika é útil para informações. Uma cobra pequena e esperta.

— No futuro, você vem a *mim*, solntce moyo. Agora, vá comer. Você está comendo por dois agora. — Eu a beijo no topo da cabeça.

— Desculpe, Vlad. Ela é minha irmã.

— E eu sou seu marido. Seu coração e quem ele ama são meus para proteger. Eu sempre vou proteger você.

Ela funga e afaga uma mão na minha bochecha.

— Eu te amo, — ela sussurra. Eu me conforto em seu toque e lamento quando ela se afasta. Eu olho sua silhueta se retirando enquanto ela sobe a escada e desaparece de vista.

Voltando minha atenção para Stepan, eu sigo o olhar dele enquanto ele traça os passos de Irina com os olhos.

— Ela está grávida? — Ele parece derrotado.

— É da sua conta? — eu resmungo. Observando-o, seus olhos demorando em Irina muito tempo, muitas vezes. Eu aperto o cerco sobre ele. — Você me representará no The Games, honrando a habilidade dos Vasiliev para treinar verdadeiros guerreiros. Diana fez seu próprio destino.

Um vinco se forma em sua testa.

— E sobre o que Irina pediu para mim?

Eu mais uma vez agarro sua garganta e aperto.

— Irina é seu mestre?

É preciso um aperto extra, mas depois os seus olhos lacrimejam sem sua permissão, a raiva que eu estive persuadindo dentro dele transbordando. — Não, senhor, você é meu mestre, — ele engasga.

— Isso mesmo. Eu sou. — eu o solto e me inclino no ouvido dele.  
— Quem é seu alvo no The Games?

— Artur Voskoboynikov, — ele responde, e eu sorrio.

— Bom.

Muito bom.

\*\*\*

Eu procuro Irina e a encontro em seu estúdio. Eu sei que é loucura, mas quando eu não a vejo por algum tempo, sinto falta dela. Seus lábios, seu aroma, suas palavras, sua bocetinha bonita. Se ela não está empoleirada na cadeira em frente da minha mesa todos os dias, digitando em seu laptop enquanto ela calcula números não só para a Volkov Spirits, mas para todas as minhas contas, ela está pintando em seu estúdio. Os números a fazem se sentir útil, mas a pintura a faz sorrir. Ela está tão feliz, o que me deixa realmente feliz.

— Olá, minha linda esposa, — eu saúdo com um sorriso. — Eu trouxe o almoço para você. — eu entro em seu espaço e coloco à frente o sanduíche que eu pedi a Rada para fazer. Assim que as mulheres Volkov entraram em minha casa há muitos meses atrás, Rada recuou e parou de tentar chamar minha atenção. Agora, ela apenas faz seu fodido trabalho que ela é paga para fazer.

— Eu tenho algo para te mostrar, — ela irradia, pingos de tinta dando a ela sardas coloridas.

— Hã? — eu questiono, movendo-me vagorosamente pelo chão e pegando-a em meus braços. Seus lábios estão macios e quentes, e meu pau se endurece quando sua língua molhada serpenteia para provocar a minha.

— Você me cativou, Vlad, desde que eu era garotinha. Para mim, você queima mais brilhante do que qualquer sol, e não há lugar em que eu prefira estar do que aqui em seus braços. Usando seu anel. Carregando seu filho. Quando eu vejo você, é uma visão perfeita. Você é minha inspiração, — ela suspira, afastando-se de mim. Ela pega uma tela, virando-a e colocando-a em um suporte.

Meus olhos rastreiam a imagem olhando de volta para mim. Sou eu. O sol iluminando meu rosto. Há cores dentro de mim que eu nunca tinha visto antes, todas elas capturadas na versão de mim que ela deve ver. As pinceladas são delicadas e precisas. Há um sorriso nos meus



lábios e eu espreito através dos meus cílios. É a expressão que eu devo ter quando estou olhando para ela antes de devorá-la.

Este é o ‘eu’, que eu sempre quero ser.

— É lindo, solntce moyo.

— Você é lindo, moye luna.

# Epílogo

Diana

## ***The V Games...***

Tanta coisa aconteceu em um ano.

Minha irmã, eu tomei conhecimento através dos Vetrovs, está inchada com o filho de Vlad. Uma sobrinha ou um sobrinho. Parte prole do diabo e parte do anjo. Mas ainda assim, metade da minha doce irmã. Tristeza me invade por tudo que eu tenho perdido - ela a maior perda.

Como eu acabei aqui?

Ódio surge através de mim como uma monção<sup>13</sup>.

*Homens.*

Homens são a razão.

Homens maus.

Intitulados homens de merda que pensam que podem fazer o que diabos eles quiserem.

Eu perdi tudo por causa dos homens. Despojada do meu poder, minha empresa, minha dignidade, minha irmã - minha vida.

Eles pensam que eu vou morrer no The Games. Eu sei disso, e em parte, acho que meu pai preferiria isso. Esquecer o passado como a família Vasiliev fez com o pobre Viktor. Aqueles filhos da puta têm algo que os espera.

Eles não vão acabar comigo.

Eu dou um tapinha no cabo de uma faca que minha irmã enviou para mim, que está enfiada no cós da minha calça sob minha camisa. Ela chegou embrulhada usando o pretexto de um lindo vestido, uma foto recente da minha irmã grávida, junto com alguns cachecóis. Minha irmã, apesar de viver com o inimigo, não me esqueceu. Ela me enviou o próprio item usado para matar Anton. Ela foi limpa e afiada, mas eu a usarei para estripar os monstros no The Games.

---

<sup>13</sup> Monção (do árabe: estação) é a designação dada aos ventos sazonais, em geral associados à alternância entre a estação das chuvas e a estação seca

Eu matarei todos eles.

Bem, todos menos um...

Viver sob o mesmo teto que Vika se revelou útil. Ela explode e revela verdades com raiva. Sua língua é como um pote de ouro para alguém colecionando munição contra as Famílias Principais.

Todos eles conhecerão minha ira.

Cada pessoa que me traiu provará o aço da minha lâmina.

— Você não precisa fazer isso, — diz Irina, agarrando minha mão. Eu sou arrastada dos meus pensamentos sedentos de ódio e observo minha irmã. Eu não a tenho visto desde que Vlad tão grosseiramente me arrancou de sua casa e me largou no território de outro.

Ela está linda.

Madura e elegante.

Uma rainha em nosso mundo.

Estou dividida entre desejar a ela toda a felicidade e esperar que seu horrível marido morra mil mortes, deixando a ela e os seus filhos sozinhos. A culpa, porque eu ainda amo minha irmã, prevalece. Eu quero que ela seja feliz. Ela, de todas as pessoas, merece isso.

— Deixe-me falar com Vlad, — ela sussurra, apertando minha mão. — Ou o Pakhan. Talvez Veniamin. Eu falarei com todos eles.

Mas é muito tarde.

Eu estou aqui. Já foi decidido.

Eu lutarei até a morte no The Games.

Se ela soubesse que Vlad colocou isso em movimento há muitos meses atrás e o Pakhan concordou com tudo.

Dor invade o meu peito.

Por *ele*.

Não Vlad.

Veniamin.

Não queria que as coisas chegassem a este ponto. Eu nunca quis quebrá-lo tanto.

Mas eu quebrei.

E esta é a minha punição.

Eu não estou me referindo ao The Games, mas à dor esmagadora no meu peito. O aperto do meu coração e a deflação da minha alma.

Eu o quebrei.

Eu me quebrei.

Eu nos quebrei.

Com um suspiro triste, eu afago meus dedos pelo cabelo sedoso de Irina antes de puxá-la para mim e segurá-la com força. Eu a amo tanto, mas minha mente está uma bagunça. Minha pequena sombra se arrastou detrás de mim e levou tudo o que deveria ser meu.

Eu não a odeio por isso. Eu não conseguiria odiá-la nunca. Aquelas ações me levaram para onde minha alma realmente pertencia.

Para ele.

Para Veniamin.

Se as coisas não tivessem chegado no ponto que elas chegaram, eu nunca teria conhecido o amor e devoção verdadeiros nos últimos meses. O que eu tinha com Anton era diferente. Confuso e errado. Levaram-se meses e meses de reflexão para eu perceber isso. Anton veio a mim quando eu tinha apenas dezesseis anos. Fez coisas que nenhum homem na idade do meu pai deveria ter feito com uma adolescente. Eu não falava sobre isso. Simplesmente o deixei usar meu corpo porque ele jurou que me amava e nós estávamos predestinados. Eu era uma garota muito idiota, e me apaixonei por cada palavra manipuladora.

Ven, quando eu vim morar com eles, abriu meus olhos e me ajudou a ver. Fez-me perceber o monstro que era Anton. Por um momento, eu pensei que finalmente tinha encontrado a felicidade. E então, tudo foi por água abaixo.

Olhando sobre a cabeça da minha irmã enquanto nos abraçamos, eu busco pelo lugar por Ven, mas ele não está aqui. Ele não conseguiu nem me encarar. Nem mesmo para dizer adeus. Eu certamente não o culpo.

— Diana, — Vas cumprimenta.

Irina afasta-se quando Vas me puxa para dentro de seus braços. Eu permito, mas não o abraço de volta.

— O Pakhan me pediu para lhe dar isso. — Ele me entrega a faca da família, nosso brasão decorado no cabo. — Traga honra ao nome dele, — ele me disse.

Eu agarro a arma pela lâmina, fechando minha palma em torno dela e saboreando a picada quando ela me corta. Irina ofega e dá um passo para trás quando meu sangue pinga em seu sapato.

Eu bato a arma contra o peito de Vas e falo com desprezo:

— Este é o único sangue que eu estarei derramando por essa família. Eu conquistarei o The Games para mim, ninguém mais. Ele não tem honra.

— Diana, — Irina suspira, mas eu não sou a irmã que ela uma vez conheceu. Eu fiquei endurecida pelo sofrimento e desgosto.

— Irina, venha, — Vlad chama, convocando minha irmã. Sua voz é mais fria e mais dura do que eu me lembro. No entanto, eu não recuo. Eu estou mais fria e mais dura também.

Nossos olhos se chocam brevemente, mas a raiva que eu um dia vi neles se dissipou com o tempo. Minha traição me tornou lixo, já ele, fazendo a mesma coisa com minha irmã, rendeu-lhe uma esposa e a Volkov Spirits. Isto concedeu-lhe uma criança crescendo dentro da barriga de Irina.

Eu sorrio em sua direção, destemida.

Não vou derramar lágrimas ou sangue por oportunidades perdidas. Ele não é digno da minha vingança. Eu tenho minha vingança definida no homem que roubou a minha vida.

Yegor Vetrov.

Eu vou em direção ao baú de armas e tiro minhas peças favoritas. O relógio soa à minha direita e a grade sobe atrás de mim, separando-me do resto das pessoas no lugar.

Irina grita para mim:

— Ya lyublyu tebya. — *Eu te amo.*

— Boa sorte, — diz Vas e acena a cabeça.

Eu esfrego o sangue da minha palma sobre minha camisa e sorrio. Eu vou vencer o The Games. Ganhar minha liberdade e ir buscar o império que é meu por direito.

*Todos vocês colherão o que plantaram.*

E então haverá um novo mestre neste mundo fodido. Todo *homem* aprenderá a se curvar aos meus pés. Eu governarei todos eles.

*O fim, por enquanto...*